

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
PPGPSI

**ANÁLISE DA OCORRÊNCIA DO BULLYING NO
CONTEXTO ESCOLAR DE PARINTINS/AMAZONAS**

MARIA ANGÉLICA DE SOUZA DA SILVEIRA

MANAUS - AM

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
PPGPSI

MARIA ANGÉLICA DE SOUZA DA SILVEIRA

**ANÁLISE DA OCORRÊNCIA DO BULLYING NO
CONTEXTO ESCOLAR DE PARINTINS/AMAZONAS**

Dissertação de mestrado apresentada como parte
das exigências para a obtenção do grau de Mestre
em Psicologia da Universidade Federal do
Amazonas

Orientadora: Prof^a Dr^a Suely Aparecida do Nascimento Mascarenhas

MANAUS - AM

2013

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S587a Silveira, Maria Angélica de Souza da
Análise da Ocorrência do Bullying no Contexto Escolar de Parintins/Amazonas / Maria Angélica de Souza da Silveira. 2013
105 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Suely Aparecida do Nascimento Mascarenhas
Dissertação (Mestrado em Psicologia: Processos Psicossociais) -
Universidade Federal do Amazonas.

1. bullying. 2. educação básica. 3. bem-estar psicossocial. 4. saúde e escola. I. Mascarenhas, Suely Aparecida do Nascimento II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

MARIA ANGÉLICA DE SOUZA DA SILVEIRA

“Análise da Ocorrência do Bullying no Contexto Escolar de Parintins/Amazonas.”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, na Linha de Processos Psicossociais.

Aprovado em 11 de outubro de 2013.

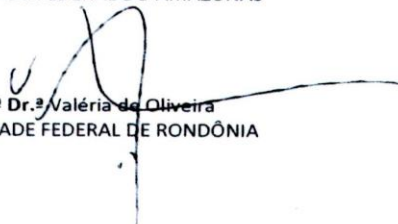
BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dr.ª Suely Aparecida do Nascimento Mascarenhas
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS



Prof.ª Dr.ª Maria Alice D'Ávila Becker
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS



Prof.ª Dr.ª Valéria de Oliveira
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

Dedico esse trabalho aos meus pais,

Riomar e Maria

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Suely Aparecida do Nascimento Mascarenhas, pelo acolhimento, orientação, confiança, parceria e valiosa contribuição na elaboração dessa dissertação.

Agradeço a Universidade Federal do Amazonas pela oportunidade de realizar esse trabalho.

Agradeço a Sra. Nadir Thomassen Corrêa, diretora da escola campo, pelo acolhimento, compreensão, atenção e colaboração para a realização dessa dissertação.

Agradeço a todos os professores da escola campo que me receberam sempre com muita simpatia em suas salas de aula e dispuseram parte de seu tempo de trabalho para que eu pudesse junto aos alunos aplicar o questionário sobre bullying escolar.

Agradeço aos alunos, sujeitos dessa pesquisa, por concederem suas valiosas opiniões sobre o tema que norteou esse trabalho: bullying escolar.

Agradeço a todos aqueles que direta ou indiretamente se fizeram presentes nessa caminhada.

Agradeço à minha família por seu carinho, apoio e incentivo.

Agradeço a CAPES pelo auxílio financeiro dispensado durante a realização desta pesquisa.

Agradeço ao meu marido Salim pelo companheirismo, apoio e incentivo, pela confiança em mim; teu carinho e todo teu cuidado sempre!

Agradeço aos meus filhos Lucas e Joana que trouxeram consigo uma beleza imensa e toda a recompensa de um amor sem fim...

Agradeço à Maria, uma grande amiga e irmã de coração, obrigada pela companhia cumplicidade, pelos ensinamentos, saudades de ti!

Finalmente, agradeço a Deus: “Você se fez presente em todos os momentos, firmes e trêmulos. E, passo a passo, pude sentir a Sua mão na minha, transmitindo-me a segurança necessária para enfrentar meu caminho a seguir... A Sua presença é qualquer coisa como a luz e a vida, e sinto que, em meu gesto, existe o Seu gesto e, em minha voz, a Sua voz.”

(Vinícius de Moraes).

Quando nada parecer ajudar, eu vou e olho o cortador de pedras martelando sua rocha, talvez cem vezes sem que uma só rachadura apareça. No entanto, na centésima primeira martelada, a pedra se abre em duas, e eu sei que não foi aquela que a conseguiu, mas todas as que vieram antes.

Jacob Riis

SUMÁRIO

RESUMO.....	10
ABSTRACT.....	11
1. INTRODUÇÃO.....	12
2. CARACTERIZAÇÃO DO BULLYING.....	14
2.1 O que é bullying?.....	14
2.2 Bullying: um panorama mundial.....	19
2.3 Os envolvidos com a prática do Bullying.....	27
2.4 Fatores causais do bullying.....	31
2.5 Consequências do bullying.....	34
2.6 Objetivo Geral.....	36
2.7 Objetivos específicos.....	36
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	37
3.1 Participantes.....	37
3.2 Instrumento.....	37
3.3 Procedimentos de coleta de dados.....	37
3.4 Procedimento de análise dos dados.....	39
3.5 Considerações éticas.....	39
4. CARACTERIZAÇÃO DO MINICÍPIO DE PARINTINS.....	39
5. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA CAMPO.....	41
6. RESULTADOS.....	42
7. DISCUSSÃO.....	63
8. CONCLUSÃO.....	79

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
10. REFERÊNCIAS.....	87
11. ANEXOS.....	92
12. 1 Anexo 01 - QIMEI: Questionário sobre Intimidação e Maltrato Entre Iguais - Educação Básica.....	92
12. 2 Anexo 02 – Termo de consentimento livre e esclarecido.....	102
12. 3 Anexo 03 – Carta pedindo autorização a escola campo.....	104

RESUMO

O bullying escolar é na atualidade um dos temas que vem despertando cada vez mais interesse de profissionais da área de educação e saúde em todo o mundo. Trata-se de um problema mundial, encontrado em todas as escolas, que vem se disseminando largamente nos últimos anos e que só recentemente vem sendo estudado em nosso país. Caracteriza-se como uma forma de violência gratuita em que a vítima é exposta repetidamente a uma série de abusos, causando angústia e sofrimento. No Brasil as investigações de natureza científicas procurando melhor compreender o fenômeno ainda se dão de forma incipiente. Dentro disso é de extrema importância estudos abordando essa temática como forma de contribuir com esclarecimentos mais consistentes acerca do diagnóstico e prevenção do fenômeno. Essa investigação teve como objetivo analisar a ocorrência do fenômeno bullying entre os estudantes do ensino fundamental de uma escola pública no município de Parintins/Amazonas. Foram recrutados 300 alunos, de ambos os sexos, matriculados regularmente nos 4º, 5º, 6º, 7º, 8º e 9º ano do Ensino Fundamental. A coleta dos dados foi feita por meio do QIMEI – Questionário sobre intimidação e maltrato entre iguais – estudantes do ensino fundamental, com um conjunto de questões (n=35) fechadas. Os dados foram submetidos ao auxílio do programa estatístico SPSS versão 20. Considerando-se as propriedades psicométricas do instrumento junto à amostra. Constatou-se que uma parcela significativa dos estudantes 138 (46%) já sofreram intimidação, em algum momento, por parte dos próprios colegas na escola. Para os autores (36%), os motivos que os levaram a maltratar os colegas foram às provocações recebidas dos mesmos. Outro achado relevante é o local de maior incidência do bullying que foi a sala de aula, na ausência (39%) e na presença do professor (30%) dos relatos. Concluiu-se que o bullying é um fenômeno presente no ensino fundamental do município de Parintins/Amazonas, se configurando como um fenômeno universal presente em toda e qualquer escola.

Palavras chave: bullying; educação básica; bem-estar psicossocial; saúde e escola

ABSTRACT

Bullying at school is today one of the subject that has attracted increasing interest from professionals in education and health worldwide. It is a worldwide problem that happens in all schools, which has been disseminated widely in recent years and have been studied only recently in our country. Characterized as a form of causeless violence in which the victim is repeatedly exposed to a lot of abuse, causing anguish and suffering. In Brazil, the approach of scientific investigations looking for better understand about the phenomenon is still incipient. Thus, studies addressing this issue are extremely important as a way to contribute more consistently with better understanding about the diagnosis and prevention of the phenomenon. This research aimed to examine the occurrence of the phenomenon bullying among elementary school students in a public school in the city of Parintins / Amazon. We recruited 300 students, of both sexes, regularly registered in 4th, 5th, 6th, 7th, 8th and 9th grade of elementary school. Data collection was done through QIMEI - Questionnaire on intimidation and mistreatment between equals - high school students with a set of closed questions (n = 35). Data were analyzed with the support of SPSS version 20. Considering the psychometric properties of the instrument with the sample. It was found that a significant portion of the 138 students (46%) had experienced bullying at some time, from their own peers at school. For authors (36%), the reasons that led them to mistreat colleagues were provocations received from them. Another relevant factor is the location of the highest incidence of the reports of bullying that was the classroom, in the absence (39%) and in the presence of the teacher (30%). It was concluded that bullying is a phenomenon present in elementary school in the city of Parintins / Amazonas, stated as a universal phenomenon present in any school.

Keywords: bullying; basic education; psychosocial well-being, health and school

1. INTRODUÇÃO

Na atualidade o tema “violência” tem chamado atenção das pessoas em geral, ocupando amplo espaço na sociedade e despertando atenção dos pesquisadores de várias áreas do conhecimento, interessados em compreender um fenômeno que atinge diferentes sociedades e diversificados segmentos da população.

Nas últimas décadas a violência tornou-se parte do nosso cotidiano em nossa sociedade, nesse sentido, a escola como uma instituição pertencente a ela, também acaba envolvida por esse problema. A violência atinge os territórios do entorno dessas instituições e, por extensão, também se estende para dentro desses espaços em proporções crescentes (LEME, 2009).

Dentro disso, o século XXI desponta com o estudo de um tema cuja discussão cresce, grandemente, tanto nas universidades quanto nas escolas e na mídia: o bullying, como é conhecido hoje, no Brasil, ou, simplesmente, intimidação e violência entre pares. O fenômeno se refere a todas as formas de atitudes agressivas, verbais ou físicas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente e são exercidas por um ou mais indivíduos, causando dor e angústia, com o objetivo de intimidar ou agredir outra pessoa sem ter a possibilidade ou capacidade de se defender, sendo realizadas dentro de uma relação desigual de forças ou poder, como bem menciona a (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA MULTIPROFISSIONAL DE PROTEÇÃO À INFÂNCIA E A ADOLESCÊNCIA - ABRAPIA, 2003).

Esse tema ganha mais destaque ainda, quando se verifica que os envolvidos são jovens, adolescentes e crianças, indivíduos que estariam em fase de socialização e em uma instituição que tem por pretensão e objetivo iniciais a transmissão da cultura de modo sistematizado, assim como a preparação dos sujeitos para a vida adulta com base nos conhecimentos produzidos e acumulados pela humanidade (ANTUNES, 2010).

Em linhas gerais o bullying é um fenômeno universal e democrático, pois acontece em todas as partes do mundo onde existem relações humanas e onde a vida escolar faz parte do cotidiano dos jovens. No que concerne à sua prática, o mesmo pode acontecer em diversos contextos, nas instituições de ensino, no local de trabalho, na casa da família, nas prisões entre outros. No entanto o contexto social, que é palco da maior prevalência de bullying, é o ambiente escolar, talvez porque esse é o principal microsistema em que se dão as interações entre pares (LISBOA; KOLLER, 2004 apud

LISBOA; BRAGA; EBERT, 2009). O fenômeno não escolhe classe social ou econômica, escola pública ou privada, ensino fundamental ou médio, área rural ou urbana. Está presente em grupos de crianças e jovens, em escolas de países e culturas diferentes.

O bullying vem se expandindo em todo o mundo. Segundo Fante e Pedra (2008) em 2000, os índices apontavam que de 7 a 24% dos alunos estavam envolvidos, hoje os índices evidenciam crescente envolvimento, de 5% a 35%. Dados obtidos pelo Centro Multidisciplinar de Estudo e Orientação sobre Bullying Escolar (Cemeobes), em 2007, revelam que a média de envolvimento dos estudantes brasileiros é de 45% acima dos índices mundiais (FANTE; PEDRA, 2008). O mais grave é que crianças na mais tenra idade escolar já apresentam envolvimento e evidências dos prejuízos sofridos.

Em meio ao cenário preocupante que o fenômeno bullying pode acarretar aos seus envolvidos, o código penal propôs mudanças para 2013, com punições mais rigorosas para quem o pratique esse ato perverso. Nas mudanças de reforma do código penal o bullying foi incluído entre os crimes contra a liberdade pessoal. Atualmente a prática do bullying não é crime, no entanto, se essa modificação for aprovada o autor desse tipo de violência terá punição de um a quatro anos de prisão. Sendo assim, crianças e adolescentes que praticarem esse tipo de constrangimento ilegal reiterada vezes estarão sujeitas a punição prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente (FILHO, 2013).

Considera-se que a saúde é um bem pessoal indisponível, constituindo-se num direito de cidadania. Sua proteção e promoção é um dever do estado responsável pela criação e manutenção de condições ambientais promotoras do bem-estar psicossocial. No entanto, é indispensável que se alcance de fato os princípios morais e sociais que todo o cidadão tem direito. Conforme descreve o artigo 5º da Constituição (1988): “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade” (CONSTITUIÇÃO, 1988,).

O direito ao respeito consiste segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) no seu art. 17, “na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, idéias e crenças, dos espaços e objetos pessoais”.

Ainda de acordo com o documento supracitado, no seu art. 18, o direito a dignidade é conceituado como sendo o “dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor”.

Contudo, observa-se que no contexto dos estabelecimentos de ensino tem-se encontrado, com frequência, práticas de condutas incompatíveis com as suas finalidades, dentre elas atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que bem caracterizam o fenômeno do bullying.

Há que se atentar também para um novo método de bullying, conhecido como cyberbullying que tem sido observado com uma frequência cada vez maior no mundo. Essa nova prática surgiu em decorrência dos avanços tecnológicos, onde são utilizados aparelhos e equipamentos de comunicação como meios de difundir, de forma avassaladora, difamação e calúnia.

Sabe-se que o bullying escolar tem sido bastante explorado, no Brasil, por todos os tipos de mídia, embora as investigações de natureza científica, buscando melhor entender o fenômeno, ainda sejam poucas numerosas. Dentro disso, em levantamento bibliográfico feito acerca do fenômeno percebe-se que há uma grande escassez de estudos abordando o tema no estado do Amazonas e nenhuma referência do mesmo foi encontrada no município de Parintins. Diante disso, esse estudo é de grande relevância em âmbito nacional e principalmente para o contexto do município de Parintins/Amazonas, por se tratar de uma investigação inédita acerca do fenômeno do bullying na Educação Básica nessa localidade.

Identificar esse fenômeno nas escolas pode diminuir problemas relacionados à aprendizagem e aumentar a qualidade do ambiente de ensino na educação básica. Assim, estudar esse fenômeno através da percepção dos alunos quanto a sua presença no ambiente escolar parece ser uma medida fidedigna na contribuição de medidas eficazes no combate desse fenômeno na escola.

2. CARACTERIZAÇÃO DO BULLYING

2.1 O que é Bullying?

As brincadeiras fazem parte do universo infantil e são importantes para o processo de socialização das crianças e adolescente, elas acontecem de forma natural

entre os pares dentro da escola ou fora dela. Tem por finalidade divertir, interagir, sensibilizar, aproximar e incluir. Porém, quando esse tipo de conduta passa a ter a intenção de prejudicar o outro, ultrapassando o limite de sua aceitação, com atitudes inconseqüentes e tendenciosas colocando-o em posição de inferioridade e dominação, pode originar o bullying.

O bullying é uma forma de violência gratuita em que a vítima é exposta repetidamente a uma série de abusos, por meio de constrangimento, ameaça intimidação, ridicularização, calúnia, difamação, discriminação, exclusão, dentre outras formas, com o intuito de menosprezar, inferiorizar e humilhar (FANTE; PEDRA, 2008). Pode ocorrer em diversos espaços da escola ou fora dela, como também em ambientes virtuais, denominado bullying virtual ou siberbullying, onde os recursos da tecnologia da informação são utilizados no assédio, pode abranger todos os níveis sócio-econômico, faixa etária e gênero, é uma forma de abuso que ocorre de várias formas e em várias idades.

O vocábulo bully pode ser traduzido como valentão, tirano, brigão. Como verbo, bully, significa tiranizar, amedontrar, brutalizar, e o substantivo bullying descreve o conjunto de atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetitivos praticado por um indivíduo (bully) ou grupo de indivíduos com o objetivo de intimidar ou agredir outro indivíduo, ou grupos de indivíduos incapazes de se defender (FANTE, PEDRA, 2008).

Durante muito tempo, comportamentos como o de apelidar e/ou “zoar” de alguém podem ter sido vistos como inofensivos ou naturais da infância e da relação entre as crianças e adolescentes na escola. Porém, esse tipo de conduta passou a ser seriamente considerada em decorrência de situações dramáticas que têm ocorrido em diversas partes do mundo envolvendo crianças, adolescentes e jovens que invadem escolas e matam pessoas e/ou cometem suicídio; situações que se apresentaram ligadas a perseguições e maus-tratos entre pares na escola, o que bem caracteriza o bullying.

O bullying ainda é um termo pouco conhecido do grande público. Segundo Smith (2002), o interesse no estudo sobre o tema data dos dez ou vinte anos, tamanha a preocupação dos profissionais ao perceber a capacidade da agressão de gerar traumas, muitas vezes irreversíveis. Apesar de a expressão bullying ser ainda novidade para muitos, vale ressaltar que este fenômeno é muito antigo, sendo mais uma faceta da

violência que perpassa as relações humanas em todas as sociedades. Essa forma de violência não é um problema isolado e nem específico do nosso país, é um problema mundial, sendo encontrado em toda e qualquer escola, não estando restrito a nenhum tipo específico de instituição: primária ou secundária, pública ou privada, rural ou urbana.

Tudo se iniciou com os trabalhos do professor Dan Olweus na Universidade de Bergen – Noruega (1978 a 1993) considerado o pioneiro nas pesquisas sobre o tema e com a campanha nacional anti-Bullying nas escolas norueguesas (1993). No início dos anos 70, Dan Olweus iniciava investigações nas escolas sobre o problema dos agressores e suas vítimas, embora as instituições não mostrassem um interesse sobre o assunto. Esse pesquisador desenvolveu a primeira grande investigação sistemática sobre o tema (ALBINO; TERÊNCIO, 2009). Ao pesquisar as tendências suicidas entre adolescentes Olweus descobriu que a maioria desses jovens tinha sofrido algum tipo de ameaça e que, portanto, o bullying era um mal a ser combatido (CAVALCANTE, 2004).

No entanto, não podemos generalizar, precisamos ter em mente que nem todas as atitudes que acontece no ambiente escolar é bullying. Para que uma atitude seja identificada como bullying é preciso que nos atentemos para alguns critérios.

Olweus, 1970 *apud* Bernardini e Maia (1990) desenvolveu os primeiros critérios para detectar o problema de forma específica, permitindo diferenciá-lo de outras possíveis interpretações, como incidentes e gozações ou relações de brincadeiras entre iguais, próprias do processo de amadurecimento do indivíduo. Ao estudar o fenômeno, esse pesquisador estava interessado em três características: (1) na intencionalidade do comportamento (tem o objetivo de provocar mal-estar e ganhar controle sobre outra pessoa); (2) no comportamento que é conduzido repetidamente e ao longo do tempo (este comportamento não ocorre ocasionalmente ou isoladamente, mas passa a ser crônico e regular, isso corresponde a no mínimo duas vezes no ano letivo); e (3) no desequilíbrio de poder encontrado no centro da dinâmica do bullying, normalmente os agressores vêem as suas vítimas como um alvo fácil.

Igualmente Fante (2012) que é uma das mais conhecidas pesquisadoras sobre o assunto e pioneira nos estudos sobre o tema no Brasil considera uma atitude bullying quando identificamos na ação as seguintes características: a intencionalidade de causar danos; a persistência e continuidade das agressões contra o mesmo alvo; a ausência de

motivos que justifiquem os ataques; a assimetria de poder entre as partes; os prejuízos causados às vítimas.

Na maioria dos países onde se estuda o fenômeno emprega-se o termo em inglês. No entanto, existem alguns países que utilizam outros termos de sua língua sem que se perca o significado. Na Noruega e na Dinamarca, por exemplo, usa-se o termo mobbing; na Suécia e na Finlândia mobbning; na França hercelement quotidien; na Itália prepotenza ou bullismo; no Japão yiime; na Alemanha aggressionen unter shülern; na Espanha acoso e amenaza entre escolares ou intimidación. Em Portugal o termo já é empregado de forma politicamente correta. No Brasil, tivemos dificuldade para encontrar um termo equivalente que expresse o fenômeno com a mesma amplitude do termo em inglês. Segundo Fante e Pedra (2008) o termo intimidação não expressa às diversas e complexas possibilidades de ações empregadas nesta síndrome psicossocial, já que a intimidação é apenas uma das várias formas empregadas por autores de bullying.

De acordo com Silva (2010) o fenômeno pode se manifestar de diversas formas, como, por exemplo, a verbal com a utilização de insultos, ofensas, falar mal, colocar apelidos pejorativos, “zoar”; na forma física ou material, como bater, empurrar, beliscar, roubar, furtar ou destruir pertences da vítima; na forma psicológica, humilhar, excluir, discriminar, chantagear, intimidar, difamar; na forma sexual como abusar, violentar, assediar, insinuar; e por último de forma virtual ou cyberbullying, bullying realizado por meio de ferramentas tecnológicas, como celulares, filmadoras, internet, dentre outras. (SILVA, 2010).

Algumas atitudes podem se configurar em formas diretas ou indiretas de praticar o bullying. A forma direta é mais comum entre os meninos, sendo as atitudes mais comuns nessa modalidade os xingamentos, tapas, empurrões, murros, chutes, apelidos ofensivos e persistentes. Já o bullying indireto é a forma mais frequente entre as meninas e crianças menores. Caracteriza-se basicamente por ações que levam a vítima ao isolamento social, sendo que as estratégias mais utilizadas são a difamação, boatos cruéis, intrigas e fofocas, rumores desagradáveis sobre a vítima entre outras. Entretanto, sabe-se que dificilmente a vítima recebe apenas um tipo de maus-tratos, frequentemente os comportamentos desrespeitosos dos bullies vêm sempre acompanhados de uma gama deles.

Sua natureza repetitiva caracteriza-se quando uma mesma pessoa é alvo de agressão por diversas vezes e não consegue se defender de maneira eficaz para cessar a agressão (OLWEUS, 1993 *apud* FANTE; PEDRA, 2008). Já o desequilíbrio de poder é marcado pela diferença de idade, pelo tamanho, desenvolvimento físico ou emocional e pelo maior apoio dos colegas dos envolvidos no episódio (FANTE, 2005; OLWEUS, 1993 *apud* ANTUNES, 2010).

Entretanto Smith (2002) nos chama a atenção para o fato de que esses dois critérios não são completamente aceitos pelos estudiosos do tema embora seja empregado amplamente. Sendo assim uma ou duas ocorrências de agressão e, por exemplo, apelidar alguém mais forte mesmo que essa pessoa esteja ausente, também poderiam ser aceito como bullying. Contudo, para Olweus (1993 *apud* ANTUNES, 2010) não se pode afirmar que uma briga ou discussão entre dois estudantes de mesma força (física ou psicológica) pode ser consideradas bullying.

Segundo Fante (2005) há de se notar que o bullying ocorre nas relações interpessoais, entre pares. Portanto, não faz sentido tipificar condutas de destruição de propriedades públicas ou abuso na relação adulto/estudante ou estudante/adulto, já que estas não caracterizam relações entre pares. A autora menciona ainda, que a ausência de motivos que justifique os ataques é um dos fatores que deve ser levado em conta na identificação de uma ação bullying. Há ainda que se considerar o desequilíbrio de poder entre as partes, cujo diferencial está ao nível dos jovens, podendo ser percebido em relação à diferença entre forças físicas emocionais ou sociais, o que proporciona o processo de vitimização contínua e ganho de status por parte do agressor o que garante a sua popularidade aceitação e temor dos demais companheiros (FANTE; PEDRA, 2008).

O bullying se caracteriza por um desejo inconsciente e deliberado de maltratar alguém e colocá-la sob tensão. Segundo Fante e Pedra (2008) esse desejo resulta em um conjunto de comportamentos agressivos e cruéis, que se tornam intrínseco às relações interpessoais, no qual os indivíduos mais fortes se divertem às custas de indivíduos mais fracos, por meio de brincadeiras que disfarçariam a intenção de maltratar e intimidar.

De acordo com Ortega-Ruiz e Del Rey (2002), professoras do Departamento de Psicologia da Universidade de Servilha, citado por Silva (2010) o bullying caracteriza-se como um tipo de vinculação interpessoal claramente perverso na qual uma pessoa é dominante enquanto a outra é dominada; uma controla e a outra é controlada; um exerce

o poder tirano, enquanto a outra deve submeter-se as regras com as quais não concordam e claramente a prejudicam. Tais autoras destacam que,

Essa relação asfixiante entre iguais pode terminar conduzindo, em pouco tempo, a uma relação de violência e maus tratos sustentados. Trata-se de um tipo de rede social caracterizado em seu foco central pelo par agressor-vítima, e rodeado por um conjunto de papéis complementares, que o tornam um fenômeno complexo, de natureza sociocultural e com efeitos perversos para todos os que dele participam (SILVA, 2010, p. 108).

Para Martins (2005) o bullying engloba ações como agressões físicas, roubar ou estragar objetos, extorsões de dinheiro, forçar comportamentos sexuais, obrigar a realização de atividades servis, insultar, apelidar, debochar de características e do comportamento do outro, fazer comentários racistas ou que digam respeito a qualquer diferença no outro, exclusão sistemática de uma pessoa, realizar fofocas e boatos, ameaçar excluí-lo do grupo com o objetivo de obter algum favorecimento, ou, ainda, de forma geral manipular a vida social do outro, além de ameaçá-lo de que o fará no futuro.

Segundo Ferreira e Tavares (2009) o comportamento bullyinista geralmente surge quando a criança ou adolescente não quer aceitar uma diferença, podendo envolver religião, raça, estatura física, peso, cor dos cabelos, deficiências visuais, auditivas e vocais; ou uma diferença de ordem psicológica, social, sexual e física; ou relacionado à força, coragem e habilidades. Já Lopes Neto (2005) menciona que esse tipo de violência é uma forma de afirmação interpessoal que se mostra a través da agressão.

2.2 Bullying: um panorama mundial

Dizem que o fenômeno bullying é tão antigo quanto à própria instituição escolar. Mesmo sendo tão antigo e já tendo sido objeto de preocupação e de investigações isoladas por ter comprometido a vida de estudantes no passado, não há registro concreto sobre o bullying antes da década de 70. Foi somente no início dessa década que o tema passou a ser alvo de estudos científicos sistemáticos. Tudo teve início na Suécia, onde grande parte da sociedade desse país começou e se preocupar com o estudo da violência

entre estudantes, bem como suas conseqüências no âmbito escolar, logo depois o interesse pelo tema se expandiu pelos demais países escandinavos¹.

Na Noruega o tema foi por longo tempo motivo de apreensão entre pais e professores que utilizavam os meios de comunicação para relatar seus temores e angústia sobre os acontecimentos. Ainda, assim as autoridades educacionais daquele país não demonstravam grande interesse pelos acontecimentos ocorridos no âmbito escolar e não se posicionavam de maneira efetiva sobre o problema.

No entanto, no final de 1982 uma tragédia começou a reescrever a trajetória do bullying naquele país: três crianças, com idade entre 10 e 14 anos, haviam cometido suicídio no norte da Noruega. As investigações do caso apontaram, como principal motivação da tragédia, as situações de maus tratos que tais jovens foram submetidos por seus próprios colegas de escola. Em resposta houve uma grande mobilização nacional diante dos fatos, com isso o Ministério da Educação da Noruega realizou, em 1983, uma campanha de grande repercussão visando ao combate do bullying escolar, o que despertou a atenção das instituições de ensino para o problema.

Foi nessa época que Dan Olweus, pesquisador da Universidade de Bergen, Noruega, que foi um dos pioneiros no estudo sobre violência no âmbito escolar. Iniciou uma pesquisa onde reuniu aproximadamente 84mil estudantes, quase quatrocentos professores e cerca de mil pais de aluno. Nesse estudo todas as séries foram observadas, o que corresponderia, atualmente no Brasil a representantes desde o primeiro ano do ensino fundamental até o último ano do ensino médio. Dan Olweus tinha como principal objetivo avaliar as taxas de ocorrência e as formas pelas quais o bullying se apresentava na vida escolar das crianças e adolescentes de seu país (SILVA, 2010).

Como resultado de sua pesquisa Olweus em (1989) citado por Silva (2010) reuniu alguns apontamentos no livro *Bullying na escola: o que sabemos e o que podemos fazer* (ainda não publicado no Brasil). Nessa edição inglesa o Professor Peter Mortimore, do Instituto de Educação da Universidade de Londres, destaca no prefácio que,

Como o professor Olweus mencionou como conclusão de sua pesquisa, agora sabemos que é necessário querer fazer algo a respeito de um problema que causa tanta dor e infortúnio (e em casos extremos, suicídio) a muitos e muitos jovens. Pelo bem deles, este é

¹ A Escandinávia é uma região no norte da Europa que abrange, dentre outros, a Suécia e a Noruega

um livro que merece ser lido com muita atenção (SILVA, 2010, p. 103)

O livro teve muita repercussão, porque além de apresentar e discutir o problema sugeria maneiras de identificar possíveis vítimas e autores de bullying, além de apontar estratégias para intervir. O estudo constatou que um em cada sete alunos estava envolvido com bullying, tanto no papel de vítima como no de agressor. Esses achados mobilizaram toda a sociedade civil e deu origem a uma campanha nacional antibullying, que teve todo o apoio do governo Norueguês. Essa campanha teve resultados positivos e em pouco tempo houve uma redução significativa de 50% dos casos dessa prática no ambiente escolar. Tal iniciativa teve tanta repercussão que deu origem a formação de campanhas antibullying em outros países, dentre eles a Inglaterra, o Canadá e Portugal (SILVA, 2010).

Conforme Silva (2010) os estudos de Olweus deram origem a um programa de intervenção antibullying que teve como objetivos aumentar a conscientização sobre o problema para desfazer mitos e conceitos errados a respeito do bullying e promover apoio e proteção às vítimas de violência escolar. O próprio Olweus afirmou que as condutas bullying estão presentes, de forma igual, ou até superior em outros países, dentre os quais a Suécia, a Finlândia, Inglaterra, Estados Unidos, Holanda, Japão, Irlanda, Espanha e Austrália (SILVA, 2010).

A campanha antibullying se expandiu e extrapolou fronteiras, muitos países passaram a imitá-la, como foi o caso do Canadá, Grã-Bretanha, Portugal, Espanha, Itália, Alemanha, Grécia e Estados Unidos. Nesses países pesquisas davam conta da dimensão preocupante que o bullying assumia.

Na Grã-Bretanha, início da década de 1990 um estudo constatava que 37% dos alunos do ensino fundamental e 10% dos alunos de ensino médio confirmaram ter sofrido bullying pelo menos uma vez por semana. Achados parecidos foram encontrados em países como Portugal, onde em uma população de 7 mil alunos, um em cada 5 alunos (22%) entre 6 e 16 anos foi vítima de bullying na escola. Na Espanha os níveis de envolvidos apontados eram em torno de 15 a 20% dos estudantes em idade escolar, como bem menciona (SILVA, 2010).

Nos Estados Unidos, o fenômeno já é reconhecido como um problema global. Segundo Silva (2010) estudos apontam que 13% de crianças entre 6 e 10 anos de idade admitem já ter presenciado episódios de bullying e 11% disseram ser vítimas. Ainda nos

Estados Unidos, dados coletados pelo Centro Médico Infantil Nacional Bear Facts estimam que cerca de 5.700.000 meninas e meninos estão envolvidos em casos de bullying como autores, vítimas ou autores-vítimas, desses, aproximadamente 3% (cerca de 160 mil) passam a recusar a escola por motivo de doença ou usando-a como pretexto (SILVA, 2010).

O bullying ocorrido nas escolas figurou algumas vezes nas manchetes de jornais por razões particularmente horríveis, como em 1997, nos Estados Unidos, na cidade de West Paducah, Kentucky, onde um adolescente de 14 anos atirou contra colegas, matando 4 deles e uma professora, além de 5 feridos. Em 1998 em Springfield Oregon, dois adolescentes de 17 e 18 anos mataram dois colegas e feriram outros 20. Outra tragédia foi registrada em Littleton, Colorado, onde dois estudantes protagonizaram a tragédia de Columbine, matando 12 colegas, um professor e deixaram dezenas de feridos, depois se suicidaram. Em abril de 2007, em Blackburg, Virgínia, o estudante Cho Seung-Hui, da Universidade de Virgínia Tech, EUA, foi protagonista do maior massacre em escola do mundo. O jovem atirou contra colegas e professores, deixando 32 mortos e 29 feridos e suicidou-se logo depois.

Em novembro de 2007, na cidade de Tuusula, Finlândia, um jovem isolado pelos colegas de escola, depois de transitar na internet um vídeo intitulado “Massacre na Escola Jokelma”, deixou oito mortos e muitos feridos. Na cidade Alemã de Erkut, também não foi diferente, em abril de 2002, um jovem de 19 anos chacinou dezesseis pessoas, duas garotas, treze professoras, uma secretária e um policial que atendeu ao chamado de emergência, em seguida suicidou-se. Outra tragédia marcou Londres, no dia 27 de novembro de 2000, Damilola, um menino de 13 anos, foi esfaqueado na perna por colegas da escola primária Oliver Goldsmith, em Peckham, subúrbio do sul de Londres. Outras tragédias também ocorreram no Canadá, no Japão, na Escócia, na Argentina e também no Brasil.

Em meio a tantos acontecimentos trágicos envolvendo escolas e alunos envolvidos em episódios de bullying, o que se sabe é que em muitos países, há um consenso na idéia de que o combate ao fenômeno continua uma missão mais atribuída às escolas do que aos tribunais. De acordo com Fante (2013) no Reino Unido, todas as escolas são obrigadas a ter um plano antibullying e que integre normas disciplinares claras. Afirma ainda, que no Canadá e EUA foram introduzidos no currículo escolar,

planos de prevenção contra o bullying, podendo as escolas ser responsabilizadas por omissão.

Na Noruega, foi instituído em todas as escolas um programa que prevê, entre outras medidas, que devem ser tomadas em conjunto, a adoção de regras claras, a constituição de comissões antibullying nas escolas, a capacitação de docentes e demais profissionais para a intervenção, a realização de encontros com estudantes e pais de envolvidos e a aplicação de medidas de apoio às vítimas. Já em Portugal, o bullying está sendo amplamente discutido e foi incluído no Programa Educação para a Saúde associado a saúde mental, deve integrar o projeto educativo das escolas; em vários outros países estão sendo desenvolvidas legislação específicas, assim como programas direcionados as escolas (FANTE, 2013).

No Brasil o estudo sobre violência escolar ganhou maior atenção na década de 80. Nessa época o foco desses estudos estava no diagnóstico da violência escolar em várias cidades do país. Nesses estudos eram priorizados os grandes problemas de violência escolar, as depredações, os furtos e as invasões de prédios escolares, em que não havia atividades (ANTUNES, 2010).

Já na década de 90 as pesquisas realizadas sobre violência escolar eram de natureza descritiva e com intenção de diagnosticar a violência. Entretanto parte do diagnóstico era de natureza quantitativa; esses estudos objetivavam a percentagem de jovens de cada gênero, em algumas regiões do país que estavam envolvidos em situações de violência na escola, como agressões físicas, discussões e ameaças (ANTUNES, 2010). Nesse tocante, percebe-se que de uma década para outra, o padrão da violência mudou, ou, pelo menos, o foco dos estudos.

No entanto, o século XX encerra com mudanças no caráter das práticas de violência estudadas, passando de depredações, furtos e invasões de prédios escolares e dar lugar para agressões verbais, físicas e ameaças. Nesse quadro, o século XXI surgiu com o estudo de um tema cuja discussão ganha cada vez mais atenção na atualidade, no mundo todo, tanto nas universidades, quanto nas escolas e também na mídia, em função do seu aumento nas escolas, inclusive brasileiras: o bullying, como é denominado na literatura internacional ou simplesmente intimidação e violência entre pares como também se denomina no Brasil.

Como dito anteriormente, as pesquisas de Olweus sobre o tema se expandiu para outros países além da Noruega e como reflexo desses estudos o tema chega ao Brasil

nos fins dos anos de 1990 e início de 2000. No Brasil, as pesquisas e atenção voltadas ao tema ainda se dão de forma incipiente, só começou ser abordado junto à sociedade a partir de 2000 quando Cleo Fante e José Augusto Pedra realizaram uma pesquisa séria e bastante abrangente com um universo de 2 mil alunos de escolas públicas e privadas da região de São José do Rio Preto, onde os resultados mostraram índices surpreendentes, 49% dos participantes estavam envolvidos com o fenômeno, desses, 22% eram vítimas, 15% agressores e 12% vítimas agressoras. O estudo permitiu pela primeira vez traçar o perfil das vítimas no Brasil, são normalmente, tímidas, com algum aspecto físico ou comportamental marcante, com destaque para a obesidade e a baixa estatura. Já os alvos têm, em média, 11 anos, são meninos e meninas com poucos amigos e que não reagem frente às provocações (CHALITA, 2008)

Outros estudos mostraram resultados semelhantes, como os encontrados pela Abrapia (2002) no município do Rio de Janeiro. Em uma população pesquisada de 5.875 alunos, 40,5% estavam envolvidos em casos de Bullying, onde 17% eram vítimas, 13% agressores 11% vítimas agressoras. Em 2006, o Instituto SM para a Educação (ISME), apresentou resultados de pesquisas realizadas em alguns países, dentre os quais Argentina, México, Brasil, Espanha e Chile. Os resultados foram surpreendentes, pois o Brasil foi apontado como campeão em Bullying. A pesquisa contou com a participação de 4.025 alunos, de escolas públicas e particulares, de 6ª e 8ª série do ensino fundamental e 2º ano do ensino médio. Os resultados mostraram que 33% foram insultados ou alvos de comentário maldosos, 20% apanharam e 8% foram assediados, física ou verbalmente na escola (FANTE, PEDRA, 2008).

Outra pesquisa de cunho nacional foi realizada pela ONG Plan, envolvendo as cinco regiões brasileiras e mostrou alguns dados inéditos acerca da realidade do problema, essa pesquisa ela não é representativa da realidade brasileira, mas nos dá pistas a respeito do bullying nas escolas. Segundo Fante (2013) participaram dessa pesquisa um grupo de 5.168 estudantes de 5ª a 8ª série, esses dados nos mostrou que 70% dos estudantes relataram ter visto pelo menos uma vez durante o ano letivo de 2009 um colega sendo alvo de violência na escola. No sudeste esse índice é de 47%, enquanto no nordeste esse índice é de 44%. Já com relação aos alunos que foram vítimas de violência, o índice é de 27,8%. A região Sudeste foi a que mais encontrou-se vítimas seguida da região Centro-oeste e a região Nordeste foi a que demonstrou um índice menor de bullying. Quanto aos autores de bullying a região Centro-Oeste é a que

mais incidiu, seguida da região Sudeste. As vítimas, como na maioria dos países o maior número de envolvidos são os meninos, tanto como vítima e como autores. As vítimas sofrem mais os maus tratos verbais seguidos dos que os maus tratos físicos e sala de aula é o local com maior incidência de bullying, com ou sem o professor (FANTE, 2013).

No Brasil há registros de alguns casos extremos de alunos vítimas de bullying que protagonizaram cenas dramáticas de violência. Em janeiro de 2003, em Taiúva (a 363 quilômetros de São Paulo), o adolescente Edmar Aparecido de Freitas deu fim a uma vida de humilhações e sofrimentos. Apelidado e perseguido constantemente por ser obeso durante 11 anos, perdeu 30 quilos, e as perseguições mudaram de conteúdo e passou a ser conhecido por “vinagrão” por ingerir vinagre diariamente para perder peso. Quando completou 18 anos comprou um revólver e disparou contra cinquenta pessoas, durante o horário de recreio da escola onde estudou, os disparos atingiram 7 pessoas, todas sobreviveram, mas um ficou com seqüelas físicas, logo depois dos disparos suicidou-se com um tiro na cabeça.

Mais um caso dramático registrado no Brasil aconteceu na cidade do Remanso, norte da Bahia, a 650 quilômetros de Salvador, no ano de 2004. Após muitas humilhações e depois de receber baldes de lama sobre sua cabeça, um rapaz de 17 anos, matou 2 pessoas e feriu mais 3, o jovem também tentou o suicídio, mas foi impedido e desarmado. Outro caso envolvendo condutas de bullying que culminou com a morte de um adolescente ocorreu na cidade de Silva Jardim (RJ). Samuel Teles da Conceição, de 17 anos, um rapaz tímido e quieto, foi alvo de constantes ofensas e brincadeiras maldosas. Em setembro de 2008 ele foi espancado com socos na cabeça, dentro da sala de aula e no pátio da escola, por vários colegas de classe. Os motivos de tais agressões foi o mais banal possível, simplesmente os agressores não aprovaram seu novo corte de cabelo. Dias depois, o adolescente faleceu, vítima de meningocéfalite purulenta e contusão cerebral.

Um dos casos mais recentes que a mídia noticiou ocorreu em 30 de abril de 2013, em uma Escola Pública Estadual Paulista. Dessa vez a vítima que protagonizou a cena trágica foi uma jovem de 17 anos, a mesma desferiu um golpe de faca do lado esquerdo do peito de um aluno de 16 anos, autor das provocações. O motivo de tal agressão seria a perseguição constante que a jovem vinha sofrendo há cerca de 3 meses, por ser nordestina, ter a pele escura e apresentar sotaques na sua fala, era perseguida

diariamente, com chacotas, humilhações, ameaças e por último até agressões físicas. Não aguentando tamanha humilhação, ela parte para a agressão física chegando ao limite de sua tolerância.

Nesses casos, o jovem ou criança não está mais pensando em si. Não se importam com o que venham a acontecer naquele momento, o desejo de vingança de quem lhes tormenta é maior e assim torna-se a vítima cega a tudo que o cerca, essas situações acontecem com maior incidência quando a criança já não tem mais nenhuma sensação de amparo e não vê mais solução para o problema, ou seja, a criança pensa que ninguém lhe dá ouvidos, ninguém intervém em seu auxílio, ninguém se importa e ninguém irá conter o agressor de qualquer outro modo (HABER; GLATZER, 2012).

Em meio a várias situações envolvendo episódios de bullying no Brasil, onde muitos casos tiveram um desfecho trágico, alguns projetos de leis estão em discussão, em níveis municipais, estadual e federal. Segundo Fante (2013) em nível federal, um projeto de lei já foi aprovado pela Comissão de Segurança Pública e Combate ao Crime Organizado e pela Comissão de Educação, na Câmara dos deputados em Brasília. Será analisado, ainda, de forma conclusiva, pelas comissões de Finanças e Tributação e de Constituição e Justiça e de Cidadania. De acordo com as leis as escolas devem instituir programas preventivos, compostos por um conjunto de ações que visem reduzir o problema e incentivar a cultura da paz. Dentre as ações, podemos citar a capacitação de docentes e equipe pedagógica, para o diagnóstico, intervenção e encaminhamentos de casos; formação de equipes multiprofissionais para estudos e atendimentos de casos; envolvimento da comunidade escolar nas discussões e desenvolvimento de ações preventivas; estabelecimento de regras claras sobre o bullying no Regimento Interno Escolar; orientações às vítimas e seus familiares, dentre outras (FANTE, 2013).

Apesar das iniciativas serem de extrema relevância social, percebe-se que muitas das leis ainda são “letras mortas”. O segundo estado brasileiro a legislar sobre o tema foi Santa Catarina, com isso se converteu em exemplo no combate ao bullying, promovendo junto às escolas públicas e privadas, discussões e orientações em seminários regionais, distribuição de materiais educativos direcionados aos estudantes, por meio de histórias em gibi. O primeiro Estado brasileiro a legislar sobre o tema foi Paraíba e o primeiro município foi João Pessoa, uma parceria entre a Assembléia Legislativa, Escola do Legislativo, e o Ministério Público Estadual.

Pesquisas ao redor do mundo apontam para a expansão dessa problemática para os próximos anos em todo o mundo. Acredita-se que de 5% a 35% das crianças em idade escolar estejam envolvidas em condutas agressivas no ambiente educacional. Incluem-se nessa estimativa tantos os agressores quanto às vítimas. No entanto, os espectadores ficaram fora dos índices, o que nos faz supor que as crianças e adolescentes envolvidos indiretamente com o fenômeno sejam bem superiores ao estimado.

O que se percebe é que há um movimento de enfretamento ao bullying. Sabe-se que combater o fenômeno não é tarefa fácil, já que não se trata de um problema específico das escolas, mas de um problema social mais amplo, complexo e multifacetado que acontece com frequência fora das instituições de ensino. Por isso a escola deve abrir espaço para discutir o tema com a participação de toda a comunidade escolar docentes, discentes, pais e demais profissionais, mas também deve contar com a participação, envolvimento e apoio de outros segmentos, como a família, o comprometimento de governos na aplicação de políticas públicas e criação de projetos, apoio de instituição que assegure os direitos de crianças e adolescentes, capacitação de profissionais de educação, saúde, assistentes sociais, dentre outros, para criação de programas eficazes.

2.3 Os envolvidos com a prática do bullying

Os sujeitos envolvidos com o fenômeno do bullying dividem-se em autores de bullying, alvo de bullying, alvo/autores de bullying e testemunhas, sendo que esta última pode assumir o papel de auxiliares, caso participe ativamente da agressão; incentivadores, caso incitem e estimulem o autor; apenas observadores, ou defensores, caso protejam o alvo ou busquem auxílio de outrem (ANTUNES, 2010).

Os envolvidos com a prática de bullying classificam de acordo com o papel desempenhado na ação. Os alvos do bullying são alunos que sofrem bullying; os alvos/autores de bullying são alunos que ora sofrem, oram praticam bullying; os autores de bullying são alunos que praticam bullying; já as testemunhas de bullying são alunos que não sofrem nem praticam bullying, mas presenciam (ABRÁPIA, 2003).

Lopes Neto (2005) descreve as características comuns aos envolvidos nesse ato. Segundo ele os autores de bullying são geralmente indivíduos populares; tendem a se

envolverem em uma variedade de comportamento anti-sociais, podem mostrar-se agressivos inclusive com adultos, são impulsivos, veem a agressividade como uma qualidade, tem opiniões agressivas sobre si mesmo, geralmente é mais forte que seus alvos, sentem prazer e satisfação em dominar, controlar e causar danos e sofrimentos a outros. Podem manter um pequeno grupo ao seu redor como estratégia para auxiliar em seus atos agressivos ou é apontado para agredir o alvo. Já as vítimas ou alvos são os alunos expostos, de maneira repetida e contínua às ações negativas perpetradas por um ou mais alunos. Considera-se as ações negativas aqui mencionadas, aquelas situações em que alguém de forma repetida e intencional, causa dano, fere ou incomoda o outro.

Tal autor menciona ainda que os alvos ou vítimas de bullying apresentam algumas características peculiar, sendo indivíduos poucos sociáveis que não dispõem de recursos, status ou habilidades para enfrentar ou cessar o bullying, geralmente são inseguros e desesperançados no que tange a possibilidade de adequação ao grupo, tem baixo-autoestima, poucas amizades, são retraídos, passivos, infelizes e sofrem com a vergonha, bem como o medo, a depressão e ansiedade (LOPES-NETO, 2005). Estes adolescentes costumam sentir vulnerabilidade, medo ou vergonha intensa e uma auto-estima cada vez mais baixa, aumentando a probabilidade de vitimização continuada

Além do mais, as vítimas costumam apresentar sintomas físicos do stress provocado pela intimidação como dor de cabeça, estômago, tonturas, lesões corporais frequentes, e psicológicas, como mudanças repentinas de humor, baixo rendimento escolar, resistência em frequentar a escola, medo de falarem público, e perda ou danificação de objetos pessoais (SILVA LEME, 2009).

Já com relação às testemunhas, Lopes Neto (2005) pontua que a grande maioria não se envolve diretamente com a prática de bullying, por medo de serem as próximas vítimas, por não saberem como agir e por não crêem nas condutas da escola. Esses sujeitos, por viverem em um ambiente de tensão, em que as relações entre os pares estão deterioradas, geralmente se sentem desmotivados e conseqüentemente não sentem vontade de frequentar a escola, além de ter que lidar com sentimento de insegurança e medo constante de vir a ser o próximo alvo do autor (LOPES-NETO, 2005).

Ainda com relação aos sujeitos envolvidos nesse ato, Lemos (2007) nos indica que o agressor costuma está numa posição de poder, autoridade e admiração, atingindo a vítima com constantes emissões de ameaças, intimidação, apelidos pejorativos,

gozações, humilhações, ofensas, intrigar, xingamentos, agressões físicas, discriminação, xingamento, insultos, perseguição, chantagem, dentre outros.

Segundo Lemos (2007) os espectadores ou testemunhas, por diversas razões, costumam presenciar o fato, entretanto nada fazem, ainda que não sejam favoráveis ao ato. Já em relação às vítimas, tendem a ter um perfil típico que envolve a timidez, a ansiedade, bem como a falta de habilidade para se impor. Essas, segundo o autor, muitas vezes possuem uma característica física ou comportamental marcante, como obesidade, baixa estatura, sardas, entre outras que a destaca e faz diferente dos demais, despertando a atenção do agressor.

Almeida; Silva e Campos (2008) afirmam que os autores comumente têm pouca empatia, freqüentemente pertencem a famílias desestruturadas, com pouco apoio dos pais. Já os alvos não dispõem de recursos, status ou habilidade para reagir, geralmente são pouco sociáveis, inseguros, baixa auto-estima, alguns se acham merecedores das agressões, têm poucos amigos, são passivos e quietos. Quanto às testemunhas, grande maioria se cala para não se tornarem os próximos alvos. Afirmam ainda que muitos se sentem incomodados com o que veem e inseguros sobre o que fazer.

No que se refere ao envolvimento com o fenômeno a literatura menciona que há um pequeno predomínio dos meninos em relação às meninas. Isso pode estar relacionado ao tipo de atitudes agressivas que os meninos utilizam, são atos mais visíveis, como, por exemplo, a força física. No entanto as meninas costumam praticar bullying por meio de intrigas, fofocas e isolamento das colegas. Isso faz com que muitas dessas atitudes não sejam percebidas tanto na escola como no ambiente doméstico.

Segundo Silva (2010) os bullies (agressores) escolhem os alunos que estão em franca desigualdade de poder, seja por situação socioeconômica, situação de idade, de porte físico ou até porque numericamente estão desfavoráveis. Menciona ainda que, as vítimas, de forma geral, já apresentam algo que destoa do grupo (são tímidas, introspectivas, nerds, muito magras; são de credo, raça ou orientação sexual diferente e, dentre outros). Este fato por si só já as torna pessoas com baixa autoestima e, portanto, são mais vulneráveis aos ofensores. Não há justificativas plausíveis para a escolha, mas certamente os alvos são aqueles que não conseguem fazer frente às agressões sofridas.

Na escola os bullies (agressores) costumam fazer brincadeiras de mau gosto, gozações, colocam apelidos pejorativos, difamam, ameaçam, constroem e menosprezam alguns alunos. Furta m ou roubam dinheiro, lanches e pertences de outros

estudantes. Costumam ser populares na escola, divertem-se às custas alheias e estão sempre enturmados.

Já as vítimas de bullying se tornam reféns do jogo do poder instituído pelos agressores. Raramente elas pedem ajuda às autoridades escolares ou aos pais. Agem dessa maneira, acreditando que essa postura é capaz de evitar possíveis retaliações dos agressores e por acreditarem que, ao sofrerem sozinhos e calados, pouparão seus pais da decepção de ter um filho frágil, covarde e não popular na escola (SILVA, 2010).

Cada personagem dessa trama costuma apresentar alguns comportamentos típicos no ambiente escolar. As vítimas, por exemplo, no recreio encontram-se sempre sozinhas, isoladas do grupo ou perto de algum adulto que possa protegê-las. Na sala de aula apresenta postura retraída, tem muita dificuldade de se expressar diante da turma e deixa transparecer sua insegurança. Apresenta faltas frequentes, estão sempre tristes, deprimidas ou aflitas, aos poucos vão afastando dos afazeres escolares e nos casos mais graves apresentam marcas corporais como hematomas, arranhões ou ferimentos.

Com relação aos agressores, começam com brincadeira de mau gosto, que depressa evolui para gozações e provocações. Colocam apelidos maldosos, insultam, difama, ameaçam, constrangem, perturbam e intimidam, estão sempre envolvidos em discussão e desentendimento. Pegam materiais escolares, dinheiro, lanches e quaisquer pertences de seus companheiros.

Já os espectadores não costumam apresentar um comportamento tão marcante. A identificação deles precisa de um olhar mais atento, já que sua conduta não acompanha traços marcantes que possa sinalizar a situação que estão vivendo. Na escola tendem a se manter calados sobre o que sabem ou o que presenciam, quando indagados costumam disfarçar colocando outros personagens em cena, como se tivesse comentando cenas de filme, livros, ou novelas.

De qualquer modo, tanto em situações em que o comportamento desrespeitoso é passageiro quanto naquelas em que a conduta juvenil sinaliza para uma conduta verdadeiramente má, não podemos perder de vista que tolerar o intolerável e justificar o injustificável é postura de extremo desrespeito para com o próximo (SILVA, 2010). É fundamental que se estabeleça no contexto escolar práticas de ensinamentos onde o respeito aos valores e as diferenças sejam levados em conta. As pessoas precisam aprender a reconhecer, assumir e aceitar a sua diferença, mas também necessitam

aprender na escola a reconhecer como normal e natural a diferença de seus pares para poder respeitá-la (MASCARENHAS, 2006).

2.4 Fatores causais do bullying

Alguns pesquisadores sobre o tema chegam a citar teorias que justificam a agressão aparentemente gratuita entre pares. Apresentam várias determinações, que de acordo com cada autor tem diferentes ênfases, embora não sejam problematizadas, incluindo desde fatores individuais (inatismo, da aprendizagem ou a aprendizagem de comportamentos agressivos), bem como a desigualdade social, aos programas de televisão à família e a escola (ANTUNES, 2010).

Para Lopes Neto (2005) alguns dos prováveis fatores causais estão os econômicos, sociais, e culturais, assim como aspectos inatos do comportamento, bem como influências da família, escola e da comunidade.

A família passa por grandes transformações, é notória a dificuldade de se estabelecer regras e limites para os filhos, conseqüentemente isso se reflete na expressão da agressividade infanto-juvenil. Ademais, muitas crianças e adolescentes aprendem comportamentos agressivos no próprio ambiente familiar, alguns pais oferecem modelos educativos inadequados utilizando a violência e o autoritarismo como meio de resolver os conflitos, servindo de maus exemplos, justamente num ambiente onde se espera modelos educativos positivos para serem seguidos. A falta de comportamentos positivos que sirva de referência para os indivíduos associados a outros fatores pode levar ao surgimento de condutas destrutivas e violentas (FANTE; PEDRA, 2008).

Fante (2005) menciona ainda que as causas estejam tanto nos agressores quanto na sociedade. Essa mesma autora relata algumas das prováveis causas do bullying incluindo carência afetiva, ausência de limites, práticas educativas violentas, necessidade individual de reproduzir contra outros os maus-tratos sofridos em casa e na escola, ausência de modelos educativos humanistas que norteia a conduta para uma convivência social pacífica, também o crescimento moral e individual (FANTE, 2005).

Nesse tocante Olweus (1993), citado por Antunes (2010) acredita que a mídia tem um papel importante em relação à violência por ela exposta, assim como a supervisão parental no sentido de controlar o que suas crianças assistem na televisão. Sabe-se que a família se destaca enquanto dimensão na análise do impacto sobre o desenvolvimento humano, quando comparada às demais instituições, já que é nesse

âmbito que o indivíduo vivencia suas primeiras experiências de relações interpessoais, desenvolve padrões de comportamentos, caráter e personalidade, daí sua grande importância na determinação da conduta do jovem.

Supõe-se que uma das principais causas do bullying está relacionada com o modelo de comportamento que os indivíduos aprendem principalmente pela televisão e quando estão expostos a modelos familiares violentos, que poderiam adotar outros modelos educativos, do autoritarismo ao permissivismo (PEREIRA, 2002). Outro fato importante refere-se-se a diminuição da propagação dos valores morais propagados principalmente pela igreja, pois na medida em que os jovens e crianças se distanciam da vida religiosa passando a dispensar seu tempo com outros afazeres que não os da vida comunitária.

Outro determinante para a ocorrência do bullying é a violência doméstica entre os pais ou dos pais para com os filhos, considera-se que isso aumenta a probabilidade de alguém vir a ser vítima ou agressor (ANTUNES, 2010). Geralmente quem se caracteriza como alvo e autor do bullying, com frequência estão expostos a uma relação de violência entre os pais; no entanto os denominados de vítimas ou vítimas agressoras estariam mais expostas a agressão direta dos pais com relação a si mesmo, com diferença de ocorrência entre os gêneros. Sabe-se que o autoritarismo dos pais reflete diretamente a conduta dos filhos.

Do mesmo modo Knafo (2003) citado por Antunes (2010) aponta que um dos fatores que pode acarretar a prática do bullying está relacionado com o autoritarismo dos pais que por consequência reflete diretamente nas agressões que seus filhos cometem com seus colegas.

Já para Smith (2002) existem três variáveis envolvidas no bullying: as sociais e comunitárias, as e as individuais. A primeira se refere aos níveis de intolerância com os comportamentos agressivos e intimidadores na sociedade em geral e na comunidade local incluindo a maneira de como é mostrada pela mídia. As variáveis escolares refere-se a natureza do ambiente, como os valores éticos que impera no local, assim como a política da escola e ainda às sanções contra a prática de bullying. Quanto as variáveis individuais está ligada a fatores de personalidade que determina o risco de a pessoa vir a ser vítima ou agressor, apresentado este último um prazer especial em agredir os outros.

Tal autor aponta que entre as características individuais consideradas causais entre os intimidadores estão: possuir um temperamento facilmente irritável, ter tido uma

educação cuja disciplina era inconsistente e ter pais que eram intimidadores na escola, como se perpetuasse uma característica familiar. Já as implicações para vir a ser vítima são: ter poucos amigos de mesma condição social ou de condição social superior, não ser autoconfiante, ser portador de alguma deficiência ou apresentar necessidades educacionais especiais, não ser de etnia branca e não ser heterossexual.

O ambiente familiar também está relacionado como possível fator de risco para o indivíduo tornar-se vítima. Segundo Smith (2002) há indicações de que algumas vítimas venham de famílias superprotetoras ou excessivamente apegadas; talvez essas crianças não tenham desenvolvido, dentro da família, as capacidades de autoconfiança e de independência que lhes seriam úteis no grupo de amigos.

Existem motivações diferenciadas que levam o indivíduo a praticar bullying. Segundo Silva (2010), muitos adotam esse tipo de conduta por uma nítida falta de limites no processo educacional no contexto familiar, outros precisam de um modelo de educação que seja capaz de associar a auto-realização com atitudes produtivas e solidárias. Ainda segundo a autora, existem aqueles que vivenciam dificuldades momentâneas, como a separação traumática dos pais, ausência de recursos financeiros, doença na família entre outros. Por ultimo, existem aqueles que apresentam a transgressão como base estrutural de sua personalidade, falta-lhes o sentimento essencial para o exercício do altruísmo: a empatia.

A literatura aponta que há inúmeras investigações em andamento na tentativa de compreender esse fenômeno, sob vários aspectos, como o familiar, social, cultural, afetivo e emocional. Conforme Fante e Pedra (2008) há várias correntes filosóficas, psicológicas, antropológicas e pedagógicas tentando explicar o comportamento bullying e a maioria aponta para alguns aspectos: carência afetiva, ausência de limites, afirmação dos pais sobre os filhos por meio de maus-tratos e explosões emocionais violentas, permissividade excessiva, exposição prolongada as varias formas de violência exibida pela mídia, facilidade de acesso às ferramentas oferecidas pelos modernos meios de comunicação e informação. Ademais, existe ainda, a alta competitividade, que geram o individualismo e a empatia, além de ausência de modelos educativos baseados em valores humanos, capazes de alicerçar a vida do indivíduo.

Certamente as crianças não nascem praticando bullying, algum fator no percurso de seu desenvolvimento colaborou para esse tipo de comportamento, agressores e

vítimas são produtos de nossa sociedade e reflexos da qualidade de nossas famílias, escolas e comunidades; ambos são vítimas e precisam de ajuda.

Consequências do bullying

O fenômeno bullying pode acarretar sérios comprometimentos ao processo de aprendizagem, uma vez que desenvolve na instituição educacional um ambiente nocivo não somente às vítimas, mas a todos direta ou indiretamente envolvidos.

Trata-se de uma forma de agressão velada dentro da instituição educacional, que acarreta danos frequentemente irreversíveis na vida global dos indivíduos, de modo a destruir-lhes a saúde, psicológica e física. Além de consequência como baixa auto-estima, depressão, marginalização, podendo estimular, também, o desejo e atitudes de suicídio e assassinato.

Seus efeitos são capazes de desarmonizar as dimensões cognitivas, simbólica orgânica e corporal gerando conflitos entre as questões internas e externas ao sujeito; os problemas emocionais, sociais e psicológicos graves gerados têm força suficiente para impedir que o sujeito tenha um desenvolvimento saudável e propício com o objeto de conhecimento (LEMOS, 2007).

Os envolvidos com bullying, provavelmente sofrerá com as possíveis consequências posteriormente. Os autores de bullying poderão levar para a vida adulta o mesmo comportamento antissocial, adotando atitudes agressivas no seio familiar (violência doméstica) ou no ambiente de trabalho, ou ainda venham a se envolver mais tarde em atos de delinquência ou criminosos (ABRÁPIA, 2003).

As testemunhas também se veem afetadas por esse ambiente de tensão, tornando-se inseguras e temerosas de que possam vir a se tornar as próximas vítimas (ABRÁPIA, 2003). O fato de testemunhar o bullying é um grande fator de risco para o descontentamento com a escola, já que pode comprometer o desenvolvimento acadêmico e social (LOPES-NETO, 2005).

Acredita-se que a exposição à violência física ou psicológica pode causar prejuízos severos ao desenvolvimento humano, sendo que a mesma pode ser mais devastadora em casos em que os autores são aqueles de quem se espera afeto e proteção como os pais, por exemplo, (ASSIS et. al., 2005). A violência potencializa comportamento de agressividade e baixa auto-estima, sendo uma forma distorcida de comunicação e de relação interpessoal.

Entretanto, mesmo que as sequelas não atinjam fatalidades irreversíveis, podem acarretar um prejuízo incalculável, em diversos âmbitos, às vítimas, aos agressores e testemunhas, caso não recebam o atendimento necessário.

Para Almeida; Silva e Campos (2008) há uma série de efeitos que o fenômeno bullying persistente ocasiona no indivíduo e no ambiente onde ocorre, dentre os quais, os efeitos sobre o indivíduo, como depressão reativa, estresse de desordem, tornar-se agressor, ansiedade, distúrbio gástrico, dores idiopáticas, perda de auto-estima, medo de expressar emoções; problemas de relacionamento, abuso de drogas e álcool, auto-mutilação, bulycídio (suicídio). Já na escola os efeitos se expressam por meio da evasão escolar elevada, alta rotatividade do quadro de pessoal, desrespeito aos professores, faltas sem motivos, porte de armas por crianças, ações judiciais contra escola e autoridade responsável e contra a família do agressor.

Segundo Fante (2008) se imaginarmos uma criança em desenvolvimento, que passa a vivenciar de forma repetitiva uma mesma experiência aversiva e constrangedora, ao longo do tempo, sua mente será dominada por pensamentos geradores de emoções desagradáveis e ficará ancorada ao sofrimento e à desesperança. Além do mais, o bullying pode desencadear transtornos psicológicos graves, dentre eles, os mais acentuados pela mídia, diante das tragédias provocadas, diz respeito ao aluno vítima, que, depois de longos períodos de tempo sendo alvo de maus tratos, chega ao limite de sua sanidade e decide dar fim a própria vida, antes, porém, fazendo vítimas fatais, o maior número que poder.

Já com relação às conseqüências da vitimização para a aprendizagem, pode-se citar o déficit de concentração e aprendizagem, a dispersão, o desinteresse pelos estudos e pela escola, a queda do rendimento escolar e a evasão. Geralmente as vítimas têm a sua socialização comprometida, tendem a se fechar e se isolam dos demais, conseqüentemente, perdem o contato com seus colegas de classe e o interesse pelos estudos.

Já os praticantes de bullying geralmente apresentam distanciamento dos objetivos escolares e sociais, devido às suas atitudes indisciplinadas, desafiantes perturbadoras, resultando em déficit de aprendizagem e desinteresse pelos estudos. Podem introjetar a idéia de que por meio de comportamentos autoritários, abusivos e violentos alcance destaque social, como conseqüência, podem trilhar caminhos que conduza a delinqüência e a criminalidade (FANTE; PEDRA, 2008).

Para o autor de bullying as conseqüências, também, podem ser observadas no seu contexto social. Os praticantes de bullying têm grande probabilidade de adotar comportamentos anti-sociais ou delinqüentes, devido à falta de limites ou modelos educativos que direcione suas condutas para ações proativas e solidárias. Nesse sentido, o pesquisador Dam Olweus (Fante, 2008) desenvolveu estudos longitudinais com adolescentes autores de bullying com idade entre 12 e 16 anos. Nesse estudo, ele concluiu que antes de completar 24 anos, 60% dos adolescentes tinham sido apenados com pelo menos uma condenação legal. Nessa mesma linha de pesquisa, pesquisadores americanos afirmaram ter grande probabilidade de esses agressores terem, no mínimo, mais duas condenações legais durante a vida.

Quanto aos espectadores, também podem ter sua aprendizagem comprometida, bem como sua socialização. O medo de se tornar mais uma vítima fazem com que muitos espectadores se retraiam se isolem e se tornem quase imperceptíveis para não ser notados em sala de aula, diminuindo sua participação nas aulas; evitam a fazer perguntas ao professor por medo de ser alvo de “zoações”. Com isso, as dúvidas vão se acumulando, a insegurança e as faltas às aulas tendem a aumentar, gerando déficit de aprendizagem e prejuízos no desempenho escolar (FANTE, 2008).

Identificar esse fenômeno em sala de aula pode diminuir problemas relacionados à aprendizagem e aumentar a qualidade do ambiente de ensino. Segundo Lopes Neto (2005), a redução da prevalência de bullying nas escolas pode ser uma medida de saúde pública altamente efetiva para o século XXI.

2. 5 OBJETIVO GERAL

O presente trabalho teve por objetivo investigar/identificar a ocorrência do fenômeno bullying entre os estudantes do ensino fundamental de uma escola pública no município de Parintins/Amazonas sinalizando para a necessidade da sua gestão como forma de contribuição para melhoria dos indicadores de bem estar psicossocial no contexto escolar.

2. 6 Objetivos Específicos:

- Compreender o fenômeno do bullying e sua relação com o processo ensino aprendizagem;

- Contribuir com subsídios para a compreensão e esclarecimento do que é o bullying no ambiente escolar, os envolvidos com essa prática, suas possíveis causas e conseqüências.
- Refletir sobre o fenômeno apontando caminhos para a melhoria da qualidade da educação básica, com vista à proposição da criação de políticas para a gestão, prevenção e combate ao bullying em contexto escolar.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Participantes

Para alcançar os objetivos propostos, este trabalho contou com a participação voluntária de uma amostra constituída por n= 300 estudantes, de ambos os sexos, regularmente matriculados na educação básica, especificamente nos 4º, 5º, 6º, 7º, 8º e 9º ano no nível do Ensino Fundamental de uma escola pública localizada no município de Parintins/Amazonas. A escolha da amostra (n=300) consiste no fato de que é uma quantidade de sujeito suficiente para termos uma resposta consistente do que o objetivo do trabalho se propõe.

3.2 Instrumento

A coleta de dados foi feita por meio da aplicação do **QIMEI – Questionário sobre intimidação e maltrato entre iguais – estudantes do ensino fundamental**, com um conjunto de questões (n=35) fechadas relativas à escola, à família, às amizades, atitudes/comportamentos, intimidação e maltrato. Autoria: José María Avilés Martínez, (Adaptado de Ortega, Mora-Merchán, Mora y Fernández) Espanha, 2002. Tradução para português/Brasil: Mascarenhas, 2007 (anexo 1).

3.3 Procedimentos de coleta de dados

A coleta de dados junto aos 300 estudantes matriculados regularmente no ensino fundamental de uma escola pública municipal de ensino fundamental do município de Parintins/Amazonas procedeu-se da seguinte maneira: inicialmente foi feito o contato com a escola em que se encontravam as categorias de participantes em potencial, para a realização do trabalho. Os procedimentos, objetivos, aspectos éticos, bem como a preservação do anonimato da instituição e dos sujeitos do trabalho foram explicitados junto à direção da instituição que foram prontamente aceitos. Em seguida, apresentou-se

uma carta-ofício (anexo 3) solicitando formalmente a autorização ao estabelecimento do contato com os alunos e a proposição da pesquisa aos mesmos.

Mediante a autorização da direção da instituição foi feito o contato com os alunos nas salas de aula regulamentes matriculados no 4º, 5º, 6º, 7º, 8º e 9º ano do Ensino Fundamental. Num primeiro momento foram esclarecidos aos sujeitos os objetivos e procedimentos do estudo, o questionário ao qual seriam submetidos, assegurando-lhes sigilo e a confidencialidade dos dados, que sua participação no estudo era voluntária, podendo, se quisesse desistir a qualquer momento, sem que isso acarretasse qualquer consequência para ele em relação à escola. Foi esclarecido, também, que não haveria risco previsível ao participar desse estudo, porém na eventualidade de surgir alguma necessidade ou desconforto em relação a sua participação, contariam com o apoio e o suporte necessário da pesquisadora que é Psicóloga.

Uma vez solicitada à participação dos estudantes e sua concordância em colaborar com o trabalho, foi feito o contato com os pais, onde foi esclarecido sobre a pesquisa, o conteúdo do questionário e onde seria realizado o estudo, solicitando-lhes, através de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo 2), em vista da menoridade dos participantes, a autorização para a participação dos filhos na pesquisa.

Após a autorização dos responsáveis, foi agendado junto aos professores e direção da escola o dia em que seria aplicado o questionário aos alunos. O questionário foi aplicado em sala de aula pela pesquisadora, no horário de aula, de forma coletiva, mediante a permissão dos professores (as), em dias e horários designados previamente. Antes de iniciar a coleta dos dados, a pesquisadora explicou aos alunos sobre os objetivos da pesquisa, o significado do termo bullying citando alguns exemplos, sempre utilizado uma linguagem apropriada para a faixa etária dos participantes.

A aplicação durou em média 50 minutos, na qual a professora tinha a opção de permanecer ou não em sala de aula. A adesão por parte dos alunos foi quase total, com exceção de 2 que optaram por não participar.

Durante o processo de coleta dos dados a pesquisadora permaneceu todo o tempo em sala de aula para esclarecer eventuais dúvidas.

3.4 Procedimentos de Análise dos Dados

Uma vez coletados os dados, cada questionário foi analisado quantitativamente para melhor compreensão do seu conteúdo. Considerando-se as propriedades psicométricas dos instrumentos junto à amostra em estudo.

As informações estatísticas obtidas a partir do tratamento dos dados com apoio do programa SPSS versão 20, foram analisadas a partir dos dados amostrais, considerando a literatura da área e os objetivos da investigação.

3.5 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Sobre as questões de natureza prática, o projeto atenta para as exigências dos padrões éticos (Resolução nº196/96 Conselho Nacional de Saúde) e Comitê de Ética em Pesquisa nº 558/99 de 20/04/99, reconhecido pelo Conselho Nacional de Saúde, no que diz respeito a “garantia de que a participação dos indivíduos é voluntária, que foram informados e entenderam com clareza os procedimentos a que foram submetidos e suas conseqüências; que foram informados sobre os objetivos da pesquisa e do uso que seria feito das informações coletadas”, bem como sobre os “limites quanto ao uso de informações e os procedimentos de divulgação dos resultados.”

Tendo em vista a idade dos participantes, menores de 18 anos, foi elaborado um termo de consentimento (anexo 2) que foi assinado pelo responsável legal, daqueles que aceitaram colaborar com o trabalho. A solicitação desse consentimento decorre da normativa ética que visa principalmente à proteção do participante da pesquisa, conforme previsto anteriormente.

4. CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE PARINTINS

Parintins é um município brasileiro no interior do estado do Amazonas, próximo a divisa com estado do Pará, região norte do país. Está localizado a leste da capital do estado, distando desta cerca de 369 quilômetros em linha reta e a 420 quilômetros por via fluvial. Sua população foi estimada em 2012 pelo Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia (IBGE) em 103.828 habitantes, sendo o segundo mais populoso do estado do Amazonas. Sua área territorial é de 5.952 Km² representando 0,3789% do estado do Amazonas. A vegetação, típica da região amazônica, é formada por florestas de várzea e de terra firme, tendo, ao seu redor, um relevo composto por lagos, ilhotes e uma

pequena serra. A principal fonte de economia do município vem do setor de serviços, seguido do agropecuário e por último o setor industrial.

O lugar é uma ilha, conhecida como Tupinambarana, foi descoberta e assim denominada pelo Capitão de Milícia José Pedro Cordovil em 1796. Nessa ilha, além do grupo indígena Tupinambá de onde se originou o nome do local viviam índios Sapupe, Mawe, Peruviana, Mundurucu e Parintins.

Parintins é um município marcado pelos traços culturais, políticos e econômicos herdados dos portugueses, espanhóis, italianos e também dos japoneses, tendo em vista que a cidade possuiu uma relevante colônia destes imigrantes. Não se pode esquecer a importância dos ameríndios no quesito contribuição étnica. Foram os ameríndios que iniciaram a ocupação humana na Amazônia e seus descendentes caboclos desenvolveram-se em contato íntimo com o meio ambiente, adaptando-se às peculiaridades regionais e oportunidades oferecidas pela floresta.

Na sua formação histórica, a demografia da cidade é o resultado da miscigenação das três etnias básicas que compõem a população brasileira: o índio, o europeu e o negro, formando assim, os mestiços da região (caboclos) mais tarde, com a chegada dos imigrantes, especialmente japoneses, formaram-se um caldo de cultura singular, que caracteriza a população da cidade, seus valores e modo de vida.

O município é conhecido principalmente por sediar o Festival Folclórico de Parintins, uma das maiores manifestações culturais preservadas da América Latina. A cultura indígena nesse lugar é muito presente, a fanatismo pelo festival é nítida nessa população, a rivalidade das torcidas é forte, a cidade é dividida pelas cores do seu boi de preferência. É grande o número de artistas que trabalham e se dedicam para dar cor, ritmo, e brilho para esse grande espetáculo que é o festival folclórico, se configurando como uma grande fonte de renda para a população.

Considerada uma das maiores festas regionais do país, o Festival de Parintins teve início em 1965 e desde então acontece anualmente todo o final do mês de junho. Durante o festival é representada uma rivalidade quase centenária entre dois grupos que encenam nas ruas de Parintins o folclore do boi-bumbá, uma variação do bumba-meu-boi nordestino. Os bois encenam a lenda de Catirina, uma roceira que teve o desejo de comer língua de boi durante a gravidez. Para satisfazer o desejo dela, Negro Francisco, marido de Catirina, mata o boi favorito de seu patrão. Por causa disso, ele foi ameaçado de morte. Um pajé ajuda Francisco e ressuscita o boi. O boi Garantido, fundado em

1913, foi o primeiro a encenar a lenda de Francisco e Catirina. Nove anos depois foi fundado o boi Galante, que viria a se chamar Caprichoso a partir de 1925. O Garantido, de cor vermelha, é o boi mais popular, enquanto o Caprichoso, de cor azul, representa a elite amazonense.

No que concerne a educação Parintins é um importante centro educacional do estado do Amazonas. No tocante a educação básica, composta pela educação infantil que é a base da educação básica, o ensino fundamental que é seu tronco e o ensino médio que é o seu acabamento. De acordo com o censo escolar realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) a educação básica no município de Parintins em 2012 registrou 34.008 matrículas, sendo 5.241 na educação infantil, 21.708 no ensino fundamental e 7.059 no ensino médio.

Possui um mini-campus do Instituto Federal do Amazonas (IFAM) que foi criado mediante integração do Centro Federal de Educação Tecnológica do Amazonas e das Escolas Agrotécnicas Federais de Manaus e de São Gabriel da Cachoeira que oferece cursos em diferentes níveis em: ensino médio e ensino técnico. Possui duas universidades públicas, a Universidade do Estado do Amazonas (UEA) que oferta mais de 15 cursos em nível de graduação e a Universidade do Amazonas (UFAM) instalada no município desde 2007 oferecendo mais de 8 cursos em nível de graduação, além de algumas faculdades privadas.

Dispões também uma rede de escolas (estaduais e municipais e privadas), além de unidades do SENAI, SENAC e SESI. Em função disso o índice de alfabetização e capacitação profissional do município está entre os mais altos do estado do Amazonas.

5. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA CAMPO

Esse estudo foi realizado em uma escola municipal de ensino fundamental localizada na periferia do município de Parintins. Trata-se de uma escola que tem um amplo espaço interno, conta com 9 salas de aulas, um laboratório de informática a disposição dos alunos para a realização de trabalhos de pesquisas e outros afins. Dispõe de uma sala de recursos multifuncionais, uma biblioteca, uma sala destinada aos professores e uma secretaria. Sua estrutura física conta também com uma cozinha, um refeitório, dois banheiros, além de um barracão de contraturno e uma quadra poliesportiva recém inaugurada.

Quanto a sua clientela a escola atende alunos advindos de oito bairros diferentes perfazendo um total de 710 matrículas. Sendo que 536 dessas são de alunos regulares matriculados no ensino fundamental. No período matutino são atendidos 291 alunos do 5º ao 9º anos, já no período vespertino são atendidos os alunos que cursam do 1º ao 5º anos, com um total de 245 alunos nesse período. No período noturno funciona o Pró-Jovem Urbano com uma clientela de 174 alunos.

Quanto ao quadro de funcionários, o período matutino conta com 16 professores e o período vespertino com 13 professores, um professor comunitário matutino e vespertino e uma coordenadora pedagógica.

Trata-se de uma escola com fácil acessibilidade. Meu contato com a mesma ocorreu sem nenhuma dificuldade, a Diretora da escola desde o início me tratou com muita simpatia e se dispôs a ajudar no que fosse preciso para que o trabalho se realizasse. Contribuiu grandemente com o andamento dessa investigação, demonstrando interesse em ajudar sempre que fosse necessário. Os professores também me receberam com muita simpatia e se dispuseram a colaborar com o trabalho disponibilizando os horários de aula para que pudesse aplicar o questionário sobre bullying junto aos alunos.

6. RESULTADOS

Este estudo buscou investigar/identificar a ocorrência do fenômeno bullying no contexto de uma escola pública municipal localizada no Município de Parintins/Amazonas. Para os resultados foram calculadas estatísticas descritivas de todas as variáveis em estudo considerando as propriedades psicométricas do instrumento junto à amostra, foram realizadas análises percentuais com o apoio do programa SPSS 20 das variáveis: formas de bullying, relacionamento entre pares, número de amizades, sentimento de solidão no intervalo, satisfação com a escola, forma de tratamento dos professores, relacionamento em casa, com quem reside, medo de ir à escola, causa do medo, alvo de bullying, há quanto tempo sofre maus tratos, sentimento da vítima, motivos dos maus tratos para as vítimas, em que turma estão os alunos que maltrata os colegas, sujeitos que intimidam os colegas, local onde ocorre bullying, quem para as situações de intimidação, com que fala quando é mau tratado, seria capaz de intimidar os colegas, autores de bullying, participação em atos de agressão no semestre, sentimento do agressor, motivo dos maus tratos para os espectadores, situações de maus tratos durante o ano, sentimento do observador/ testemunha, atitude do

observador/testemunha, solução do problema, reação da vítima, de que lado o observador/ testemunha fica e papéis de bullying.

A amostra contou com a participação de 300 estudantes. A figura 1 nos mostra a distribuição desses alunos por sexo em porcentagem, podemos observar uma quantidade um pouco mais elevada de meninos em relação ao sexo feminino com a diferença de 7% a mais, conforme a Figura 1.

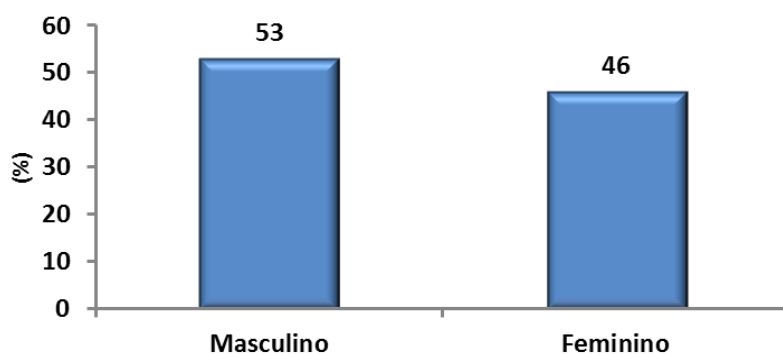


Figura 1- Distribuição dos sujeitos por sexo

Os sujeitos da pesquisa eram alunos regularmente matriculados no 5º ao 9º ano do ensino fundamental. Percebe-se que o 8º ano (22%) e o 7º (21%) é onde estão concentrados a grande maioria dos alunos em relação as demais série, já o 5º ano aparece com a menor porcentagem de alunos (11%).

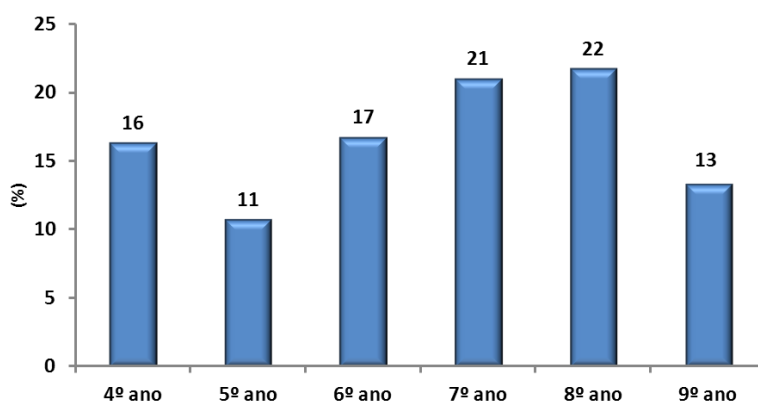


Figura 2 - Distribuição dos sujeitos por série

Os alunos foram distribuídos dentro da faixa etária compreendida entre 8 e 18 anos. Como podemos visualizar na Figura 3 a maioria dos alunos estão concentrados na faixa etária de 12 (20%), 14 (19%) e 13 (17%) anos.

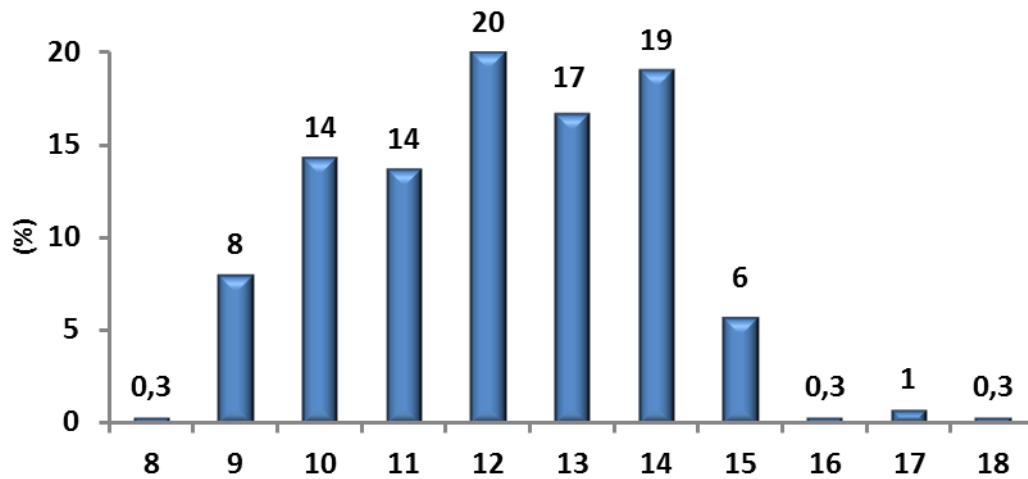


Figura 3 - Distribuição dos sujeitos por idade

Quando questionados sobre as formas mais freqüentes de bullying entre os colegas da educação básica, a grande maioria apontou a forma verbal com a utilização de insultos (61%) que aparece como extremamente frequente, seguido de rir de alguém e falar mal de alguém (24%), as mesmas aparecem como muito freqüentes.

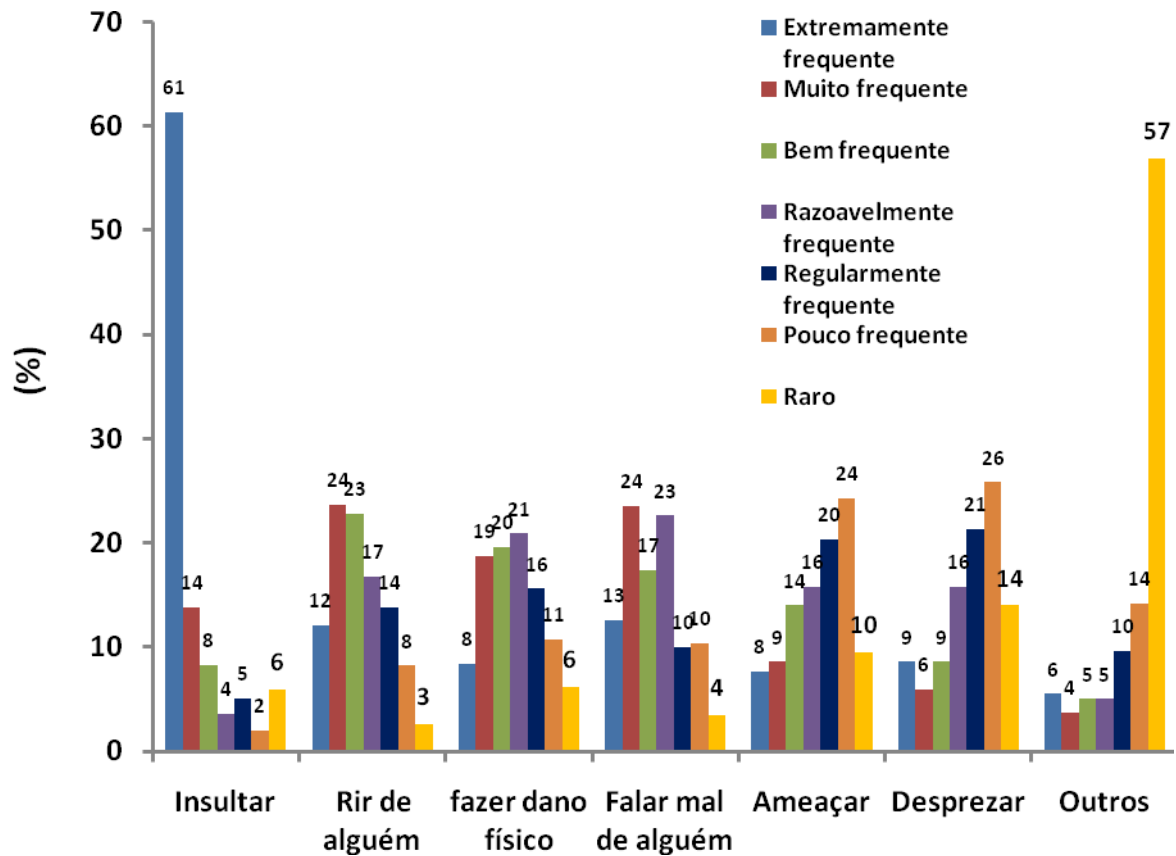


Figura 4 - Formas de bullying

Quanto às formas de relacionamento mantidas com os pares, mais da metade dos alunos relataram estar bem com quase todos os colegas (65%). Já outros (29%) disseram que seus relacionamentos não estão nem bem e nem mal, por fim uma parcela bem pequena (5%) disseram que vão mal em seus relacionamentos, Figura 5.

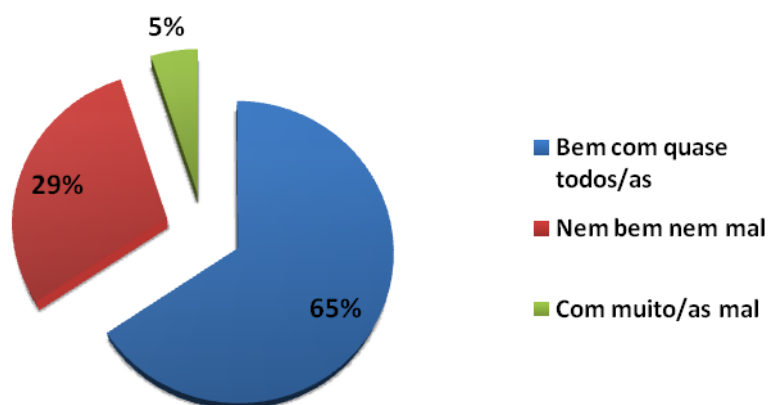


Figura 5 – Relacionamento com os colegas

Quando indagados sobre as amizades que mantém na escola, a maioria (37%) apontaram ter 6 ou mais amizades. Já (19%) dos mesmos afirmaram ter apenas 1 relação de amizade e ainda (10%) disseram não manter nenhuma relação de amizade na escola, conforme a Figura 6.

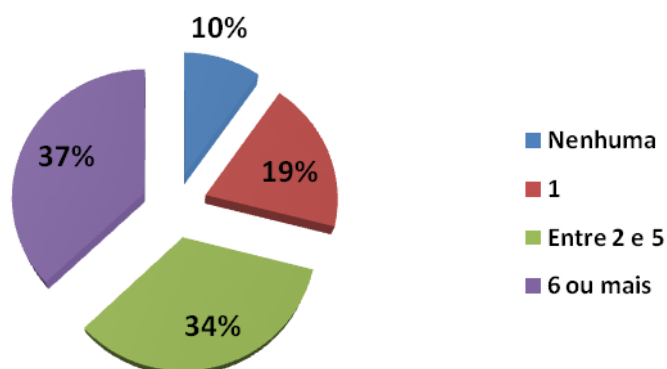


Figura 6 – Amizades

Da amostra estudada, 43% dos alunos afirmaram já ter sentido só, algumas vezes, no intervalo das aulas. Outros (9%) relataram que muitas vezes se sentiram sozinhos no intervalo, porque os colegas não queriam estar com ele/ela, Figura 7 .

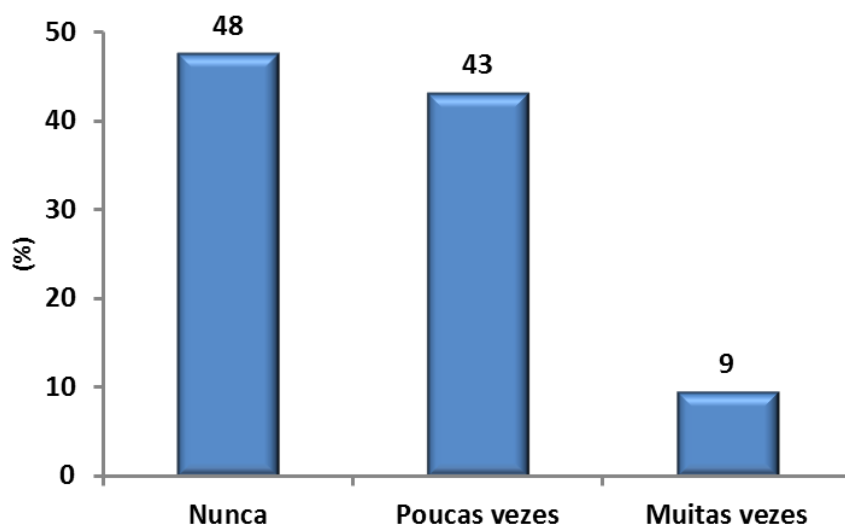


Figura 7 – Sentiu só no intervalo

Quanto ao sentimento de satisfação com o ambiente escolar, (64%) dos alunos mencionaram que se sentem bem, estão gostando. Enquanto, outros (26%) relataram estar nem bem nem mal e a minoria (7%) não estão satisfeitos com a escola e disseram que não estão bem e sentem mal nesse ambiente, Figura 8.

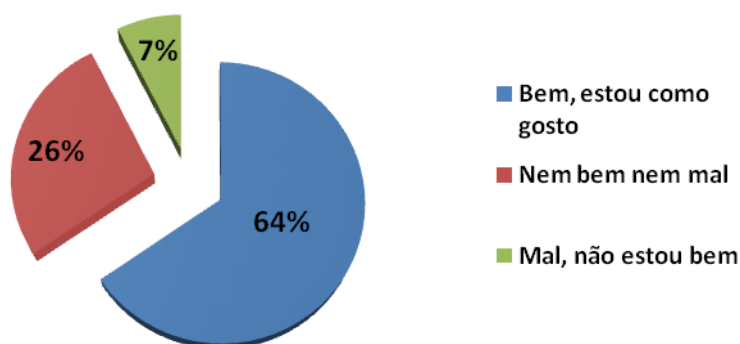


Figura 8 – Satisfação com a escola

Quanto à forma de tratamento dos alunos por parte dos professores, a grande maioria (77%) afirmou que são tratados bem e (17%) disseram que são tratados de forma regular, nem bem nem mal, Figura 9.

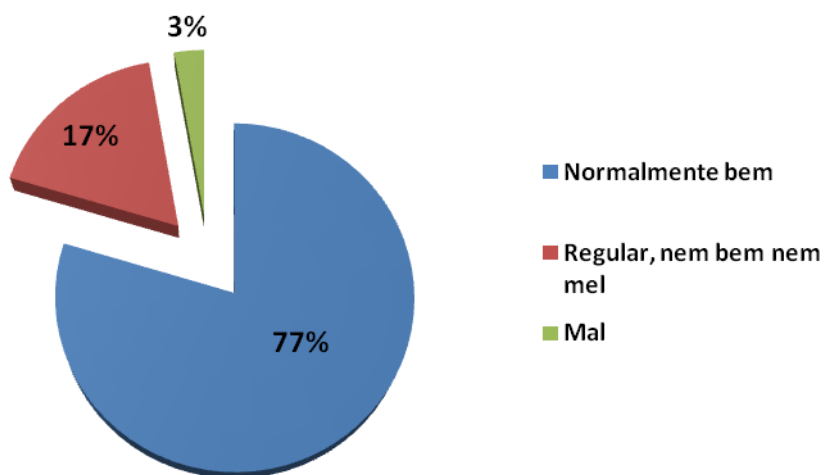


Figura 9 – Formas de tratamento pelos professoras

Quando indagados sobre a satisfação no ambiente familiar, (70%) disseram estar bem, como gostam, Figura 10.

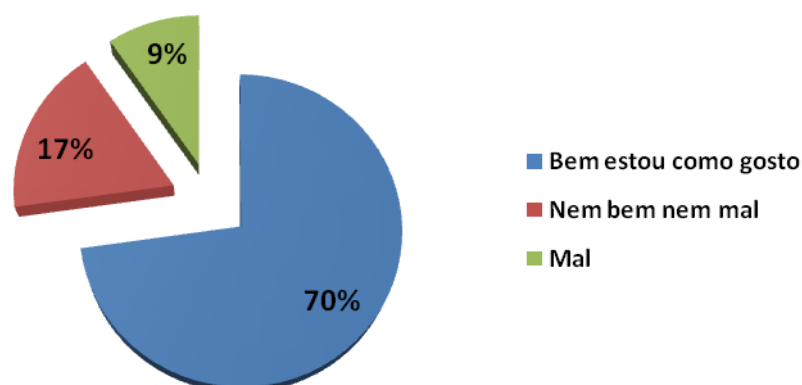


Figura 10 – Como se encontram em casa

Segundo relato dos estudantes (60%) reside com as figuras paternas, pai e mãe. Enquanto uma parcela significativa deles (24%) mora apenas com um dos pais, perfazendo um total de 72 alunos, Figura 11

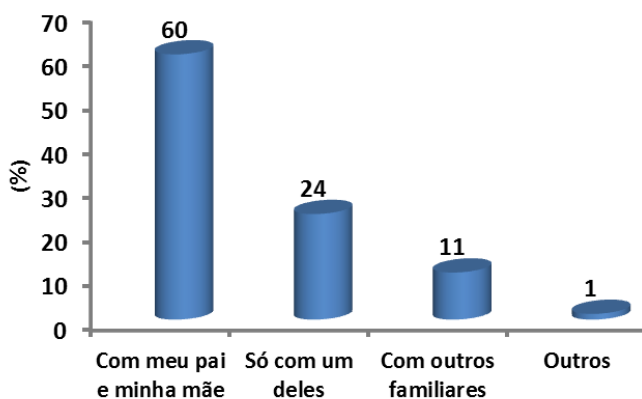


Figura 11 – Com quem moram em casa

A maioria dos alunos (69%) afirmou nunca ter sentido medo de ir à escola. Outros (27%) perfazendo um total de 81 dos estudantes responderam que já sentiram medo de ir à escola, algumas vezes, Figura 12.

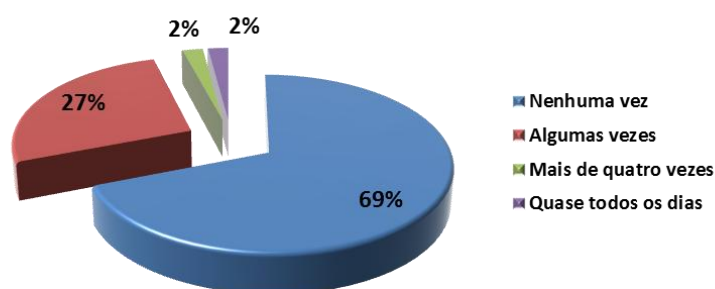


Figura 12 – Medo de ir à escola

Quando indagados sobre qual seria a causa do medo de ir à escola, (14%) afirmaram que seriam dos próprios colegas da escola, Figura 13.

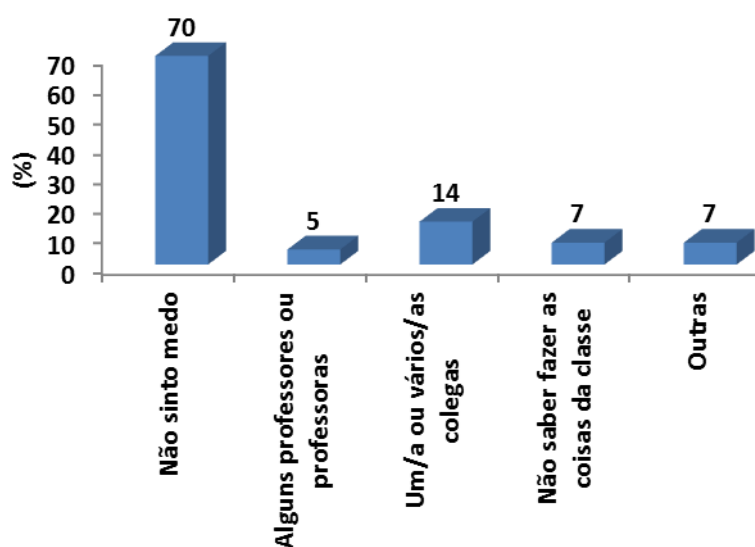


Figura 13 – Causa do medo

A Figura 14 nos mostra que dos 300 estudantes participantes da pesquisa 138 (46%), ou seja, quase metade dos participantes afirmou que já foram vítimas de maus tratos por partes dos próprios colegas, algumas vezes, o que equivale uma parcela significativa dos respondentes.

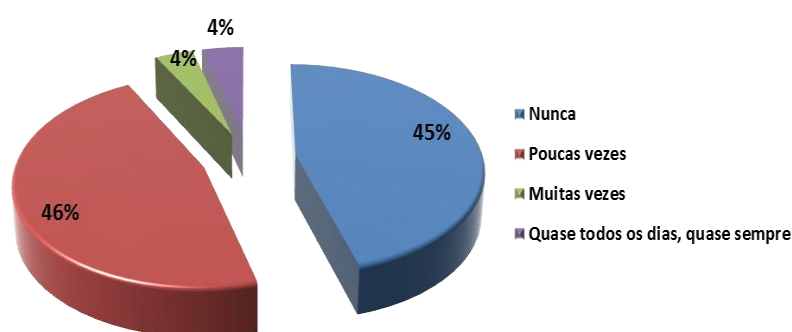


Figura 14 – Alvo de bullying

Quando indagados sobre o tempo que vêm sofrendo situações de intimidação/maus tratos, (21%) disseram que isso vem acontecendo há algumas semanas. Outros (9%) relataram que os maus tratos acontecem há alguns meses e (6%) deles relataram que desde sempre essas situações acontecem por partes dos próprios colegas da escola, Figura 15.

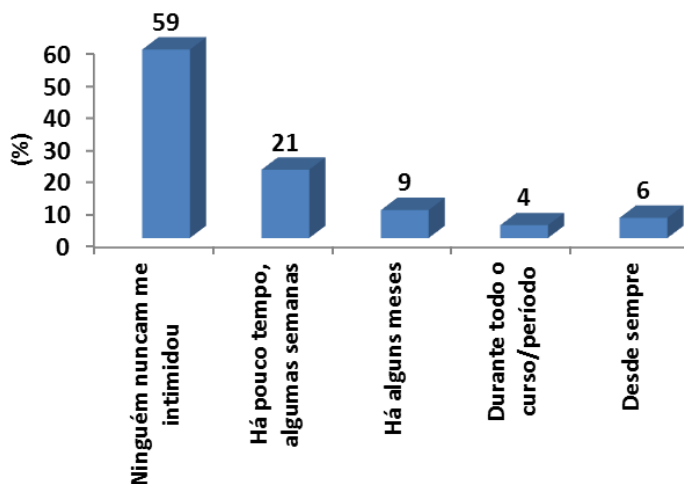


Figura – 15 Tempo que ocorre os maus tratos

Quanto ao sentimento das vítimas, a maioria (35%) afirmou que não ligam não se importam com a situação sofrida. Já (19%) disseram que prefeririam que não ocorresse esse tipo de constrangimento e (13%) se sentem mal com as agressões sofridas, Figura 16.

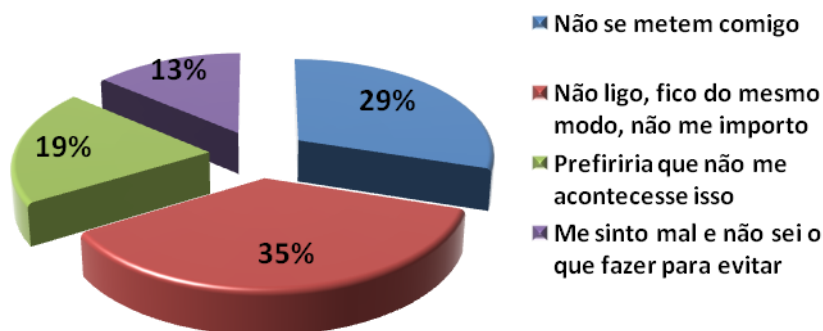


Figura 16 – Sentimento das vítimas

Quando indagados sobre os possíveis motivos que levaram a ser vitimizados pelos colegas, (40%) relataram não saber. Outros (19%) afirmaram que foram vítimas de maus tratos por serem diferentes dos demais e (11%) por se considerarem mais fracos que os seus agressores, Figura 17.

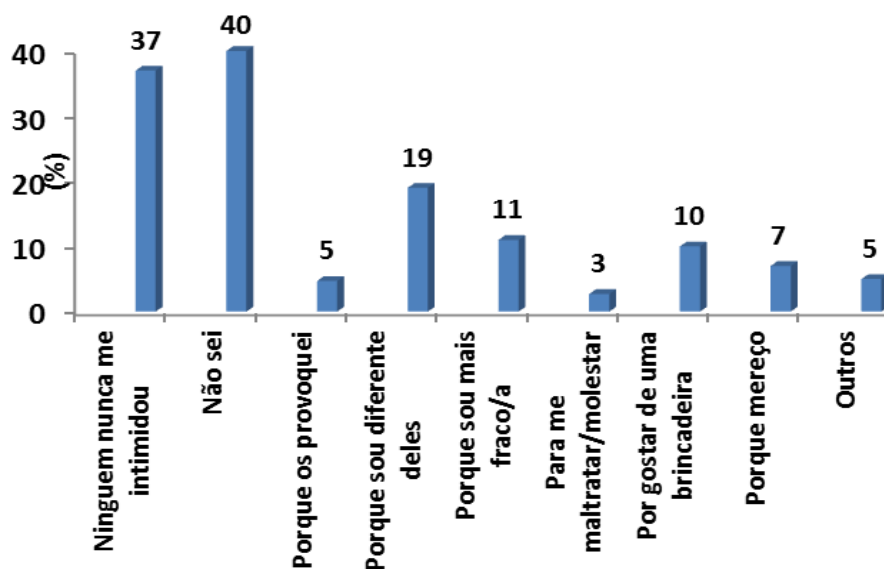


Figura 17 – Motivo dos maus tratos para as vítimas

A Figura 18 nos mostra que uma parcela significativa dos alunos (48%) que sofrem maus tratos, são vitimizados pelos colegas dentro da própria sala de aula.

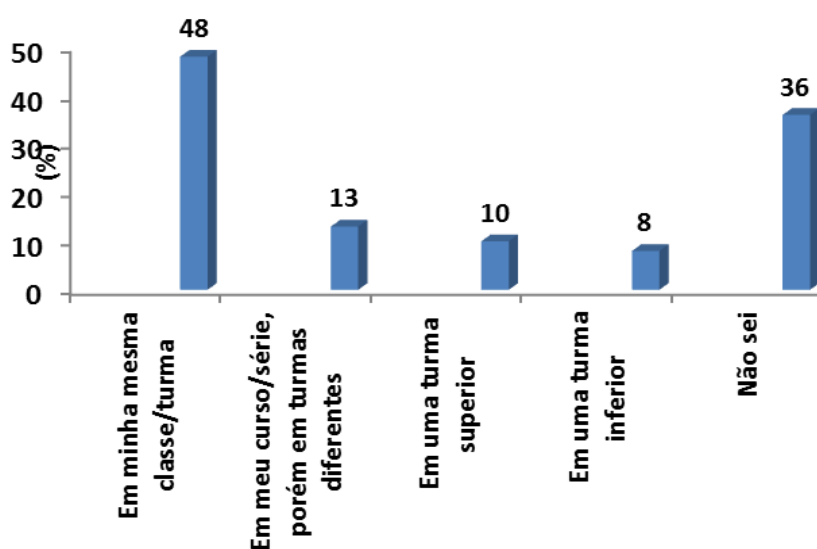


Figura 18 – Em que turma estão os alunos que intimidam seus/suas colegas

Quando indagados sobre quem seriam os agressores de seus colegas. A maioria (30%) mencionou que os agressores são um grupo de colegas do sexo masculino. (29%) disseram não saber que são os agressores, outros (20%) dos alunos afirmaram que as agressões partiriam de apenas um colega, Figura 19.

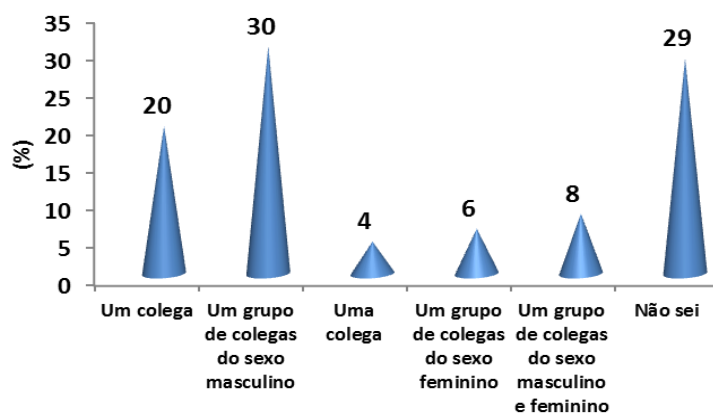


Figura 19 – Quem são os que intimidam seus/suas colegas

Quanto ao local de maior ocorrência da prática de bullying. A maioria dos estudantes (69%) afirmou que as agressões acontecem na própria sala de aula, sendo que (39%) sedão na ausência do professor e (30%) na sua presença. Outro local de grande incidência do bullying foi a rua com (32%) dos apontamentos, Figura 20.

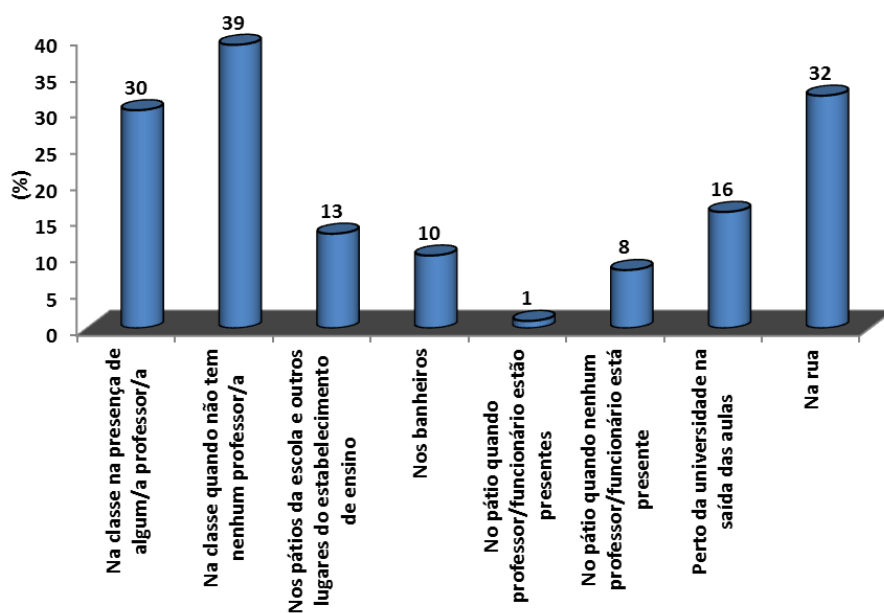


Figura 20 – Local onde ocorre bullying

Quando indagados sobre quem normalmente para as situações de intimidações, a grande maioria (36%) afirmou que ninguém interfere nas ações, (18%) indicaram que são os professores normalmente quem intervém e outros (18%) disseram não saber, Figura 21.

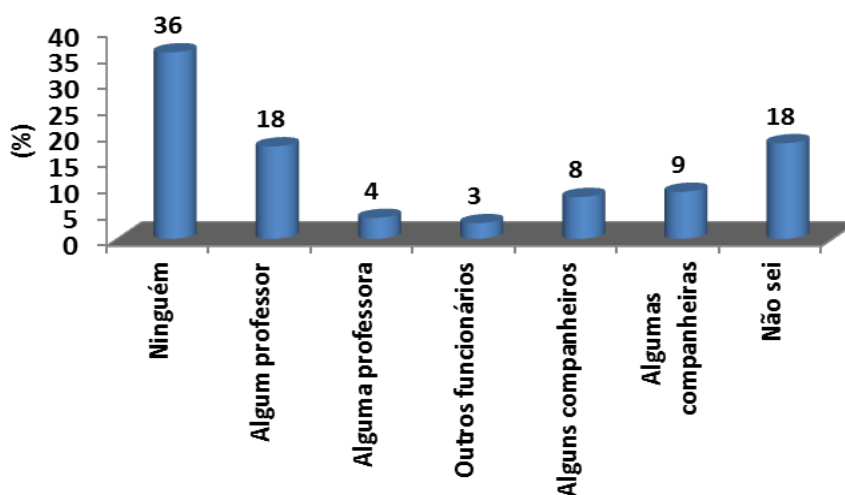


Figura 21- Quem para as situações de intimidação

Da amostra estudada (20%) dos estudantes disseram que normalmente quando sofrem situações de intimidação eles se remetem aos familiares ou aos companheiros/as para contar o fato ocorrido, Figura 22.

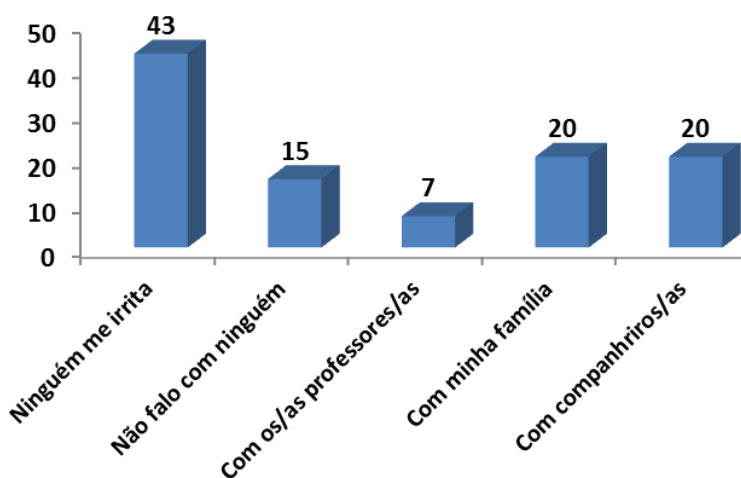


Figura 22 – Falas com alguém sobre as situações de intimidação

Quando indagados se os mesmos seriam capazes de intimidar seus/suas colegas, uma parcela significativa (64%) afirmou que não. Já (28%) disseram que intimidariam sim, se os mesmos os provocassem, Figura 23.

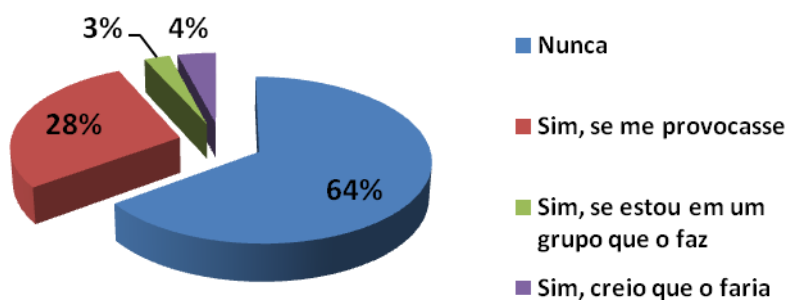


Figura 23 – Seria capaz de intimidar seus/suas colegas

A Figura 24 nos mostra que (58%) dos estudantes mencionaram não maltratar os colegas da escola. Porém, muitos 105 (35%) dos estudantes referiram já terem intimidado seus colegas, algumas vezes.

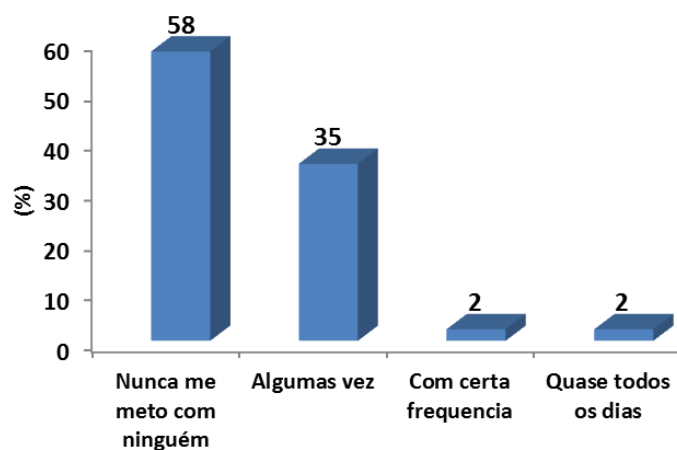


Figura 24 – Autores de bullying

Quando indagados sobre quantas vezes já haviam participado de atos de intimidação durante o semestre, (70%) disseram que nunca participaram de tal situação. Já outros (20%) disseram que já participaram sim, menos de cinco vezes no semestre, Figura 25.

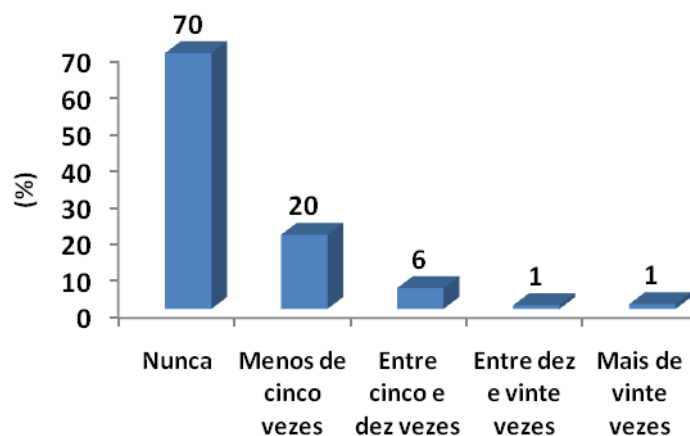


Figura 25 – Participação em atos de intimidação no semestre

Quanto ao sentimento dos agressores em relação aos episódios de bullying (37%) disseram se sentirem mal com tal situação. Enquanto (10%) deles opinaram ao contrário ao afirmar que se sentem bem ao praticar maus tratos, como podemos visualizar na Figura 26.

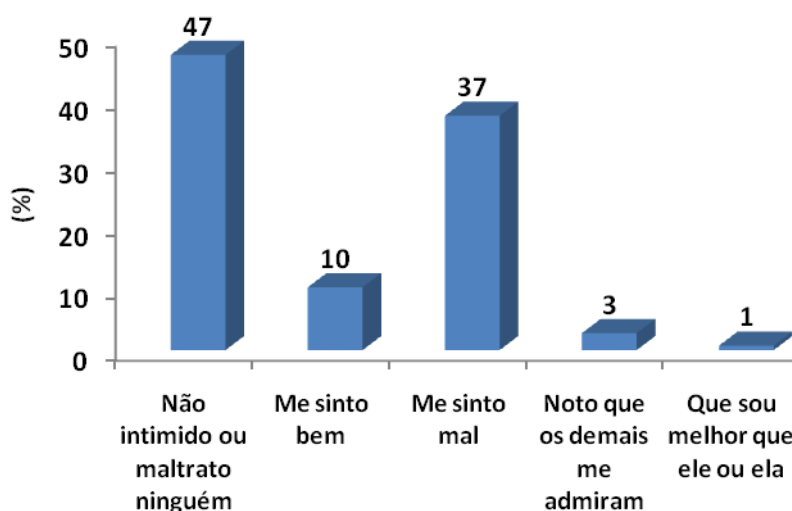


Figura 26 – Sentimento do agressor

Quando indagados se já haviam participado de situação de agressão contra os companheiros/as e qual o motivo que levaram a tal prática. A maioria (58%) respondeu que não haviam intimidados ninguém. No entanto, ainda, boa parcela dos estudantes (36%) respondeu que sim, já haviam participado de atos de agressões porque tinham sofrido provocações, conforme a Figura 27.

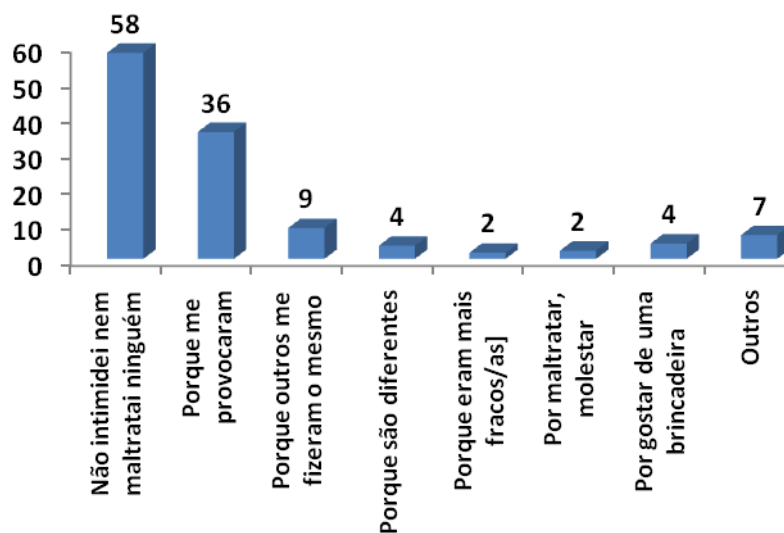


Figura 27 – Motivo dos maus tratos para os autores

Segundo relatos dos alunos, (30%) afirmaram que ao praticarem atos de intimidação a seus companheiros/as ninguém disse nada diante da situação, Figura 28.

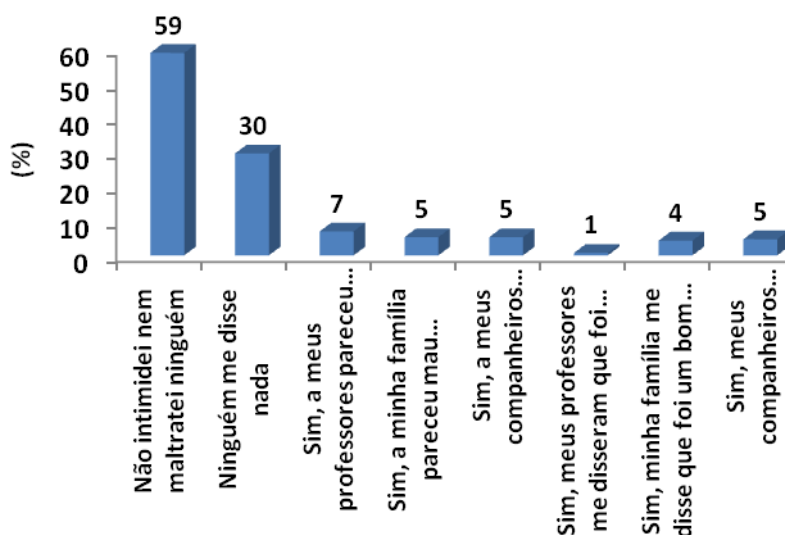


Figura 28 - Se já intimidastes teu companheiro/a alguém te disse algo

Quando questionados sobre a atitude dos companheiros/as diante dos atos de intimidação dos agressores. Os mesmos afirmaram (21%) que os colegas não reagem, não fazem nada, já uma parcela dos alunos (18%) disse que muitos colegas lhes animam, ajudam no momento da agressão, Figura 29.

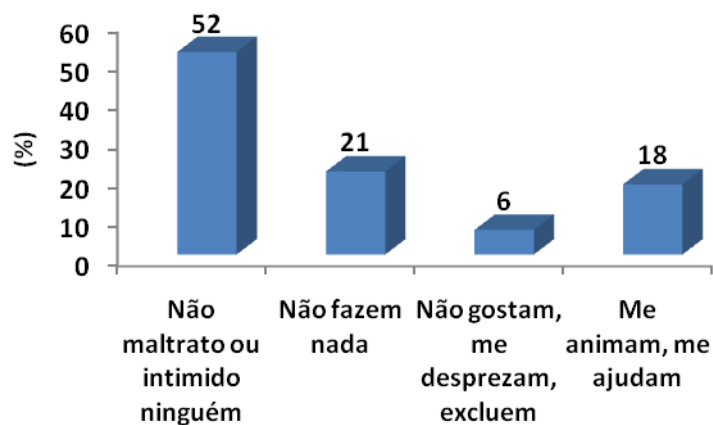


Figura 29 - Quando você intimida alguém, o que fazem teus companheiro/a

Em relação a situações de maus tratos, na sala de aula, durante o ano letivo, (51%) dos alunos disseram que não sofreram maus tratos. Já (24%) dos mesmos afirmaram que foram mau tratado menos de cinco vezes durante o ano, outros (10%) afirmaram ter sofrido intimidação entre cinco e dez vezes durante o ano letivo, Figura 30.

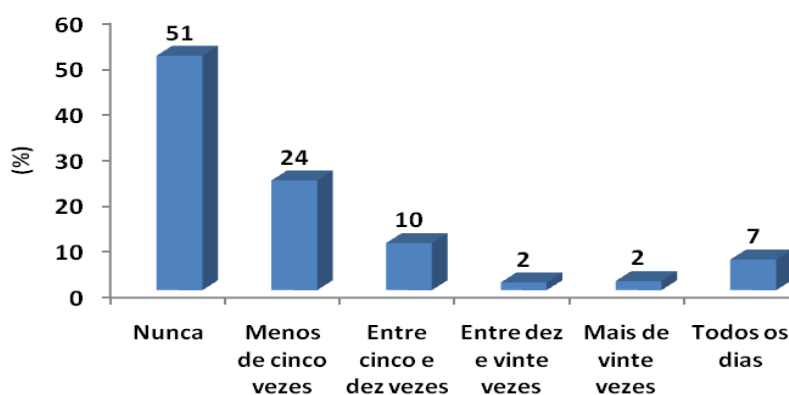


Figura 30 – Maus tratos durante o ano letivo

Quanto ao sentimento gerado no observador/testemunha em relação às vítimas, a maioria (51%) disseram que acham esse tipo de atitude muito má. Outros (19%) afirmaram que não fazem nada diante da situação e se afastam como mostra a Figura 31.

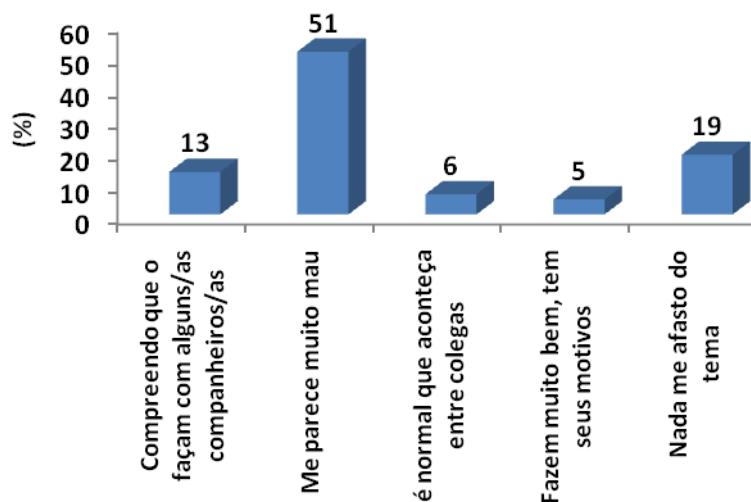


Figura 31 – Sentimento do/a observador/a testemunha em relação à vítima

Quando indagados sobre o que leva um/uns colega/as a intimidar outro/os, a maioria (39%) afirmaram que desconhecem as razões. Já (26%) disseram que isso acontece por que o provocaram, se meteram com ele/eles. Outros (20%) afirmaram que as intimidações acontecem porque as vítimas são mais fracas que seus agressores, conforme a Figura 22.

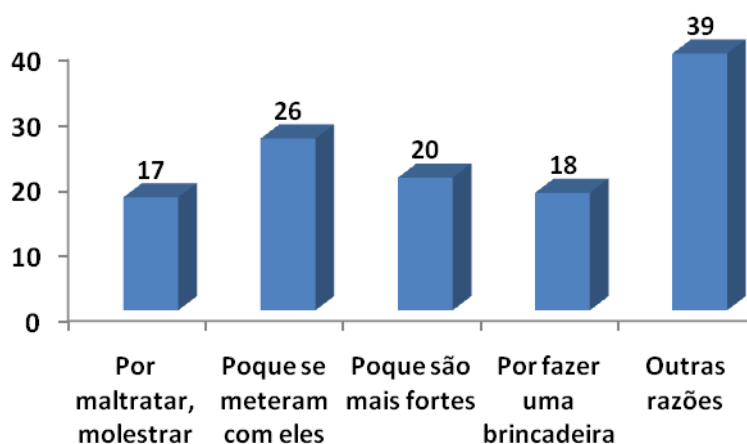


Figura 32 – Motivo dos maus tratos para as testemunhas

Quanto à atitude do observador/testemunha diante de situações de intimidação, a maioria 99 (33%) dos alunos afirmou que não fazem nada diante do ato. Outros (30%) disse que ao presenciar as agressões avisa alguém que possa parar a situação, já (18%) afirmaram que não fazem nada, embora acreditasse que pudesse fazer, Figura 33.

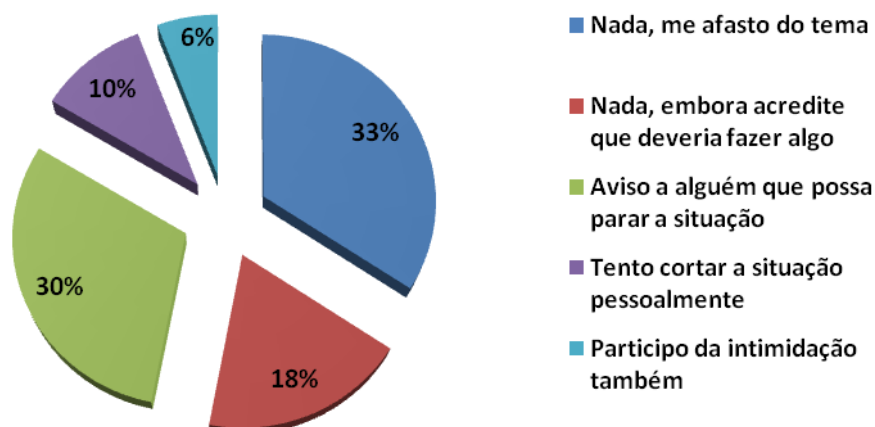


Figura 33 – Ação dos observadores

Quando indagados sobre a solução do problema, a grande maioria 177 (59%) dos estudantes acredita não saber como solucionar tal situação, Figura 34.

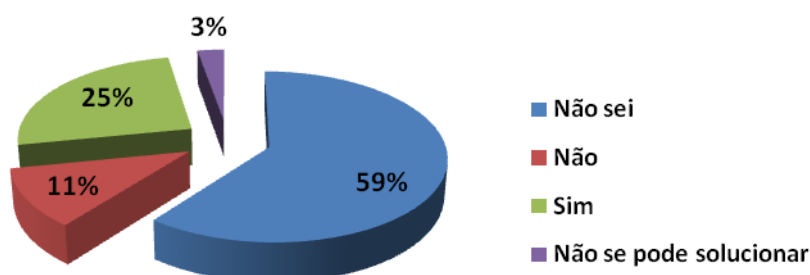


Figura 34 – Solução do problema

Quanto ao sentimento gerado nas vítimas, (26%) disseram não se importam não, demonstrar nada. Outros (15%) afirmaram que revidam a atitude e intimida o agressor também, Figura 36.

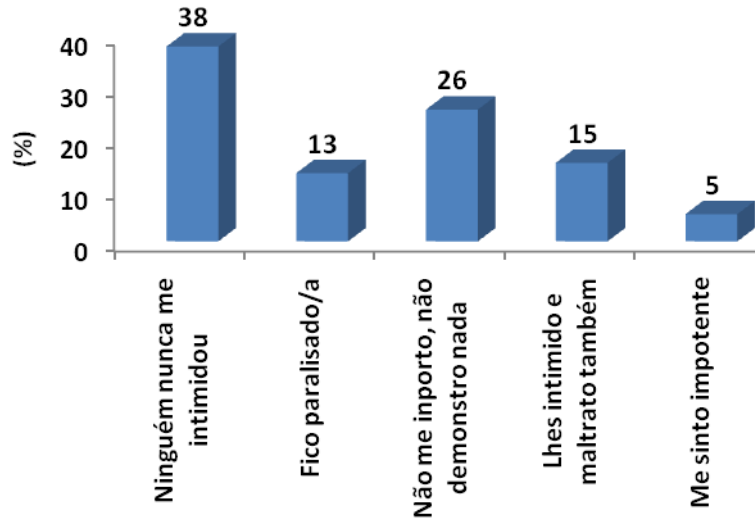


Figura 36 – Reação da vítima

Quando indagados sobre que lado o observador/testemunha fica diante de episódios de bullying. Os mesmo (55%) afirmaram que sempre ficam a favor da vítima, já outros (33%) relataram que não fica a favor nem do agressor e nem da vítima, Figura 37.

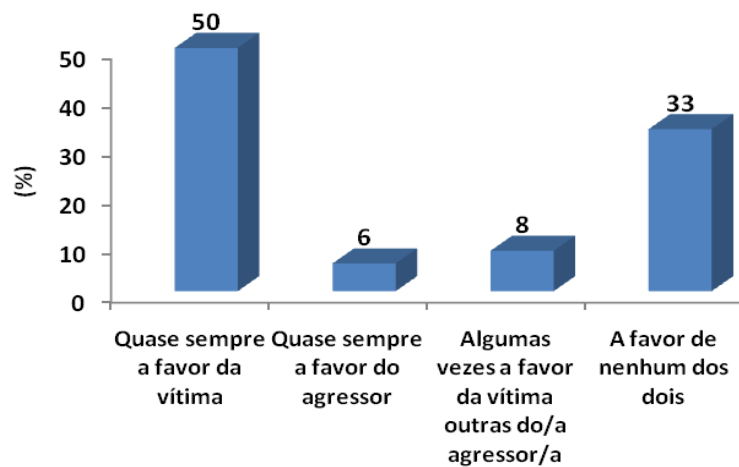


Figura 37 - De que lado o observador/testemunha fica

Da amostra estudada a maioria dos alunos (51%) se identificaram como vítimas. Outra parcela significativa deles (20%) se colocou no papel de observador/testemunha, outros (13%) como agressor/a, Figura 38.

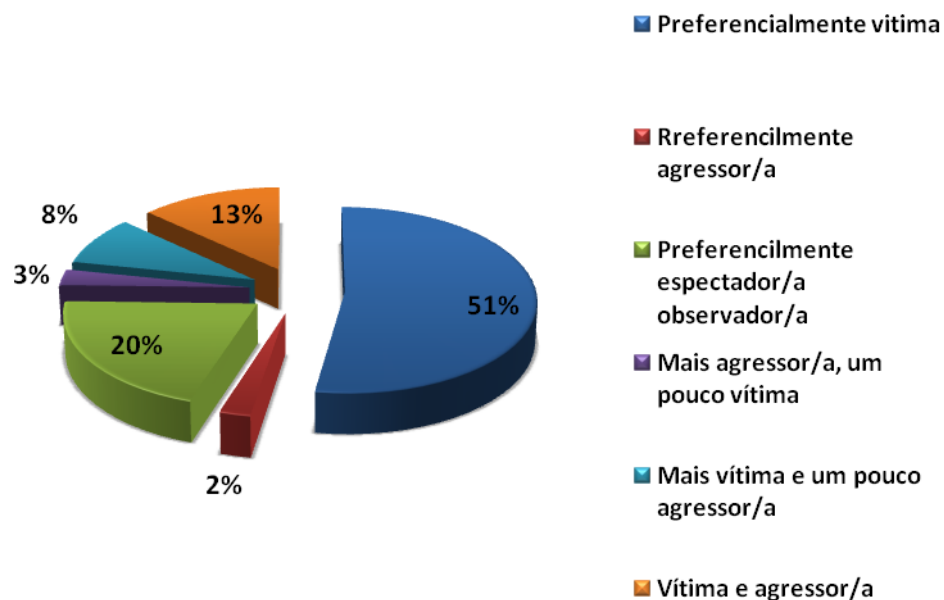


Figura 38 – Papéis de bullying

7. DISCUSSÃO

Os achados dessa investigação evidenciaram que os estudantes presenciam ou estão expostos a inúmeras situações de bullying comprometendo o bom relacionamento entre os pares no contexto escolar. Os resultados nos mostram que uma parcela significativa dos alunos do ensino fundamental já foi, em algum momento, alvo de bullying. Do total da amostra dos 300 alunos participantes dessa pesquisa revela que 138 (46%) dos mesmos já sofreram intimidação por parte dos próprios colegas na escola. De acordo com (Berger, 2007) o alvo é a vítima, isto é, o indivíduo que é exposto a ações repetidas de outros indivíduos com a intenção de machucá-lo, envolvendo diferenças de força, tanto real como percebida. De maneira parecida Carvalhosa; Lima e Matos (2002) encontraram em seu estudo um percentual bem elevado de vítimas (47,4%) dos alunos estudados já haviam sido alvo de bullying. Achado parecido refere-se ao de Grossi e Santos ao encontrarem que a maioria dos 192 alunos entrevistados, ou seja, (48%) relataram já ter sido vítimas de bullying. Outro estudo que aponta semelhança em seus resultados foi realizado por Fante (2000 - 2003) onde (22%) dos 2000 alunos investigados se identificaram como sendo vítimas de bullying. Como contra ponto outra pesquisa aponta para uma porcentagem de vítimas mais baixa de alunos envolvidos em bullying, como é possível constatar no estudo realizado pela ABRAPIA (2003) no Rio de Janeiro que identificou um total de 16,9% de vítimas.

A criança vitimada pode estar em desvantagem numérica, ou só entre muitos, ser mais nova, tímida, são de credo, raça, ou orientação sexual diferente, menos forte, ou simplesmente são menos autoconfiante. Estes são fatores que por si só já diferenciam os indivíduos dos demais, tornando-os com a autoestima rebaixada e conseqüentemente mais vulneráveis aos agressores. Certamente não há uma justificativa plausível para a escolha, mas certamente os alvos são aqueles que não conseguem fazer frente às agressões sofridas.

Estudos nos chamam atenção para as conseqüências do bullying, em especial quanto às vítimas. No contexto acadêmico podem ter seu processo de aprendizagem comprometido: déficit de concentração, desmotivação pelos estudos, queda do rendimento, absentismo, evasão e reprovação escolar. Já em relação a saúde pode trazer

danos como baixa autoestima, baixa confiança em si mesmo podendo resultar em estresse, sintomas psicossomáticos, transtornos psicológicos, depressão e suicídio.

As crianças que sofrem bullying dependendo de suas características individuais e de sua relação com o meio em que vive principalmente a família, poderá não superar parcial ou totalmente os traumas sofridos. Além disso, poderão desenvolver sentimentos negativos tornando-se adulto com sérios problemas de relacionamentos, ou ainda reproduzir a violência sofrida posteriormente em outros ambientes (ABRAPIA, 2003).

Um fator que devemos levar em consideração é o medo, que se torna constante, principalmente de que o ataque volte a ocorrer, por isso, a vítima mobiliza, inconscientemente, sentimentos de ansiedade, medo, insegurança angústia e retraimento. Para a vítima é preferível calar-se ou isolar-se dos demais na tentativa de minimizar seu sofrimento; fora do ambiente escolar a vítima se remete aos episódios sofridos de tal modo como se estivesse frente ao seu agressor (FANTE, 2008).

Outro agravante da vitimização é o efeito perverso que a mesma pode acarretar. Estudiosos apontam para o aspecto epidêmico do bullying escolar nos próximos anos, por se tratar de comportamento psicossocial expansivo, uma vez que (80%) das vítimas tendem a reproduzir os maus-tratos sofridos com outras pessoas em outras ocasiões (FANTE, 2008). Sabe-se, ainda, que o bullying cria um clima de medo e perplexidade entre as vítimas, bem como para os demais membros da comunidade educativa que o testemunham sem saber o que fazer.

Em relação às formas mais frequentes de bullying identificadas entre os colegas da educação básica, destacam-se as formas verbais insultar (61%) aparecendo como extremamente frequente, seguida das formas rir e falar mal de alguém (24%), aparecendo como muito frequentes. Estes achados nos remetem ao estudo de Martins (2005) que dentre as formas mais frequentes de bullying citadas aparecem condutas como insultar. Bandeira (2009) em sua investigação também obteve respostas semelhantes quando apontou a forma insultar (61,1%) como a mais utilizada dentre os alunos. Enquanto que o estudo feito pela Abrapia (2003) mostra resultados diferentes ao apontar que as formas de bullying mais frequentes entre os estudantes são atitudes de apelidar (54%) e agredir alguém (16%).

Nesse tocante a literatura nos mostra que a agressividade para com os colegas pode assumir muitas formas como a verbal (insultar, ofender, falar mal, colocar apelidos pejorativos, “zoar”), a física ou material (bater, empurrar, beliscar, roubar, furtar ou

destruir pertences da vítima), psicológica e moral (humilhar, excluir, discriminar, chantagear, intimidar, difamar), sexual (abusar, violentar, assediar, insinuar), virtual ou cyberbullying (bullying realizado por meio de ferramentas tecnológicas: celulares, filmadoras, internet entre outros) (SILVA, 2010).

Segundo Fante e Pedra (2008) na grande maioria dos países onde se estuda o fenômeno são os maus tratos verbais por meio de apelidos depreciativos os mais incidentes. Mas não param por aí, a autora afirma ainda, que normalmente as vítimas não recebem apenas um tipo de ataque, geralmente eles aparecem conjugados, utilizando-se para isso outras formas de maus tratos, inclusive a exclusão social.

Conforme Allan e Beane (2011) o bullying verbal pode ser mais doloso e muito destrutivo ao bem estar dos envolvidos. De acordo com os autores infelizmente, algumas crianças aprendem muito depressa que “paus e pedras podem quebrar os ossos, porém palavras podem ferir mais e por muito mais tempo”, olhando pelo lado de fora os danos não aparecem, as cicatrizes não se mostram, mas elas estão lá. Falando de outra forma, quando você fala mal, exclui, difama, ignora alguém, não parece feri-la, porque visivelmente as marcas não são notáveis, no entanto elas estão presentes emocionalmente podendo machucá-la grandemente por dentro.

Olhando por esse lado, podemos pensar que talvez aí esteja a razão pela qual a grande maioria dos estudantes utiliza as formas verbais de bullying, uma vez que os danos causados não deixam marcas evidentes, aos olhos de quem as vê como os danos físicos e isso pode trazer a falsa idéia de que não foi nada demais, que não houve nenhum agravante, que nenhum dano, ou prejuízo foi causado à vítima.

O que se sabe é que independente das formas de bullying executadas todos os protagonistas são afetados acarretando problemas físicos e emocionais, podendo se estabelecer e trazer danos futuros, como por exemplo, nas relações de trabalho, na relação familiar e posteriormente na criação dos filhos. As consequências são as mais variadas possíveis e depende muito de cada indivíduo, da sua estrutura, de suas vivências, da predisposição genética, bem como da forma e da intensidade das agressões.

No tocante a forma de relação entre pares a grande maioria disse estar bem com quase todos os colegas (65%). Outros (29%) disseram que o relacionamento não esta nem bem nem mal e uma parcela de (5%) relatam estar mal. Já com relação às amizades

que mantém na escola, a maioria (37%) apontaram ter 6 ou mais amizades, outros (19%) disseram ter apenas 1 amizade e ainda (10%) não mantém nenhum laço de amizade na escola.

Sabe-se que para o adolescente é essencial estabelecer contatos com os amigos e formar seu grupo de identificação, assim a depender das características dos pares a que se associa podem desenvolver comportamentos adequados ou não. Assim, evitar amigos com comportamento anti-social e preferir aqueles com comportamento pro - social pode funcionar como proteção à adoção de condutas inadequadas como a prática de bullying.

Estudos reforçam que no âmbito da promoção de estilos de vida saudáveis nos adolescentes a importância já reconhecida dos contextos sociais do jovem, assim a família, o envolvimento escolar, a relação com os professores e o estabelecimento de laços de amizade com os pares, são apontados como fatores potencialmente protetores de situações de envolvimento com atos de violência na escola (MATOS; CARVALHOSA, 2001).

A adolescência é a fase na qual o jovem enfrenta novos desafios, como escolher uma profissão, adquirir certa independência com relação à família, lidar com a sexualidade; os laços de amizades nessa fase vão ter imenso valor para lidar com sentimentos complexo e conflitos (BARROS, 1993). Nesse sentido as amizades são de importância fundamental, sentir-se aceito pelo grupo, na qual são da mesma faixa etária, que tenham gostos e maneiras de ser parecidos e até problema semelhante. Essa identificação suaviza a sensação de estranhamento, de ainda ser alguém em formação, de não saber seu lugar no mundo, comuns nessa fase.

Podemos pensar o quanto é desconfortável e sofrido para o aluno que se sente rejeitado pelos colegas na escola. Somando-se a isso a situação pode agravar-se ainda mais quando o indivíduo tem que lidar com outras formas de maus tratos que caracterizam o bullying, comprometendo o seu futuro tanto no plano pessoal como no profissional. Sabe-se que o adolescente define a si mesmo a partir de suas ligações sociais e a partir do modo como interagem com o grupo de colegas. Portanto, a convivência com os pares é de importância fundamental para criar um senso de identidade.

Quando perguntado aos alunos se alguma vez já havia sentido sozinho no intervalo, um número elevado deles (43%) afirmou que já havia sentido sozinho, algumas vezes. Outros (9%) já havia sentindo sozinho por várias vezes, porque os

colegas não queriam estar com ele. É essencial estabelecer contatos com os amigos e formar seu grupo de identificação, isso reflete no bem estar do indivíduo na escola, pois as interações servem de base para o desenvolvimento pleno das potencialidades das crianças e adolescentes. Relações próximas e saudáveis são indicadores da adequada adaptação do indivíduo na escola (LISBOA, 2001).

Já com relação ao sentimento de satisfação com o ambiente escolar, (64%) mencionou que se sentem bem, estão gostando. Somente (7%) afirmaram que estão mal, não estão gostando da escola. Sabe-se que o vínculo escolar é considerado uma variável importante para a conduta do estudante. Em períodos que se seguem a infância, contextos como a escola passam a ter grande importância, tornando-se fontes de influência no comportamento, já que a participação dos indivíduos nesse ambiente se torna cada vez mais ativa. É nítido a influência desse contexto no desenvolvimento da personalidade, valores e relações sociais (CHIAPETTI, 2003).

Na adolescência, principalmente, o indivíduo amplia seus círculos de interação e atividades, e o ambiente escolar passa a ter um papel mais marcante, de modo a influenciar o comportamento no sentido dele ser adaptativo ou, por outro lado, inadequado. Isto dependerá da qualidade das relações e da presença de afetividade e reciprocidade que tal ambiente propiciar (KOLLER; POLLETO, 2008). Assim, a participação na escola é entendida como fator de proteção quando esta oferece relacionamentos positivos que fomentem a auto-estima e a auto-eficácia dos adolescentes (COSTA, 2009).

Quanto à forma de tratamento dos alunos por parte dos professores, a grande maioria (77%) afirmou que são tratados bem e (17%) disseram que são tratados de forma regular, nem bem nem mal. A escola é uma instituição de grande importância para o desenvolvimento dos estudantes porque tem papel relevante na sua socialização, sendo o contexto, depois da família, onde passam grande parte do tempo, podendo ser também um ambiente propício à integração social, troca de experiências e aprendizados, e preparação para o futuro.

De acordo com Brooks (1994 *apud* ASSIS et al., 2005) manter bom relacionamento com amigos, professores ou pessoas significativas que assumam papel de referência segura ao indivíduo e que faça se sentir querido e amado são considerados importantes fatores de proteção para a conduta dos estudantes

A relação professor-aluno é de extrema relevância no desenvolvimento de características individuais e se configura como fator constituinte na formação da personalidade dos estudantes. Atitudes relativamente simples de respeito e afeto por parte do professor podem ser muito positivas, colaborando para diminuir a violência no ambiente escolar (MARRIEL et al., 2006). Portanto, vê-se que as formas de relacionamento que se estabelece entre professor e aluno exercem papel significativo no seu desenvolvimento da conduta do aluno.

Segundo relato dos estudantes (60%) reside com as figuras paternas, pai e mãe. Enquanto uma parcela significativa deles (24%) mora apenas com um dos pais, perfazendo um total de 72 alunos. Sobre a satisfação no ambiente familiar, (70%) disseram estar bem, como gostam e (9%) afirmaram estar mal nesse ambiente. A família se destaca enquanto dimensão na análise do impacto sobre o desenvolvimento humano, quando comparada às demais instituições, pois é nesse âmbito que o jovem vivencia suas primeiras experiências de relações interpessoais, desenvolve padrões de comportamento, caráter e personalidade, daí sua grande importância no desenvolvimento comportamental do jovem (FEIJÓ, 2001).

Entretanto, há que se considerar que não é o simples fato de conviver em família monoparental que se constitui em fator de risco para o desenvolvimento saudável do indivíduo, mas a relação que esta condição tem com outras variáveis como, por exemplo, o fato de apenas um dos cuidadores ter que chefiar a família, assumindo uma sobrecarga, o que pode concorrer para o fato de ter de lidar com um nível de estresse maior. Ademais, a dificuldade gerada, por vezes, pela monoparentalidade, associada a outras problemáticas da família e/ou do cuidador, pode afetar diretamente o estilo parental que é estabelecido.

Viver em família monoparental pode criar uma situação de sobrecarga para um dos responsáveis, uma vez que o pai ou a mãe pode ficar sozinho na criação dos filhos. No mais, se esse trabalhar fora, para prover o lar, conseqüentemente dispensará pouco tempo para supervisionar a prole e exercer controle sobre o comportamento do adolescente, conforme o mencionado por Werner (1993 apud FEIJÓ, 2001).

Lopes Neto (2005) nos chama atenção para o fato de que condições familiares adversas contribuem significativamente para o desenvolvimento da agressividade em crianças e, conseqüentemente, para a formação do bullying. Dentre tais condições temos

a desestruturação familiar, o relacionamento afetivo pobre e o excesso de permissividade dos pais

É preciso atentar, entretanto, que os fatores de risco podem apresentar-se de diferentes formas dependendo do momento da vida da pessoa. A separação dos pais, por exemplo, quando vivenciada na infância pode ser sentida de maneira diferente se o evento acontece durante a própria adolescência, pois os recursos pessoais e ambientais para o enfrentamento da situação não são os mesmo (SILVA; FERREIRA, 2002).

Quando questionados se algumas vez já haviam sentido medo de ir a escola, vários foram os alunos que indicaram nunca ter sentido medo 69%. Porém, uma quantidade, significativa, 27% admitiram já ter sentido medo de ir à escola algumas vezes. Dos que admitiram ter sentido medo, a grande maioria indicou que a causa desse medo seria um/a ou vários/as colega/as.

Em períodos que se seguem a infância, contextos como a escola passam a ter grande importância, tornando-se fontes de influência no comportamento, já que a participação dos indivíduos nesse ambiente se torna cada vez mais ativa. É nítido a influência desse contexto no desenvolvimento da personalidade, valores e relações sociais (CHIAPETTI, 2003). Na adolescência, principalmente, o indivíduo amplia seus círculos de interação e atividades, e o ambiente escolar passa a ter um papel mais marcante, de modo a influenciar o comportamento no sentido dele ser adaptativo ou, por outro lado, inadequado. Isto dependerá da qualidade das relações e da presença de afetividade e reciprocidade que tal ambiente propiciar (KOLLER; POLLETO, 2008).

Nesse tocante, a participação na escola é entendida como fator de proteção quando esta oferece relacionamentos positivos que fomentem a auto-estima e a auto-eficácia dos alunos (COSTA, 2009). Manter bom relacionamento com os colegas da classe é muito importante para o bem estar do indivíduo na escola, por outro lado se o aluno não sente aceito pelos colegas e sofre alguma represália pode acarretar sentimento de recusa e desinteresse pelas atividades escolares, desencadeando vários outros agravantes em relação à escola. Por isso, o bom relacionamento com os colegas da classe, professores ou pessoas significativas que assumam papel de referência segura ao indivíduo, e que o faça sentir-se querido e amado, são considerados importantes fatores de proteção para o comportamento, já que favorecem a adequada adaptação na escola.

Acredita-se que a aceitação pelos pares é fundamental importância para o desenvolvimento social saudável da criança e do adolescente, no entanto, a agressividade de uma criança pode ser percebida pelos outros colegas como um fator de distanciamento, o que dificulta a criação de laços de amizade (LISBOA; BRAGA; HEBERT, 2009).

Dos alunos que afirmaram já ter sido maltratado pelo/os colega/as, (21%) indicaram que estão sendo alvo de intimidações há algumas semanas. Outros (9%) relataram que os maus tratos acontecem há alguns meses e (6%) deles relataram que desde sempre essas situações acontecem por partes dos próprios colegas da escola. Acredita-se que crianças bully aprendem a utilizar o poder de agressão para controlar e estressar outras crianças; as vítimas tornam-se cada vez mais impotentes e incapazes de se defender dessa forma de abuso e estão mais propensas a não gostar e evitar a escola (LAMB, 2009).

Segundo Oliveira (2007) quando os casos de bullying acontecem dentro dos muros escolares a situação passa a ser mais complicada ainda para aqueles que sofrem a intimidação. Entende-se que quando a intimidação acontece além das fronteiras escolares o sujeito pode reverter a situação, trocando de grupo ou de companhia, no entanto, quando esse ato de agressão acontece dentro da escola a situação é mais difícil, já que o mesmo é obrigado a conviver com os agressores por tempo prolongado. Outro agravante é o tempo de estresse a qual a vítima é submetida, quanto maior a exposição aos maus tratos, maior a possibilidade de a vítima desenvolver problemas preexistentes, como por exemplo, esquizofrenia, homicídio e suicídio.

Quanto ao sentimento gerado nas vítimas, 35% disse não se importar com os episódios de bullying, já (19%) prefeririam que isso não acontecesse, outros (13%) afirmaram se sentir mal. Esses resultados contrariam os achados de Grossi e Santos (2009) quando afirma que os sujeitos vítimas de bullying desenvolvem um processo de raiva (cerca de 56,6% dos entrevistados vítimas referiram este sentimento). Outro estudo desenvolvido por Bandeira (2009) relata que (48,9%) das vítimas de bullying expressaram sentimento de raiva diante dos episódios sofridos. Percebe-se que aquilo que é tratado por muitos como mera brincadeira possui uma conotação agressiva por parte dos agressores, no mais as vítimas que recebem tal agressão desenvolvem sentimentos negativos de raiva desenvolvendo sofrimentos emocionais, onde um grande número delas não consegue resultados de auto-superação.

As brincadeiras são atitudes que acontecem naturalmente entre pessoas, é normal e é necessário que as crianças brinquem, no entanto, quando essas brincadeiras ganham requintes de crueldade entre, de perversidade e “segundas intenções” que extrapolam os limites suportáveis, que variam de acordo com a história de cada indivíduo, transformam-se em atos de violência. Outro fator a ser considerado é que quando se trata de brincadeiras normais e saudáveis todos se divertem, contudo, quando apenas uns poucos se divertem a custas de outros, que sofrem, não se trata mais de uma simples brincadeira e sim de um ato de violência (FANTE; PEDRA,2008).

As vítimas de bullying, por consequência, estão sujeitas a desenvolver transtornos psiquiátricos graves, como pânico, depressão, bulimia, compulsão, ansiedade e fobias. Alguns conseguem interromper as perseguições e maus tratos como forma de revide, outros se encorajam e buscam auxílio de adultos e em casos extremos algumas vítimas no limite de seu sofrimento decidem da um final em sua própria vida como bem menciona (FANTE; PEDRA, 2008).

O que se observa é que há uma série de reações comportamentais negativas diante do fenômeno sofrido. Diante disso, devemos ter em mente que o bullying é um comportamento inaceitável sob diversos aspectos, sociais, culturais, morais, éticos, científico e evolucionista, pois não existe um ser humano igual ao outro, cada um possui uma biologia própria, assim como suas próprias vivências psicológicas, cada um é um ser humano especial, com suas habilidades e dificuldades (SILVA, 2010).

Quando indagados sobre os possíveis motivos que levaram a ser vitimizados pelos colegas, (40%) relataram não saber. Outros (19%) afirmaram que foram vítimas de maus tratos por serem diferentes dos demais e (11%) por se considerarem mais fracos que os seus agressores. O que podemos observar nessa variável é que o alto índice de estudantes da educação básica que afirmou não saber os motivos dos maus tratos sofridos só reforça a idéia de que os episódios de bullying acontecem sem que haja um motivo que justifique o ato, ou seja, os ataques não acontecem em decorrência de uma causa reativa, pois não surgem de uma discussão, conflito ou briga entre dois ou mais indivíduos. Isso pressupõe que a vítima nada faz para ser atacada, o que denota a gratuidade do ato.

Segundo Fante (2008) os que praticam bullying simplesmente elegem um colega que tenha em seu aspecto físico ou psicológico traços que denunciam ser ele uma presa fácil aos ataques, o “bode expiatório” deixa claro em suas atitudes que não reagirá

diante dos ataques e nem mesmo conseguirá mobilizar reações de outros indivíduos em sua defesa. Em última instância, significa dizer que, de forma “natural”, os mais fortes utilizam os mais frágeis como meros objetos de diversão, prazer e poder, com o intuito de maltratar, intimidar, humilhar e amedrontar suas vítimas (ABRAPIA, 2003).

Encontrou-se que a maioria das vítimas sofre maus tratos na própria sala de aula (48%). Sendo que os mesmos são desferidos na sua maioria por um grupo de colegas do sexo masculino (30%) quando o professor está ausente (39%) ou mesmo na própria presença do professor em sala de aula (30%). Achados parecidos foi realizado por Bandeira (2009) quando constatou em sua investigação que a maioria dos alunos vítimas de bullying eram atacados por mais de dois colegas. Já no que concerne ao local de maior incidência de bullying resultados semelhantes também foram encontrados por Grossi e Santos (2009) quando apontaram que a maioria dos casos de bullying ocorre em sala de aula (52,7%). Para esses autores a sala de aula se configura como o espaço de maior intimidade do grupo e, por isso, está mais propenso ao reconhecimento das diferenças entre as pessoas. Outro achado semelhante foi no estudo realizado pela ABRAPIA (2003) que identificou a sala de aula como o local de maior incidência de bullying, com (60%) da amostra. Em contraponto, os achados de Moura; Cruz e Quevedo, (2011) apontam o pátio da escola como o local de maior ocorrência do bullying com (55,1%) das opiniões.

É verdade que os ataques de bullying podem ocorrer em qualquer local onde haja interações entre pessoas, tanto dentro da escola ou fora dela, locais de convivência comum aos alunos, como condomínios, shoppings e outros locais onde se reúnem. Segundo Fante (2008) na maioria dos países onde se estuda o tema constatou-se que o pátio do recreio é o local de maior incidência de ataques de bullying, entretanto, no Brasil, as pesquisas apontam a sala de aula. Os achados dessa investigação, citados anteriormente, reforçam o fato de que é a sala de aula o lugar de maior ocorrência dos episódios de bullying, com ou sem a presença do professor, segundo a literatura nacional (FANTE, 2008; ABRAPIA, 2003; GROSSI, SANTOS, 2009; LOPES NETO, 2005; FRANCISCO, LIBÓRIO, 2009).

Frente a isso nos indagamos porque será que a sala de aula é o local de maior ocorrência de bullying, com ou sem a presença do professor? Segundo Fante, (2008) é notório que sem a presença do professor em sala de aula não há um adulto, naquele momento, para monitorar os alunos. Contudo podemos mudar essa situação se nas

trocas de aula houver maior rapidez para que as crianças não fiquem um período de tempo prolongado sozinhas, outra falha é o momento de entrada em sala de aula, aonde muitas vezes o professor chega depois que as próprias crianças e nesse período o bullying está ocorrendo. Já com a presença do professor, pode ser que os mesmos desconheçam a importância do fenômeno e não sabem como agir quando se depara com a questão, muitos agem de acordo com suas próprias experiências e acham que o bullying faz parte do processo de amadurecimento do indivíduo, outros não se importam com os episódios porque acham que são brincadeiras normais da idade (FANTE, 2008).

Os atos que compõe o fenômeno bullying são manifestações violentas apresentadas de forma velada que só são possíveis de perceber nas entrelinhas das relações sociais, muitas vezes, passam despercebidos ou são tidos como brincadeiras naturais da infância, ou conflito típico que ocorre entre pares, o que não é verdade. No bullying há a intenção de prejudicar e o comportamento persiste por certo tempo, sendo danoso a auto-estima da vítima e mantido graças ao poder exercido sobre esta (GONÇALVES; ANDRADE, 2011).

As escolas precisam de preparo para lidar com essa problemática, e esse preparo vem por meio do conhecimento do que é bullying e também saber diferenciar o fenômeno de outras formas de conflitos, incivildades, indisciplina e só assim poder posicionar-se desenvolvendo estratégias continuadas de enfrentamento ao fenômeno sem perder de vista que educar para a adversidade é dever de todas as instituições de ensino.

Quando indagados sobre quem normalmente para as situações de intimidação a maioria (36%) respondeu que ninguém se manifesta, ou seja, ninguém faz nada diante dos episódios de bullying. Isso pode ocorrer ou porque as pessoas não têm conhecimento sobre o assunto já que é um tema novo de discussão no meio acadêmico no Brasil, ou por ignorarem os conflitos achando que é natural da idade, ou no caso dos alunos espectadores por temer vir a ser futuras vítimas, mesmo repudiando as ações dos agressores, nada fazem para intervir.

Dos alunos que relataram serem alvos de bullying, (20%) recorrem aos familiares ou aos próprios colegas para relatar o fato, outros (15%) se calam e preferem não contar para ninguém o ocorrido. Entretanto, os achados de Grossi e Santos (2009) apontam resultados contrários, onde a maioria dos envolvidos com o fenômeno (40%)

não conversaram com ninguém sobre o que estavam vivenciando, já entre os escolhidos para dividirem este problema estão os familiares e os próprios colegas.

Normalmente as vítimas de bullying se vêem em um impasse, contar a alguém ou não o ocorrido. Para elas seria muito mais confortável e seguro se ao pedir ajuda de um adulto no ambiente escolar ou na família, elas fossem ouvidas e amparadas no sentido de auxiliá-la e retirá-la dessa situação perigosa e tentar encontrar uma solução. O que não podemos ser é omissos diante de um fenômeno tão danoso, se agirmos dessa forma estamos colaborando para a sua proliferação, ao passo que o bullying tende a prosperar no sigilo.

O que se sabe é que nem sempre as vítimas procuram alguém para contar as represálias sofridas, muitas preferem se recolher e se isolar dos demais, elas querem ser deixadas em paz ou mesmo não ser notadas pelos seus agressores. Alguns motivos colaboram para que muitas vítimas se caleem diante das agressões, dentre eles podemos mencionar a falta de apoio e compreensão por parte dos adultos, medo perseguição dos agressores, vergonha de ser expor frente aos colegas e ser taxados de incompetentes e fracos, temor pela reação dos familiares, mobilização de raiva voltada contra si mesma, pela incapacidade de defesa ou por concordar com os seus agressores, acreditando ser merecedora dos maus tratos sofrido (FANTE, 2008).

Segundo Haber e Glatzer (2012) quando a criança é muito jovem é mais provável que contem aos pais ou aos professores sobre terem vivido uma experiência de bullying, porém à medida que vão ficando mais velhas geralmente pensam (e estão certas) que se “derem com a língua nos dentes” a situação só piora, uma vez que os bullies poderão tirar proveito disso apenas como mais um sinal de fragilidade, porque teve que recorrer à mãe ou ao professor para que resolvesse o problema por ela.

Foram vários os estudantes 105 (35%) que afirmaram a sua participação como autores de episódios de bullying. Sendo que (20%) afirmaram cometer os maus tratos, menos de cinco vezes durante o semestre. Os autores são aqueles que se valem de sua força física ou habilidade psicoemocional para aterrorizar os mais fracos e indefesos. Eles podem ser ambos de ambos os sexos, possuem em sua personalidade traços de desrespeito e maldade, na maioria das vezes essas características estão associadas a um perigoso poder de liderança, que muitas vezes, é legitimado por meio da força física ou intenso assédio psicológico. Desde muito cedo eles apresentam aversão às normas, não

aceitam ser contrariados ou frustrados; o desempenho escolar desses jovens costuma ser regular ou deficitário, no entanto, isso não denota deficiência intelectual ou de aprendizagem.

A literatura justifica a autoria dos episódios de bullying dizendo o que lhes falta, de forma explícita, é o afeto pelos outros. Sendo que essa afetividade deficitária (parcial ou total) pode ter origem em lares desestruturados ou mesmo no próprio temperamento dos jovens; nesse caso, as manifestações de desrespeito, ausência de culpa e remorso pelos atos cometidos podem ser observadas desde muito cedo, entre os 5 a 6 anos (SILVA, 2010).

Quanto ao sentimento dos agressores em relação à prática de bullying (37%) disseram que sentiu mal com a situação. Esses resultados contrariam a literatura Abrapia (2003) e Bandeira (2009) onde apontaram em seus achados que a maioria dos estudantes autores de bullying (29%) e (25,9%) respectivamente, acharam engraçado os maus tratos praticados. Os agressores são populares, costumam maltratar os mais fracos e muitas vezes conseguem atrair outros colegas para se aliar a ele e conseqüentemente se auto-afirmar. Para manter a sua popularidade acabam humilhando, ridicularizando e hostilizando suas vítimas sem que haja um motivo, vêem suas atitudes como positivas e não apresentam sentimento de culpa pelos atos cometidos. Os autores de bullying têm grande probabilidade de adotar comportamentos anti-sociais ou delinqüentes, por falta de limite ou modelo educativo que direcione seu comportamento.

O que se percebe é que essa brincadeira de mau gosto, bullying, surge sempre disfarçada, por um duvidoso senso de humor, onde os autores se divertem a custa do sofrimento de suas vítimas, outros, mesmos demonstrando sentir-se mal com a situação persistem reproduzindo as agressões e espalhando medo e terror contra seus alvos.

De acordo com os autores de bullying, o grande motivo que os teriam levado a praticar bullying contra seus companheiros seria as provocações recebidas (36%). Do mesmo modo, de forma geral, os alunos afirmaram que as provocações seriam um dos principais motivos que leva um/uns aluno/os a maltratar outro/os (26%). O que se percebe é que os alunos tendem a revidar as provocações recebidas dos companheiros e conseqüentemente se torna mais um agressor, cometendo igualmente atos de agressão. Isso nos remete ao que a literatura afirma sobre o círculo vicioso que o bullying pode causar, uma vez que os alunos alvos das provocações tendem a reproduzir os ataques sofridos e assim novos agressores surgirão, sinalizando para o aspecto epidêmico do

fenômeno (FANTE, 2008). Esses alunos caracterizam-se, por vezes, os denominados vítimas-agressores, que como já mencionado, são aqueles alunos que são ou que foram vitimizados e que acabam reproduzindo os maus-tratos sofridos. Integra-se a grupos para hostilizar seu agressor ou elegem uma outra vítima como “bode expiatório”.

Segundo relatos, (30%) dos alunos afirmaram que ao praticaram atos de intimidação a seus companheiros/as e ninguém disse nada frente à situação. Outros (21%) disseram que quando as agressões foram praticadas na presença dos colegas os mesmos, também, não reagiram e nada fizeram. Percebemos que a maioria dos alunos espectadores fica engessados ante a violência, nesse tocante podemos entender as causas que levam esses alunos a silenciar diante da cena. Segundo Fante e Pedra (2008) para muitos alunos, o ato de presenciar as situações de bullying gera, a princípio, tensão, medo, raiva, revolta e inconformismo; com o tempo essas atitudes agressivas passam a fazer parte do cotidiano da escola, gerando certa acomodação, ou se naturalizando; há espectadores que se incomodam, se angustiam, mas se sentem impotentes. Nesse caso, sentem vontade de ajudar, ou denunciar a perversidade dos intimidadores, porém o medo de se transformar em “próxima vítima” associado ao fato de não saberem como fazer uma denúncia com segurança, os impede. Há ainda, os que se recusam a ficar do lado de alguém que não teve força para reagir os ataques, isso não ficaria bem para a sua popularidade (FANTE, 2008).

Já quando são os adultos que são as testemunhas/observadores dos episódios de bullying e não reagem, não fazem nada diante dos ataques. Nesse caso, podemos supor que isso aconteça ou por desconhecimento do assunto, outros por simples omissão ao fato, ou mesmo por comodismo ou negação ao fenômeno. Percebe-se que é muito delicada a situação dos espectadores, muitos desenvolvem sentimentos de constrangimento e emoções desagradáveis, mais graves ainda, é quando desenvolvem a insensibilidade diante do sofrimento do outro.

Quanto ao sentimento dos observadores/testemunhas em relação às vítimas de bullying, a maioria (51%) disse que essa é uma atitude que parece ser muito má, outros (19%) disseram que se afastam da cena e nada fazem. Sobre essa variável encontramos na literatura resultados diferentes, como podemos constatar nos estudos realizados pela (ABRÁPIA, 2003) que demonstrou que a maioria dos alunos (33%) disse ter desenvolvido sentimento de pena da vítima, outros (26%) se sentiram mal com a situação. Já Lisboa (2009) encontrou em sua investigação que a maioria dos alunos que

foram observadores/testemunha (78%) disse ter se sentido mal ou triste ao presenciar os colegas sendo vitimizados, outros (20,7%) ignoraram o caso.

Já com relação à atitude dos observadores/testemunhas diante de situações de intimidação, a maioria 99 (33%) dos alunos afirmou que não fazem nada diante do ato. Resultados parecidos foram encontrados nos estudos de Bandeira (2009) onde a maioria dos estudantes testemunha de bullying (37,8%) não fizeram nada ao presenciar atos de intimidações contra seus companheiros.

Como podemos observar, os espectadores podem esboçar diferentes reações ao presenciar os colegas sendo vitimizados. Alguns são acometidos de indiferença do outro, pela banalização da própria violência, ou mesmo pela sua validação. Segundo Fante (2008) isso ocorre, por alguns fatores, dentre os quais, o sistema de normas sociocultural, que norteiam as crenças e as opiniões das pessoas e suas condutas nas situações de emergência. Muitos silenciam diante da situação por medo de se tornar mais uma vítima em meio às outras. Outros se mobilizam internamente, esboçando sentimentos de pena, raiva, repreensão, sente-se mal, incomodados e até impotentes, porém não sabem como agir nesses casos. Percebe-se que há falta de esclarecimentos corretos diante dos episódios de bullying. Faz-se necessário que se ofereça orientações seguras sobre como encaminhar uma denúncia, de forma anônima, frente a esse tipo de violência, para que não se exponha a riscos desnecessários.

Sobre a solução do problema, uma parcela significativa 177 (59%) dos estudantes acredita não saber como solucionar o fenômeno. Como já mencionado, ainda falta esclarecimento sobre o fenômeno na grande maioria das escolas, consequentemente professores, funcionários, pais e alunos ainda não sabem como agir de maneira segura e correta diante da situação, isso acontece por se tratar de um tema de discussão recente no meio acadêmico aqui no Brasil. Alguns ainda que conheça o fenômeno se omitem a prestar ajuda, outros negam o caso, e muitos, ainda, se acomodam.

Conhecer o bullying é o primeiro passo para se pensar em como combater e reduzir a ocorrência desse fenômeno. Já se sabe que o bullying é um fenômeno universal, resta a escola reconhecer sua existência e, sobretudo, esteja consciente de seus prejuízos para a personalidade e o desenvolvimento socioeducacional dos estudantes, o ideal é que a vitimização seja identificada e interrompida antes que cause prejuízos de grandes proporções.

No tocante a reação esboçada pelas vítimas de bullying na escola. (26%) disseram que não se importam, não fazem nada diante da cena. Enquanto (15%) afirmaram que revidam e lhes intimidam igualmente. Mais uma vez, percebemos que os episódios de bullying é acometido, em sua maioria, por um processo de ação-reação, ou seja, as vítimas normalmente elas tendem a reproduzir o ataque, assim revidam a ação igualmente contra seus agressores, com esse movimento, conseqüentemente, surge às chamadas vítimas-agressores. Segundo Fante (2008) esse tipo de atitude sinaliza para o aspecto expansivo do fenômeno nas escolas nos próximos anos.

Da amostra estudada a maioria dos alunos (51%) se identificaram como vítimas. Outra parcela significativa deles (20%) se colocou no papel de observador/testemunha. Já o papel de agressor é representado por uma minoria de (13%). Resultados divergentes foram encontrados nos estudos de Bandeira (2009), onde a maioria dos estudantes (43,6%) se identificou como sendo vítima/agressor, seguido de vítima (23,2%) e testemunhas (17,3%). Seja qual for a atuação de cada aluno algumas características podem ser destacadas, de acordo com o papel que venha a representar. Os autores de bullying são os alunos que somente praticam o bullying, caracterizam-se por apresentar pouca empatia e se valem de sua força física ou emocional para intimidar os mais indefesos e fracos, são arrogantes, prepotentes e estão frequentemente envolvidos em confusão. Já as vítimas de bullying são os alunos que somente sofrem o bullying, geralmente apresentam pouca habilidade de socialização, são retraídos, inseguros e tímidos, fisicamente são mais frágeis ou apresentam alguma característica que diferencia dos demais, tendem a ter baixa auto-estima e ansiedade. Entretanto, vale dizer que o fato de apresentar tais características não significa que são ou irão ser vítimas de bullying. Quanto às testemunhas, são os alunos que não sofrem e nem praticam o bullying, mas convivem em um ambiente onde isso ocorre. Já as vítimas agressoras são os alunos que ora sofrem, ora praticam o bullying, geralmente tendem a revidar os maus-tratos sofridos.

Independente do papel de bullying em que o aluno se coloca é consenso entre os pesquisadores que todos os envolvidos são afetados de alguma forma, seja a curto ou em longo prazo. Para uns o impacto é mais devastador, para outros é menos traumático. Isso vai depender da história de vida de cada pessoa e do seu momento existencial, o fato é que as vítimas de bullying jamais esquecem as sequelas.

8. CONCLUSÃO

Tomando em consideração a totalidade das informações apuradas nesta pesquisa foi possível demonstrar a ocorrência do fenômeno bullying no ensino fundamental de Parintins/Amazonas.

O principal motivo que levou os autores de bullying, a praticarem atos de maus tratos com os próprios colegas da escola foram às provocações recebidas dos mesmos. Isso só reforça o que a literatura mundial vem afirmando que as vítimas de bullying tendem a reproduzir os maus tratos sofridos, tornando-se novos autores em potencial e colaborando para o aumento exponencial desse fenômeno nos próximos anos.

Constatou-se também que o local de maior incidência do bullying, foi a sala de aula, tanto na ausência como na presença do professor. O que vem de encontro ao que a literatura nacional revela, afirmando que os professores ou desconhecem o fenômeno, por ser um tema novo de discussão no meio educacional brasileiro e não sabem como agir ao se deparar com a questão ou se omitem por acharem que são “brincadeira própria da idade”, sem maiores conseqüências, ou ainda por acharem que os alunos devem resolver seus problemas sem interferência dos adultos.

Recomenda-se que as informações apontadas pelas pesquisas na área remetem à necessidade de inclusão da temática nos currículos de formação inicial e continuada dos profissionais que atuarão e atuam no contexto escolar tanto na função docente, como de gestão, como forma de institucionalizar sua prevenção e combate. O que poderá contribuir com a melhoria das condições de convivência ética, respeitosa e solidária no ambiente escolar promovendo uma educação em valores de respeito a si e ao próximo. Tal perspectiva exercerá efeitos positivos sobre a saúde psicológica e emocional dos protagonistas que contarão com um ambiente de convivência social positivo de promoção do bem estar psicossocial e respeito mútuo.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo nos mostra e reforça o que a literatura vem afirmando a algum tempo que o bullying é um fenômeno universal e está presente em toda e qualquer escola, independente de ser pública ou privada, de sua localização, turno e do poder aquisitivo de sua clientela. O que pode variar são as características das formas de manifestações em alguns países, e os índices encontrados em cada escola, em maior ou menor grau, de acordo com suas próprias peculiaridades.

Preocupa-nos o fato de que esses índices tendem a se expandir cada vez mais nos próximos anos em todo o mundo. Ao que tudo indica esse aumento rápido se deve ao desconhecimento do fenômeno, o que dificulta o desenvolvimento de ações eficazes e ao fato de o bullying acontecer dentro de um ciclo perverso onde as vítimas tendem a reproduzir os maus-tratos sofridos nos mais diversos contextos o que agrava ainda mais o problema.

Diante desse cenário preocupante, sabemos que não é tarefa fácil enfrentar um fenômeno que é tão complexo e que têm em seu nascedouro inúmeros e variados fatores. Não tem uma receita pronta a ser seguida na incumbência de sanar o problema, nem tão pouco existe solução simples para a sua resolução. Identificar uma ação como bullying não é tarefa simples, por isso é de importância fundamental que os diversos profissionais tenham pleno entendimento do fenômeno para que os encaminhamentos, entendimentos e procedimentos não sejam equivocados. A diferença, para observadores externos ao grupo de pares, entre o bullying e as brincadeiras sadias da infância, às vezes, é muito tênue, podendo passar despercebida, o que não diminui a gravidade do problema.

Deve-se atentar que o bullying é um importante aspecto da violência social e escolar, ainda tratado por muitos como um fenômeno natural, onde pouquíssimas escolas conhecem e combatem o problema cujo crescimento vem despertando atenção à necessidade de seu enfrentamento. É urgente o desenvolvimento de programas antibullying, que envolva toda a comunidade escolar em parceria com as diversas instituições e membros da sociedade. Para tanto, aonde se queira combater o fenômeno é necessário estudos direcionado ao contexto escolar de interesse. Vale mencionar que cada escola deve ser vista como única, e que as estratégias de enfrentamento a serem desenvolvidas devem considerar sempre as características sociais, econômicas e culturais de sua população. Sabe-se que programas desenvolvidos em uma determinada localidade, podem não ser eficazes em outras. Acredita-se que se existe uma cultura de violência, que se dissemina entre as pessoas, podemos disseminar uma contracultura de paz. Se assim conseguirmos plantar nos corações das crianças as sementes da paz, solidariedade, tolerância, respeito ao outro e o amor, poderemos vislumbrar uma sociedade mais equilibrada, justa e pacífica (FANTE; PEDRA, 2008).

É verdade que inúmeros programas antibullying bem sucedidos estão sendo desenvolvidos nas mais diversas partes do mundo, na tentativa de reduzir esse tipo de

comportamento. De forma pioneira, no Brasil, durante os anos letivos de 2002 a 2004, a pesquisadora Cleo Fante, desenvolveu e implantou o programa antibullying denominado de “Programa Educar Para a Paz”, em uma escola de São José do Rio Preto. Os resultados alcançaram índices excelentes de redução do comportamento agressivo e uma significativa melhoria nas relações entre alunos e professores, bem como no desempenho escolar dos alunos. Inicialmente as pesquisas apontavam um índice de 26% de vitimização; posteriormente no segundo semestre esses índices passaram para 10%, e após dois anos de trabalho os resultados indicavam que haviam alcançado resultados toleráveis de apenas 4% de vitimização.

O “Programa Educar para a Paz” pode ser descrito como um conjunto de estratégias psicopedagógicas que se fundamenta nos princípios de solidariedade, respeito e tolerância às diferenças. O programa envolve toda a comunidade escolar, os pais e também a comunidade onde a escola está inserida. As estratégias do programa incluem trabalhos individualizados com os envolvidos em episódios de bullying objetivando à inclusão e o fortalecimento da auto-estima das “vítimas” e a canalização da agressividade do “agressor” em ações pro-ativas, bem como o envolvimento de toda escola, pais e a comunidade em geral. Nesse movimento, Grupos de “alunos solidários” atuam como “anjos da guarda” daqueles que apresentam dificuldades de relacionamento, dentro e fora da escola. Grupos de “pais solidários” auxiliam nas brincadeiras do recreio dirigido, junto aos “alunos solidários”. A interiorização de valores humanistas, bem como a discussão de “situações-problema” de cada grupo-classe, são estratégias que visam à educação das emoções, sendo desenvolvidas semanalmente, durante o encontro entre os tutores e suas turmas. Ações solidárias em prol de instituições filantrópicas são objetivos comuns a serem alcançados pela escola e comunidade.

O “Programa Educar para a Paz” vem sendo implantado com êxito em inúmeras escolas de todo o país por ser de fácil adaptação a realidade escolar e por apresentar resultados positivos em curto prazo. Atualmente o Programa oferece cursos a fim de multiplicar seus agentes, atendendo a rede pública e particular de ensino, além de cursos de pós-graduação, com fundamentação em Psicanálise e Inteligência Multifocal. O contato com os profissionais de educação revelou que um número expressivo deles esteve envolvido em episódios de bullying quando alunos e que levam consigo consequências até os dias atuais.

Sabe-se que a ação das escolas no combate ao bullying no Brasil ainda se dá de maneira incipiente, porém nos traz certo conforto saber que já existem iniciativas bem sucedidas, como mencionadas anteriormente, sendo executada visando combater o problema. O que se percebe é que a grande maioria das escolas não estão preparadas para enfrentar e combater a violência entre seus alunos. Isso sem dúvidas se deve a falta de conhecimento no assunto, a omissão, a certo comodismo e a negação ao fenômeno. É de suma importância o interesse das escolas em aderir iniciativas em prol de um ambiente escolar mais seguro, pacífico e saudável.

Segundo Silva (2010) para mudar esse cenário, as escolas precisam de início reconhecer a existência do bullying (em suas diversas formas) e tomar consciência das consequências que ele pode acarretar ao desenvolvimento socioeducacional, bem como para a estruturação da personalidade de seus estudantes. Outro passo importante conforme Silva (2010) é a capacitação dos profissionais para identificar, diagnosticar, intervir e encaminhar adequadamente todos os casos registrados em suas dependências. Por último, as instituições de ensino devem levar a discussão o tema a fim de mobilizar toda a comunidade escolar para que estratégias preventivas sejam executadas de imediato com a intenção clara de enfrentar o problema. É de grande relevância, também, as parcerias com as instituições públicas ligadas a educação e ao direito da criança e do adolescente, de forma que juntas possam oferecer uma ação mais rápida e consistente de enfrentamento ao problema (SILVA, 2010).

Trautmann (2008) nos apresenta um panorama de alguns programas preventivos antibullying, classificando-os em três principais tipos. Primeiro as intervenções individuais em que crianças e jovens aprendem habilidades sociais de maneira semelhante a terapia cognitivo-comportamentais. Apesar de ter mostrado alguns resultados positivos em crianças pequenas e nas vítimas de bullying, não houve resultados positivos em relação aos agressores. Esse tipo de intervenção claramente não reduziu o problema do bullying escolar.

O outro tipo de intervenção é a curricular que visa promover atitudes antibullying em sala de aula, com uso de vídeos, grupos de reflexão, aquisição de valores e habilidades sociais, com a tolerância pelas diferenças, ensino de assertividade para agressores e de atitudes positivas por parte das testemunhas. São intervenções mais atrativas, uma vez que requerer menos recursos, pessoas e esforço. Esperava-se que esse tipo de intervenção gerasse resultados satisfatórios, no entanto, pesquisas alertavam que

esse tipo de intervenção não melhorava o problema, não houve redução do comportamento bullying e os menos beneficiados eram as crianças pequenas. A causa do fracasso seria o fato de que o bullying é um processo sistêmico grupal e envolvem agressores, vítimas, adultos, pais, ambiente escolar e ambiente do entorno. Nesse quadro seria insuficiente que a intervenção em um único segmento (no caso, entre alunos) gerasse algum impacto realmente efetivo.

Por ultimo, apresenta a propostas de intervenção integral: são multidisciplinares e se realizam em diversos níveis da organização do colégio, indo além da sala de aula.

Busca desenvolver trabalhos em todos os âmbitos que o bullying se faz presente, envolvendo alunos, professores, direção, vigias, merendeiras, pais, ambiente escolar e toda a comunidade. O maior sucesso dessas modalidades de programas preventivos mostra que o problema se origina, de fato, em processos mais amplos de interação social, não ficando restrita apenas a interação entre alunos.

De acordo com a Abrapia (2003) para implantar um programa antibullying deveria levar em conta alguns critérios: não existe solução simples para a resolução do bullying; o fenômeno é multideterminado; cada escola deve desenvolver sua própria estratégia e estabelecer suas prioridades no combate ao bullying; e trabalhar em conjunto alunos, pais, professores e gestores, no treino de habilidades social.

Segundo Fante (2005) algumas iniciativas podem ser aplicadas na prática pedagógica: a partir da própria experiência no cotidiano o aluno deve ser esclarecido sobre o fenômeno e suas consequências; por meio de conscientização os alunos devem ser capazes de desenvolver a empatia e perceber as implicações e os sofrimentos causados por esse tipo de comportamento; que os alunos se comprometam com o bem-comum, transformando o ambiente escolar e um local pacífico. Esses conceitos poderão ser executados pelo educador através de dinâmicas, trabalhos coletivos, trabalhos em geral. Assim, os alunos poderão perceber qualidades e defeitos do outro por meio da convivência entre eles.

Lopes Neto (2005) considera que os programas de combater ao bullying devem levar em conta que cada escola deve ser vista como única, devendo-se trata-las de forma diferenciada. Assim, as estratégias desenvolvidas em cada uma delas devem levar em consideração suas particularidades. É de extrema relevância o envolvimento de toda a comunidade escolar na execução do programa para estabelecer normas mais consistentes. As ações devem priorizar a conscientização de todos, bem como o apoio as

vítimas para que se sintam seguras e protegidas. Os agressores devem ser chamados a refletir sobre a incorreção de sua conduta e se comprometer na garantia de um ambiente seguro e pacífico (LOPES-NETO, 2005).

O especialista americano em treinamento antibullying Joel Haber (2012), dedicou mais de vinte anos à identificação, prevenção e redução de comportamentos abusivos em adultos e crianças. Estudou a dinâmica do bullying em vários ambientes, dentre os quais o doméstico e o escolar, nos apresenta um exemplo de plano de ação antibullying de uma escola americana. Ressalta que alguns estados americanos exigem que cada escola possua uma política contra o bullying, outros ainda não fazem tal exigência, porém existe uma grande pressão da opinião pública para que toda as escolas adotem o seu.

O plano de ação apresentado por Haber (2012) se resume da seguinte forma: o comprometimento da escola em oferecer um ambiente seguro e protegido a todos os membros de sua comunidade e a não tolerância de qualquer comportamento que viole o direito físico e emocional do ser humano. É necessário o comprometimento dos membros da equipe profissional de maneira a oferecer sempre exemplos positivos; estar conscientes dos tipos de comportamentos bullying para a identificação; estarem atentos quando as crianças estiverem em lugares menos supervisionados e sejam mais proativas, oferecendo uma supervisão mais responsável; estabeleça com prioridade ajuda às vítimas; registre qualquer ocorrência de bullying; encaminhe toda a documentação referente ao bullying às pessoas responsáveis pelas medidas disciplinares; mantenham em sigilo todos os relatos de bullying, assim como todos os incidentes. Para os alunos é preciso que evitem a prática do bullying contra qualquer outra pessoa; façam algo para alertar os adultos ou ajudar as vítimas caso o bullying ocorra; façam relatos confiáveis aos adultos; participem de uma comunidade de observadores e ajudem o menos favorecidos. Para os pais é necessário que incentivem seus filhos a segurança dos alunos; incentive a apoiarem qualquer criança que se sentirem ameaçada; incentive os filhos a informarem os adultos sobre os episódios de bullying; documente qualquer situação de bullying; converse com a equipe profissional de forma respeitosa; incentive as crianças para que sejam membros generosos da comunidade; aceitem a reação da escola ao bullying.

Caso o bullying aconteça a equipe profissional tomará imediatamente as providências, os responsáveis pelas medidas disciplinares analisará e conduzirá a

situação, o ofensor será chamado a refletir sobre seu comportamento e possíveis consequências, a vítima será assistida, os alunos poderão enfrentar as seguintes consequências: serem privados do recreio ou de outra atividade, os pais serem comunicados, ficarem mais tempo na escola, terem que estabelecer contratos comportamentais ou realizarem serviços comunitários, pagarem indenizações ou serem suspensos ou expulsos ou outras punições apropriadas a situações. Um dos objetivos desse plano de ação é conscientizar as pessoas sobre problemas relativos ao bullying e proporcionar mais consistência a maneira como a comunidade a lidar com o problema (HABER, 2012).

Um aspecto relevante que devemos levar em consideração quando se pensa em ações interventivas no combate ao bullying é que em alguns países o fenômeno se apresenta com algumas peculiaridades na sua forma de manifestação. Segundo Silva (2010) nos EUA o bullying tende a acontecer de modo mais grave com casos de homicídios coletivos, isso acontece pela grande facilidade de acesso que os jovens americanos têm a armas de fogo. Nos países europeus o bullying tende a se manifestar de forma de segregação racial, e até xenofobia. Já no Brasil as manifestações acontecem de forma parecida com os demais países, porém, com algumas peculiaridades o uso de violência com armas brancas ainda é superior que a exercida com armas de fogo, já que o acesso a elas ainda é restrito a ambientes sociais dominados pelo narcotráfico.

Silva (2010) ressalta ainda que a violência na forma de discriminação e segregação aparece mais em escolas particulares de alto poder aquisitivo, onde os descendentes nordestinos, ainda que economicamente favorecidos, costumam sofrer discriminação em função de seus hábitos, sotaques ou expressões idiomáticas típicas. Por esses aspectos é necessário sempre analisar, de maneira individualizada, todos os comportamentos de bullying, pois as suas variadas formas podem sinalizar com mais precisão as possíveis ações para a redução desse fenômeno nas escolas.

Para Smith (2002) as escolas, por sua vez, podem dar maiores ou menores oportunidades para a ocorrência de intimidação, em termos da natureza do ambiente escolar e do tipo de valores éticos que ali prevalecem, de haver ou não uma política escolar que de fato funcione e sanções contra a prática de intimidação, e de quais são as atitudes dos grandes grupos de colegas, na escola.

Muitos programas de intervenção não se mostram exitosos, um dos motivos seria a descontinuidade do processo de intervenção que estariam se restringindo em

ações pontuais. Segundo Smith (2002) não se pode pensar que os efeitos das intervenções prevaleçam depois de seu término ou que as escolas tenham a sensação de que o trabalho já foi feito, pois todas as indicações e todo o conhecimento que se tem sobre a questão sugerem que o trabalho de combate ao bullying, nas escolas, tem que ser um processo contínuo.

Para Fante e Pedra (2008) uma solução para o bullying e outros tipos de violência seria a disseminação da cultura da paz. Os profissionais da escola principalmente os professores, devem plantar nos corações dos educandos a cultura da paz, tolerância, solidariedade, o respeito às diferenças, a justiça, a cooperação a amizade e o amor. Dessa maneira, as crianças aprendem a respeitar e valorizar as diferenças de cada um, resolver seus conflitos e conviver em harmonia.

Somente através da educação é possível vislumbrar um futuro de paz, as crianças têm o poder de propagar ideias, levando as aprendizagens escolares para dentro de casa, uma educação inversa do que se espera, nesse caso, de filho para pais. Mas, para que de fato se concretize esse ideal é preciso o engajamento de toda a comunidade escolar, além de políticas públicas que invistam recursos na pessoa humana e na formação do educador (FANTE; PEDRA, 2008).

10. REFERÊNCIAS

ASSIS, et al. **Resiliência na adolescência**: refletindo com educadores sobre superação de dificuldades. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005. 56p.

ALBINO, P. L.; TERÊNCIO, M. G. Considerações críticas sobre o fenômeno do bullying: do conceito ao combate e à prevenção. **Revista Jurídica do Ministério Público Catarinense**, v.15, p.169-195, 2009.

ANTUNES, D. C. **Bullying**: Razão Instrumental e Preconceito. 1 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. 243p.

ALMEIDA, K. L.; SILVA, A.C.; CAMPOS, J. S. Importância da identificação precoce da ocorrência do “bullying”: uma revisão da literatura. São Paulo: **Revista de Pediatria**, v. 09, n. 01, p.8-16, 2008.

ABRAPIA. Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e adolescência. **Programa de Redução do Comportamento Agressivos entre Estudantes**. Rio de Janeiro, 2003, 22 p. Recuperado em 01 de abril, 2011, de: <http://www.bullying.com.br/BConceituacao21.htm#Mas>

AVILÉS, J.M.M. QIMEI: **Questionário de intimidações entre iguais**, Tese Doutoral não publicada. Univesidad de Valladolid, Espanha, 2002.

BANDEIRA, C. M. **Bullying: Auto-estima e diferenças de gênero**. 2009. 69p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Programa de Pós- Graduação em Psicologia do Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2009.

BARROS, C. S. G. Pontos de Psicologia do Desenvolvimento. São Paulo, Ática, 1993.

BANDEIRA, C. M.; HUTZ, C. S. As implicações do bullying na auto-estima de adolescentes. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 14, n. 1, p.131-138, 2010.

BEANE, A. **Proteja seu filho do bullying**: impeça que ele maltrate seus colegas ou seja maltratado por eles. 2 ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2011. 234p.

BERGER, K. S. Update on bullying at school: Science forgotten? **Developmental Review**, 27, p. 90-126, 2007.

BERNARDINI, C. H.; MAIA, H. Representações sociais de professores sobre o bullying. **Estudos Sobre Educação**, v. 16, n. 17, p.169-182, 1999.

BRASIL, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (LDB). Brasília. 30p. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/politica-publica/lei-diretrizes-bases-9321.shtml>>. Acesso em: 21 de março, 2012.

BRASIL, Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, e dá outras providências, 1990. Brasília. Recuperado: 03 de março de 2012, de http://www.amperj.org.br/store/legislacao/codigos/eca_L8069.pdf>.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. (1988). Brasília: Senado. Recuperado: 03 de março de, 2012, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm.

CAVALCANTE, M. Como lidar com as brincadeiras que machucam a alma. **Revista Nova Escola**, n. 178, p. 1-4, 2004.

CARVALHOSA, S. F.; LIMA, L.; MATOS, M. G. Bullying – A provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português. **Análise Psicológica**, v. 4, n. 20, p. 571-585, 2002.

CEMEOBES. Centro Multidisciplinar de Estudos e Orientação sobre Bullying Escolar. 2007. Recuperado em 05 de junho, 2013, de: cemeobes@terra.com.br

CHALITA, G. **Pedagogia da amizade – bullying**: o sofrimento das vítimas e dos agressores: Editora Gente, 2008. 281p.

CHIAPETTI, N. Comportamento de risco em pré-adolescentes e contextos de convivência: influencia do contexto escolar. **Revista eletrônica de psicologia**. Curitiba, jul. 2003. Apoio financeiro: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

COSTA, L. G. **A rede de apoio social de jovens em situação de vulnerabilidade social e o uso de drogas**. 2009. 93 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Instituto de psicologia programa de psicologia universidade federal do rio grande do sul, Rio Grande do Sul, 2009.

FANTE, C. Bullying no ambiente escolar. Recuperado em 05 de abril, 2013, de: www.bullying.pro.br

FANTE, C.; PEDRA, J. A. **Bullying escolar**: perguntas & respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008. 142p.

FANTE, C. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. Ed. Campinas, SP: Versus editora, 2005. 224 p.

FEIJÓ R. B.; OLIVEIRA E. A. Comportamento de risco na adolescência. **Jornal de Pediatria**, v.77, n. 2, p.125-134, 2001.

FILHO, J, M, P. “Bullying” pode dar cadeia no novo Código Penal. [Reportagem Marilu Cabañas]. **Jornal Brasil Atual**. Recuperado em 05 de maio, 2013, de: <http://www.redebrasilatual.com.br/radio/programas/jornal-brasil-atual/201cbullying201d-pode-dar-cadeia-no-novo-codigo-penal-1>.

FRANCISCO, M. V.; LIBÓRIO, R. M. C. Um Estudo sobre Bullying entre Escolares do Ensino Fundamental. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.22, n.1, p.200-207, 2008.

FERREIRA, J. M.; TAVARES, H. M. Bullying no ambiente escolar. **Revista da Católica**, Uberlândia, v. 1, n. 2, p. 187-197, 2009.

GROSSI, P. K.; SANTOS, A. M. Desvendando o fenômeno bullying nas escolas públicas de Porto Alegre, RS, Brasil. **Revista Portuguesa de Educação**, v.22, n. 2, p. 249-267, 2009.

GONÇALVES, C.; ANDRADE, F. O currículo do bullying na novela da vida. **Espaço do currículo**, v. 4, n. 1, p. 40-54, 2011.

HABER, J.; GLATZER, J. **Seu filho X bullying**: ajude seu filho a combater provocações, insultos e agressões. Barueri, SP: Novo Século Editora, 2012. 340p.

IBGE. Instituto Nacional Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/temas.php?codmun=130340&idtema=75&search=amazonas|parintins|estimativa-da-populacao-2012>>. Acesso em: 24 de setembro de 2013.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Censo Escolar. Disponível em:< <http://portal.inep.gov.br/basica-censo>>. Acesso em: 24 de setembro de 2013.

KOLLER, M.; POLLETO, S. H. Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 25, n. 3, p. 405-416, 2008.

LOPES NETO, A. A. Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de pediatria**, v. 81, n.5, p.164-172, 2005.

LISBOA, C.; BRAGA, L. L.; EBERT, G. O fenômeno bullying ou vitimização entre pares na atualidade: definições, forma de manifestação e possibilidades de intervenção. **Contextos Clínicos**, v. 2, n. 1, p. 59-71, 2009.

LISBOA, C. S. M. (2001). Estratégias de coping e agressividade: um estudo comparativo entre vítimas e não vítimas de violência. Dissertação de Mestrado não publicada. Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.

LAMB, J.; PEPLER, D. J.; CRAIG, W. Approach to bullying and victimization. **Can Fam Physician**, v. 55, p. 356 – 60, 2009.

LEMOS, A. C. M. Uma visão psicopedagógica do bullying escolar. **Revista psicopedagógica**, v. 24, n. 73, p. 68-75, 2007.

LEME, M. I. S. A gestão da Violência Escolar. **Revista Diálogo Educacional**, v. 9, n. 28, p.541-555, 2009.

MASCARENHAS, S. Gestão do bullying e da indisciplina e qualidade do bem-estar psicossocial de docentes e discentes do Brasil (Rodônia). **Psicologia, Saúde & Doenças**, v.7 n. 1, p. 95-107, 2006.

MARRIEL, L. C. et al. Violência escolar e auto-estima de adolescentes. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 127, p.35-50, 2006.

MALTA, D. C. et al. Bullying nas escolas brasileiras: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar. **Ciências & Saúde Coletiva**, v. 15, n. 2, p. 3065-3076, 2010.

MATOS, M. G. de.; S. CARVALHOSA, S. F. Violência na escola: vítimas, provocadores e outros. **Aventura Social & Saúde**, v. 2, n. 1, p. 1-6, 2001.

MARTINS, M. J. D. O problema da violência escolar: uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 18. n. 1, p. 9-115, 2005.

MESQUITA NETO P. et al. A prevenção do crime e da violência e a promoção da segurança pública no Brasil (Relatório de pesquisa/2004). Secretaria Nacional de Segurança Pública - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD)-Federação das Indústrias do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MOURA, R. M.; CRUZ, A. C. N.; QUEVEDO, L. A. Prevalência e características de escolares vítimas de bullying. **Jornal de pediatria**, v.87, n.1, p. 19-23, 2011.

OLIVEIRA, J. M. **Indícios de casos de bullying no ensino médio de Araraquara – SP**. 2007. 92 p. Dissertação (Mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente) - Centro Universitário de Araraquara – UNIARA, Araraquara, 2007.

PEREIRA, B. O. **Para uma escola sem violência**: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002. 363 p.

SENRA, L. X.; LOURENÇO, L. M.; B. O PEREIRA. Características da Relação entre Violência Doméstica e Bullying: Revisão Sistemática da Literatura. **Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 4, n. 2, p. 297-309, 2011.

SOLBERG, M. E.; OLWEUS, D. Bullies and victims at school: Are they the same pupils? **British Journal of Educational Psychology**, v. 77, p. 441-464, 2007).

SILVA LEME, M. A gestão da violência escolar. **Revista Diálogo Educacional**, v. 9, n. 28, p. 541-555, 2009.

SILVA, A. P.; FERREIRA, C. R. Continuidade/descontinuidade no envolvimento com o crime: Uma discussão crítica da literatura na psicologia do desenvolvimento. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 1, p. 573-585, 2002.

SILVA, A. B. B. Combater o bullying é uma questão de justiça: aprenda a identificar para prevenir e erradicar esse terrível fenômeno social. Cartilha - 2010 - projeto justiça nas escolas. Brasília: **Conselho Nacional de Justiça**, 2010. 16p.

SILVA, A. B. B. bullying: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. 188p.

SMITH, P. K. **Intimidação por colegas e maneiras de evitá-la.** In: DEBARBIEUX, E.; BLAYA, C. (orgs.). Violência nas escolas e políticas públicas. Brasília: UNESCO, 2002. p. 187-205.

TRAUTMANN, A. Maltrato entre pares o “bullying”. Una visión actual. **Revista Chilena de Pediatría**, v. 79, n. 1, p. 13 - 20, 2008.

11. ANEXOS

11.1 Anexo - 01

QIMEI: Questionário sobre Intimidação e Maltrato Entre Iguais – Educação Básica

Autoria: José María Avilés Martínez, (Adaptado de Ortega, Mora-Merchán, Mora y Fernández) Espanha, 2002. Tradução para português/Brasil: Mascarenhas 2007, UFAM.

Estudantes

A convivência diária com os colegas de grupo nem sempre é fácil. Às vezes surgem problemas e fatos com eles que nos fazem sentir-mos mal. Este questionário pretende conhecer um desses problemas de convivência. O assédio, cerco, ataque ou agressão ou *bullying*. Para conhecer melhor o problema e poder ajudar a todos que querem participar, é importante que leves a sério as perguntas apresentadas e que respondas com a maior sinceridade possível.

Há assédio, cerco, ataque ou agressão ou *bullying* quando alguns estudantes têm por costume intimidar e maltratar a outros ou outras companheiros/as repetidamente e durante bastante tempo, humilhando-os ou abusando deles de forma que não possam reagir ou defender-se. Quando são maltratados assim, utilizam agressões físicas como golpes, empurrões, tapas, são insultados, riem deles/as, exigem-lhes dinheiro ou que façam coisas que não querem, lhes ameaçam, lhes ignoram, são excluídos, recebem tratamento silencioso, são ameaçados, não se aproximam deles/as, falam mal deles/as e lhes difamam diante do grupo em geral.

Este comportamento produz tristeza, muita raiva, mal-estar e medo nas pessoas que são tratadas desta forma pelos “mandões” e pelo grupo direta ou indiretamente.

Desejamos ajudar a resolver este problema e solicitamos sua opinião neste questionário. Tenha em conta que é um questionário confidencial. Somente será conhecido pelo/a professor/a e pesquisadores/as. Não escreva nada neste questionário. Utilize somente a folha de resposta.

4. Ordene de 1 a 7 segundo tua opinião as formas mais frequentes de maltrato entre colegas da educação básica.
 - a) Insultar, por apelidos
 - b) Rir de alguém, deixar em ridículo
 - c) Fazer dano físico, dar tapas, empurrar

- d) Falar mal de alguém
- e) Ameaçar, chantagear, obrigar a fazer coisas
- f) Rechaçar, desprezar, isolar, não juntar-se com alguém, não deixar participar.
- g) Outros

2. Como está seu relacionamento com a maioria dos teus colegas?

- a) Bem com quase todos/as
- b) Nem bem nem mal
- c) Com muitos/as mal

3. Quantas boas amizades verdadeiras você tem na sua escola?

- a) Nenhuma
- b) 1
- c) Entre 2 e 5
- d) 6 ou mais

4. Quantas vezes você sentiu-se só no intervalo porque teus/tuas colegas não queriam estar contigo?

- a) Nunca
- b) Poucas vezes
- c) Muitas vezes

5. Como você está na escola?

- a) Bem, estou como gosto
- b) Nem bem nem mal
- c) Mal, não estou bem

6. Como teus professores te tratam?

- a) Normalmente bem
- b) Regular, nem bem nem mal
- c) Mal

7. Como você se encontra em sua casa?

- a) Bem estou como gosto
- b) Nem bem nem mal
- c) Mal, não estou como gosto

8. Com quem você vive em casa?

- a) Com meu pai e minha mãe
- b) Só com um deles
- c) Com outros familiares
- d) Outros

9. Alguma vez sentiu medo de vir à escola alguma vez?

- a) Nenhuma vez
- b) Algumas vezes
- c) Mais de quatro vezes
- d) Quase todos os dias

10. Assinale qual seria a causa desse medo (pode escolher mais de uma resposta)

- a) Não sinto medo
- b) Alguns professores ou professoras
- c) Um/a ou vários/as colegas
- d) Não saber fazer as coisas da classe
- e) Outros

11. Quantas vezes, nesta turma, alguns/mas colegas te intimidaram ou maltrataram?

- a) Nunca
- b) Poucas vezes
- c) Muitas vezes
- d) Quase todos os dias, quase sempre

12. Se alguns companheiros te maltrataram em alguma ocasião, desde quando acontecem estas situações?

- a) Ninguém nunca me intimidou.
- b) Há pouco tempo, algumas semanas.
- c) Há alguns meses.
- d) Durante todo o ano
- e) Desde sempre

13. O que sentes quando te acontece isso (agressões)?

- a) Não se metem comigo
- b) Não ligo, fico do mesmo modo, não me importo
- c) Preferiria que não me acontecesse isso
- d) Me sinto mal e não sei o que fazer para evitar

14. Se te intimidaram porque acredita que o fizeram? (pode escolher mais de uma resposta)

- a) Ninguém nunca me intimidou
- b) Não sei
- c) Porque os provoquei
- d) Porque sou diferente deles
- e) Porque sou mais fraco/a
- f) Para me maltratar/molestar
- g) Por gostar de uma brincadeira
- h) Porque mereço
- i) Outros

15. Em que turma/classe estão os estudantes que normalmente intimidam seus/suas colegas? (pode escolher mais de uma resposta)

- a) Em minha mesma classe/turma

- b) Em meu curso/série, porém em turmas diferentes
- c) Em uma turma superior
- d) Em uma turma inferior
- e) Não sei

16. Quem são normalmente os que intimidam seus/suas colegas?

- a) Um colega
- b) Um grupo de colegas do sexo masculino
- c) Uma colega
- d) Um grupo de colegas do sexo feminino
- e) Um grupo de colegas do sexo masculino e feminino
- f) Não sei

17. Em que lugares normalmente acontecem estas situações de intimidação e maus tratos? (pode escolher mais de uma resposta)

- a) Na classe na presença de algum/a professor/a
- b) Na classe quando não tem nenhum/a professor/a
- c) Nos pátios da escola, e outros lugares do estabelecimento de ensino
- d) Nos banheiros
- e) No pátio quando algum professor/funcionário está presente
- f) No pátio quando nenhum professor/funcionário está presente
- g) Perto da escola na saída das aulas
- h) Na rua

18. Quem normalmente para as situações de intimidação?

- a) Ninguém
- b) Algum professor
- c) Alguma professora
- d) Outros funcionários

- e) Alguns companheiros
- f) Algumas companheiras
- e) Não sei

19. Se alguém te intimida, falas ou conversas com alguém sobre o que te acontece? (Pode escolher mais de uma resposta)

- a) Ninguém me intimida
- b) Não falo com ninguém
- c) Com os/as professores/as
- d) Com minha família
- e) Com companheiros/as

20. Seria capaz de intimidar ou maltratar alguns de teus companheiros ou companheiras em alguma ocasião?

- a) Nunca
- b) Sim, se me provocam antes
- c) Sim, se estou em um grupo que o faz
- d) Sim, creio que o faria

21. Tens intimidado ou maltratado algum companheiro ou alguma companheira?

- a) Nunca me meto com ninguém
- b) Alguma vez
- c) Com certa frequência
- d) Quase todos os dias

22. Quantas vezes você participou em intimidações ou maus tratos a teus companheiros ou companheiras durante o trimestre?

- a) Nunca
- b) Menos de cinco vezes

- c) Entre cinco e dez vezes
- d) Entre dez e vinte vezes
- e) Mais de vinte vezes

23. Como você se sente quando intimidada ou maltrata outro/a companheiro/a?

- a) Não intimido nem maltrato ninguém
- b) Me sinto bem
- c) Me sinto mal
- d) Noto que os demais me admiram
- e) Que sou mais forte/duro/a que ele/a
- f) Que sou melhor que ele/a

24. Se já participastes de situações de intimidação com teus/tuas companheiros/as por que o fizestes? (Pode escolher mais de uma resposta)

- a) Não intimidei nem maltratei ninguém
- b) Porque me provocaram
- c) Porque outros me fizeram o mesmo, me maltrataram e intimidaram
- d) Porque são diferentes (ciganos, deficientes, estrangeiros, migrantes, negros, índios, mestiços ou de outros lugares)
- e) Porque eram mais fracos/as
- f) Por maltratar, molestar
- g) Por gostar de uma brincadeira
- h) Outros

25. Se já intimidastes ou maltratastes algum/a companheiro/a, alguém te disse algo a respeito? (Pode escolher mais de uma resposta)

- a) Não intimidei nem maltratei ninguém
- b) Ninguém me disse nada
- c) Sim, a meus professores pareceu um mau comportamento
- d) Sim, a minha família pareceu um mau comportamento

- e) Sim, a meus companheiros pareceu um mau comportamento
- f) Sim, meus professores me disseram que foi um bom comportamento
- g) Sim, minha família me disse que foi um bom comportamento
- h) Sim, meus companheiros disseram que foi um bom comportamento.

26. Quando você maltrata ou intimida alguém, o que fazem seus companheiros?

- a) Não maltrado ou intimido ninguém
- b) Não fazem nada
- c) Não gostam, me desprezam, excluem
- d) Me animam, me ajudam

27. Com que frequência tem acontecido maus tratos ou intimidações (por apelidos, deixar em ridículo, bater, dar uns tapas, empurrar, ameaçar, desprezar, excluir, não se aproximar, dar um tratamento silencioso e outros comportamentos parecidos) em tua classe/ durante o ano?

- a) Nunca
- b) Menos de cinco vezes
- c) Entre cinco e dez vezes
- d) Entre dez e vinte vezes
- e) Mais de vinte vezes
- f) Todos os dias

28. O que você pensa dos/as meninos/as que intimidam ou maltratam os/as outros/as?

- a) Compreendam que o façam com alguns/as companheiros/as
- b) Me parece muito mau
- c) É normal que aconteça entre colegas
- d) Fazem muito bem, têm seus motivos
- e) Nada, me afasto do tema

29. Por que acreditas que alguns/as meninos/as maltratam ou intimidam outros/as?
(Pode escolher mais de uma resposta)

- a) Por maltratar, molestar
- b) Porque se meteram com eles
- c) Porque são mais fortes
- d) Por fazer uma brincadeira
- e) Outras razões

30. Que costumavas fazer quando um/a colega intimida outro/a?

- a) Nada, me afasto do tema
- b) Nada embora acredite que deveria fazer algo
- c) Aviso a alguém que possa parar a situação
- d) Tento cortar a situação pessoalmente
- e) Participo da intimidação também

31. Acreditas que conseguirias solucionar este problema?

- a) Não sei
- b) Não
- c) Sim
- d) Não se pode solucionar

32. Que teria que acontecer para se solucionasse o problema?

- a) Não se pode solucionar
- b) Não sei
- c) Que façam algo os/as professores/as, as famílias, os/as companheiros/as

33. Quando alguém te intimida, como é sua reação?

- a) Ninguém nunca me intimidou ou maltratou
- b) Fico paralisado/a

- c) Não me importo, não demonstro nada
- d) Lhes intimido e maltrato também
- e) Me sinto impotente

34. Quando participas como espectador/a, observador/a de atos de maus tratos e intimidação contra teus/tuas colegas, de que lado você fica?

- a) Quase sempre a favor da vítima
- b) Quase sempre a favor do agressor
- c) Algumas vezes a favor da vítima e outras do/a agressor/a
- d) A favor de nenhum dos dois

35. Depois do que respondeu neste questionário, como te consideras mais?

- a) Preferentemente vítima
- b) Preferentemente agressor/a
- c) Preferentemente espectador/a observador/a
- d) Mais agressor/a, um pouco vítima
- e) Mais vítima e um pouco agressor/a
- f) Vítima e agressor/a

Agradecemos sua colaboração.

11.2 Anexo - 02

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UFAM

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA – PPGPSI

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Maria Angélica de Souza Silveira, pesquisadora da UFAM, do programa de pós-graduação em Psicologia, localizada na Av. General Rodrigo Otávio Jordão Ramos, 3000 Campus Universitário Setor Sul, Bloco X - CEP: 69077-000 - Manaus-AM, fone: (92) 3305-4127, e-mail: ppgpsiufam@gmail.com. Estou solicitando a colaboração de seu filho para participar de uma pesquisa que vou desenvolver cujo título é “Diagnóstico e gestão do bullying como condição para melhoria dos indicadores de bem-estar psicossocial na educação básica – necessidade de investigação e intervenção no contexto Parintins/Amazonas”. Tendo em vista a idade do seu filho menor de 18 anos, e sua situação de não emancipação, peço que o Senhor (a) assim o autorize.

O objetivo deste estudo, de modo geral, é investigar/identificar a ocorrência do fenômeno bullying entre os estudantes do ensino fundamental.

Caso seu filho aceite participar da pesquisa, ele deverá responder um questionário sobre intimidação e maltrato entre estudantes. Esse conhecimento é importante na elaboração de programas direcionados a criação de políticas para combater a agressão/bullying entre estudantes em contexto escolar.

Se o (a) senhor (a) autorizar a participação de seu filho, e ele também aceitar colaborar, poderá, se quiser, desistir a qualquer momento, sendo que nem sua participação nem sua eventual desistência acarretarão qualquer consequência para ele em relação à escola, a sua saúde ou dano pessoal.

O (a) senhor (a), se desejar, poderá solicitar informações sobre a pesquisa a qualquer momento. Se tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UFAM), Rua Teresina, 495 – Adrianópolis, em Manaus – AM, fone: (92) 3305-5130, e-mail: cep@ufam.edu.br.

Não existirá despesas ou compensações pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à participação do(a) seu(sua) filho(a). Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelo orçamento da pesquisa.

Os dados da pesquisa são absolutamente sigilosos. Os resultados poderão ser publicados em livros ou revistas científicas, mas as informações serão consideradas sempre em conjunto com a de outros participantes. O questionário que o seu filho responderá ficará arquivado e o nome dele jamais será revelado.

O presente termo é elaborado em duas vias de igual teor, sendo uma via para o Senhor (a), e outra que ficará arquivada comigo.

Consentimento Pós-informação

Acredito ter sido suficiente informado a respeito das informações que li descrevendo o estudo “Diagnóstico e gestão do bullying como condição para melhoria dos indicadores de bem-estar psicossocial na educação básica – necessidade de investigação e intervenção no contexto Parintins/Amazonas.”

Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes.

Ficou claro também que a participação do(a) meu(minha) filho(a) é isenta de despesas e que tenho garantia do acesso aos resultados e de esclarecer minhas dúvidas a qualquer tempo. Concordo voluntariamente em permitir a participação do(a) meu(minha) filho(a) deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidade ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido, ou de meu atendimento.

Eu entendi as informações que me foram fornecidas e autorizo a participação de meu filho _____ (a) nesta pesquisa.

_____ Data ____/____/____

Assinatura do pai (mãe) ou responsável

Nome:

Endereço:

RG.

Fone:

_____ Data ____/____/____

Assinatura da pesquisadora

Fone: (92) 82104884

11.3 Anexo - 03

CARTA PEDINDO AUTORIZAÇÃO A ESCOLA CAMPO



UFAM
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS -
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA – PPGPSI
"Campus" de Manaus - Av. General Rodrigo Otávio Jordão Ramos nº3000
Campus Universitário Setor Sul, Bloco X, 69077-000 - Manaus-AM
e-mail: ppgpsiufam@gmail.com – site: <http://www.ppgpsi.ufam.edu.br/>

Ilma Sra. NADIR THOMASSEN CORRÊA
Diretora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Lila Maia
Rua: Guajarina Prestes, 850
Parintins – AM

Prezada Sra,


Apresente é para solicitar a V.Sa. autorização para que a discente MARIA ANGÉLICA DÉ SOUZA DA SILVEIRA (RG 1659313-8), aluna regularmente matriculada no curso de pós-graduação em Psicologia desta universidade, possa coletar dados para o projeto intitulado "DIAGNÓSTICO E GESTÃO DO BULLYING COMO CONDIÇÃO PARA MELHORIA DOS INDICADORES DE BEM-ESTAR PSICOSSOCIAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA - NECESSIDADE DE INVESTIGAÇÃO E INTERVENÇÃO NO CONTEXTO PARINTINS/AMAZONAS" (em anexo), junto a estudantes que frequentam o estabelecimento de ensino sob vossa direção.

A coleta de dados, a ser feita por meio de um questionário (ver roteiro em anexo), só se dará com os alunos que decidirem colaborar voluntariamente com a pesquisa, e para os quais se tiver conseguido a autorização dos pai/responsáveis.

Essa pesquisa é coordenada e supervisionada por mim SUELY APARECIDA DO NASCIMENTO MASCARENHAS, professora do programa de pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas.

Colocando-nos a sua inteira disposição para quaisquer outros esclarecimentos, agradecemos a atenção dispensada.

Manaus, 24 de abril de 2012.


Profª Dra Suely Aparecida do Nascimento Mascarenhas

Autorizado:

Assinatura: Nadir Thomassen Corrêa

Diretora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Lila Maia Data: 02/05/2012

Profa Dra Suely Aparecida do Nascimento Mascarenhas
e-mail: suelymascarenhas1@yahoo.com.br - Fone: (97) 3373 1180